

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

"AS MANIFESTAÇÕES RITUAIS NAS ORGANIZA  
ÇÕES E A LEGITIMAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS  
ADMINISTRATIVOS"

Autora: NEUSA ROLITA CAVEDON

Orientador: Prof. ROBERTO COSTA FACHIN

Co-Orientador: Prof. SÉRGIO ALVES TEIXEIRA

Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Administração como  
requisito para a obtenção do título de  
Mestre em Administração.

PORTO ALEGRE

1988

COMISSÃO EXAMINADORA

Roberto Costa Fachin  
Professor Orientador

Sérgio Alves Teixeira  
Professor Co-Orientador

Edi Madalena Fracasso  
Professora Examinadora

Roberto Venosa  
Professor Examinador

Data da Aprovação .... / .... / ....

Aos meus pais

## A G R A D E C I M E N T O S

Ao ler-se uma dissertação de mestrado, enquanto produto acabado, torna-se difícil imaginar o processo cumulativo de esforços, não só do pesquisador, mas de todas as pessoas que o auxiliaram no sentido de tornar concreto o seu objetivo, ou seja, o de contribuir com uma pequena parcela para a evolução do conhecimento da humanidade. A abrangência e a responsabilidade que tal tarefa imputa ao pesquisador, faz com que, em diversas ocasiões, ele se sinta incapaz de corresponder às expectativas criadas em relação ao seu trabalho, porém é neste momento que uma palavra de amizade, de incentivo, transforma o esmorecimento em coragem e em obstinação, na busca da verdade, na procura do caminho sem fim da curiosidade científica.

No caso específico desta pesquisa, ela não teria se transformado em realidade, não fosse o apoio de inúmeras pessoas, às quais eu gostaria de apresentar os meus mais sinceros agradecimentos.

Aos meus pais, pelo amor, carinho, incentivo e dedicação com que possibilitaram a minha formação.

A todos os professores, com os quais tive oportunidade de conviver até o presente momento. Mas, um agradecimento especial a cada um dos professores do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal

do Rio Grande do Sul.

À professora Anna Carolina K. P. Regner, por ter-me ensinado que vive-se de forma absoluta, conquanto tudo seja relativo.

Ao professor Antonio Carlos C. Fraquelli, por ter-me propiciado o reencontro com as Ciências Econômicas.

Ao professor José A. Giusti Tavares, por mostrar-me que uma aula repleta de digressões pode acrescentar uma bagagem substancial de conhecimentos aos alunos.

À professora Vera Storck, amiga, que despertou em mim, o gosto pela pesquisa.

À professora Carmem Catarina S. Handel, por ter-me desvendado os paradigmas que norteiam a Educação.

Ao professor Antônio Carlos Santos Rosa, pela confiança, amizade e incentivo dados.

À professora Cladis Bassani Junqueira, por ter-me transmitido que o único caminho capaz de transformar o mundo é o da Educação.

À professora Eda Conte Fernandes, por ter-me ensinado a importância de um trabalho metódico e organizado.

Ao professor Fernando Bins Luce, pela visão de marketing que me proporcionou.

Aos professores Manoel Luiz Leão e Angela Brodbeck e Tom Price, pelos conhecimentos, no que tange aos Sistemas de Informações Gerenciais.

Ao professor Francisco Pedro E. Pereira de Souza, por ter-me ensinado a importância do consenso obtido através da negociação.

À professora Maria Terezinha Albanese, pelos en-

sinamentos concernentes aos métodos estatísticos.

Ao professor Alberto Marchesi, pelos conhecimentos obtidos na disciplina Desenvolvimento de Recursos Humanos.

À professora Maria Beatriz Luce, por ter-me ensinado a refletir criticamente acerca do planejamento.

Às professoras Valmiria Piccinini e Rosinha Machado Carrion, pelos ensinamentos no campo da Sociologia.

Ao professor Paulo Cesar Delayti Motta, pela sua criatividade intelectual, afora a paciência com que sempre me escutou.

À professora Edi Madalena Fracasso, pelo apoio e pelas pertinentes críticas levantadas por ocasião da defesa da proposta de dissertação.

Ao professor Rubens Sant'Anna Filho, pela amizade, pelos ensinamentos em sala de aula e por ter-me aberto as portas da Rede Brasil Sul, onde realizei a minha pesquisa de campo.

Aos professores Arley J. M. de Freitas, Astor Eugênio Hexsel, Carlos Alberto Callegaro, Jaime Evaldo Fensterseifer, Walter Nique e demais professores do PPGA, pela amizade.

Ao meu orientador, professor Roberto Costa Fachin, pela amizade, pela confiança e pela liberdade concedidas na busca dos meus ideais.

Ao meu co-orientador, professor Sérgio Alves Teixeira, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela amizade, confiança, respeito e incentivo, renovados a cada etapa por mim vencida, além de ter-me permitido a apro

ximação com uma ciência tão instigante como a Antropologia Social.

Ao professor Lourival Vianna, do Museu de Comunicações Sociais, Hipólito José da Costa, por ter-me cedido os originais do seu trabalho.

A D. Ione Sirotsky e a toda Direção Geral da Rede Brasil Sul de Comunicações S/A.

Aos meus informantes da Rede Brasil Sul, pela amizade, pelo convívio e pelo interesse em ajudar, demonstrados em todos os momentos da pesquisa de campo.

A todos os funcionários do PPGA, pela enorme camaradagem e paciência.

Às bibliotecárias da Faculdade de Ciências Econômicas, pela prestimosa colaboração.

Aos meus colegas de curso, em especial, ao Osmar, ao Milton e à Ilse, pelo companheirismo.

Ao Ivo, pela compreensão e pelo apoio.

Aos meus amigos, pelas horas que lhes foram roubadas.

E, finalmente, o meu agradecimento a todas as pessoas que, de uma maneira ou outra, participaram desta pesquisa e não foram nominadas.

A bolsa de mestrado, obtida do CNPQ, durante trinta meses, e a bolsa concedida pela CAPES, nos últimos seis meses, constituíram-se no apoio institucional que viabilizou a realização do estudo.

## S U M Á R I O

	PÁG.
AGRADECIMENTOS	
LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE TABELAS	
LISTA DE ABREVIATURAS	
RESUMO	
ABSTRACT	
INTRODUÇÃO .....	20
CAPÍTULO I	
1. O GRUPO RBS E A SUA POSIÇÃO NO CONTEXTO HISTÓ - RICO DA IMPRENSA NO RIO GRANDE DO SUL .....	39
1.1 - O Grupo RBS .....	39
1.2 - A Evolução da Imprensa no Rio Grande do Sul .....	47
CAPÍTULO II	
2. O MITO DO FUNDADOR	
2.1 - Introdução .....	55
2.2 - Maurício: Vivo, uma Figura Carismática; Morto, um Mito .....	60
2.2.1 - A vida e a obra do empresário .....	60
2.2.2 - Reflexões sobre a biografia .....	74
2.2.3 - O ritual de sepultamento do empresário ..	76
2.2.4 - Reflexões sobre o ritual de sepultamento.	80
2.2.5 - As homenagens post-mortem prestadas ao fundador da RBS .....	84
2.2.5.1 - A Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho .	102
2.2.5.2 - A Memória RBS .....	110
2.3 - A Morte de Maurício e as Representações do Mito do Herói .....	119
2.3.1 - As circunstâncias da morte .....	123

	PÁG.
2.3.2 - Maurício vive! .....	127
2.3.3 - A exaltação das positivities .....	136
2.3.4 - Os funcionários da RBS e a narrativa do mito fundador .....	143
2.4 - Considerações sobre este Capítulo .....	155
 CAPÍTULO III	
3. OS RITOS DE PASSAGEM DA ADMINISTRAÇÃO DE RECUR - SOS HUMANOS .....	159
3.1 - Introdução .....	159
3.2 - A Admissão de um Funcionário Vista sob a Perspectiva Antropológica .....	163
3.3 - O Rito de Admissão Habitual .....	164
3.3.1 - A fase de separação .....	164
3.3.2 - A liminaridade .....	187
3.3.3 - A agregação .....	205
3.4 - O Ritual de Admissão de Executivos .....	208
3.5 - O Ritual de Admissão dos Jornaleiros e Entregadores .....	210
3.6 - O Ritual de Admissão, Barreira Ritualizada e Espaço Fragmentado .....	254
 CAPÍTULO IV	
4. COQUETÉIS, ALMOÇOS E JANTAS; O COTIDIANO CEDE LUGAR ÀS CELEBRAÇÕES .....	259
4.1 - Introdução .....	259
4.2 - A RBS Festeja os seus Jornaleiros .....	260
4.2.1 - O jornaleiro e a sua trajetória .....	260
4.2.2 - O Projeto Colibri .....	261
4.2.3 - O perfil dos jornaleiros da RBS .....	265
4.2.4 - O jornaleiro faz a leitura da sua rela- ção de trabalho .....	272
4.2.4.1 - A Carteira de Trabalho .....	272
4.2.4.2 - O crachá .....	277

	PÁG.
4.2.4.3 - O chefe de equipe .....	283
4.2.4.4 - O coordenador de vendas de jornais e a assistente social .....	286
4.2.4.5 - O Manual do Jornaleiro .....	287
4.2.5 - A Casa do Jornaleiro .....	287
4.2.6 - A Semana do Jornaleiro .....	293
4.2.7 - O Dia do Jornaleiro .....	297
4.2.8 - Os símbolos e as festas de fim de ano na Casa do Jornaleiro .....	310
4.2.8.1 - A decoração de Natal .....	310
4.2.8.2 - Os cestos de Natal .....	311
4.2.8.3 - O "Amigo Secreto" .....	312
4.3 - As Festas de Fim de Ano na RBS .....	318
4.3.1 - As festas departamentais .....	318
4.3.2 - A RBS presenteia os seus funcionários no final do ano .....	323
4.3.3 - Os jubilados 1987 .....	324
4.3.4 - Os 25 anos da RBS TV .....	326
4.4 - A RBS e as Datas Marcantes na Vida dos seus Funcionários .....	330
4.5 - A RBS Homenageia e é Homenageada pelo Pú- blico Externo .....	331
4.6 - Celebrações; Quando a Rotina se Veste a Rigor .....	342
CONCLUSÃO .....	345
BIBLIOGRAFIA .....	355

## L I S T A   D E   F I G U R A S

	PÁG.
Fig. 1 - O atual Presidente da RBS, o prédio de Zero Hora e o prédio Maurício Sirotsky Sobrinho .....	41
Fig. 2 - A sede do Diário Catarinense, em Florianópolis .....	41
Fig. 3 - Nova torre transistorizada, Rádio Gaúcha AM no parque técnico Maurício Sirotsky Sobrinho .....	42
Fig. 4 - Vibração e dinamismo em Rádio AM e FM ...	42
Fig. 5 - RBS TV Canal 12, Porto Alegre/RS .....	43
Fig. 6 - RBS TV Canal 4, Pelotas/RS .....	43
Fig. 7 - RBS TV Canal 12, Florianópolis/SC .....	44
Fig. 8 - O Prêmio Comunicação, em 82, conferido pela ABAP a Maurício .....	72
Fig. 9 - A medalha do Mérito Judiciário do Trabalho .....	72
Fig. 10 - No Carnaval a homenagem dos Imperadores do Samba .....	73
Fig. 11 - Funcionários e o povo choraram no adeus a Maurício quando o cortejo passou em frente ao prédio de Zero Hora .....	81
Fig. 12 - A última passagem frente à Zero Hora ....	82
Fig. 13 - Charge publicada no jornal Zero Hora, por ocasião do primeiro ano de falecimento de Maurício .....	92

	PÁG.
Fig. 14 - A cerimônia de inauguração da Escola Maurício Sirotsky Sobrinho .....	96
Fig. 15 - A viúva descerrou a foto de Maurício que se encontra na sala da direção da Escola.	96
Fig. 16 - Busto no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho .....	98
Fig. 17 - Um dos filhos, que é Vice-Presidente da RBS, falou em nome da família, na homenagem da cidade a Maurício .....	99
Fig. 18 - O Presidente da RBS lembrou o compromisso permanente com a comunidade, durante a homenagem da cidade a Maurício .....	99
Fig. 19 e 20 - O nome de Maurício gravado em uma das alamedas do Shopping .....	101
Fig. 21 - Marca da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho .....	106
Fig. 22 - A viúva situada próxima à foto de Maurício, enquanto eram assinados acordos beneficiando quatro obras sociais que atendem o menor .....	109
Fig. 23 - Planta Baixa da Memória RBS .....	112
Fig. 24 e 25 - Sala Maurício Sirotsky Sobrinho ....	113
Fig. 26 - Sala RBS .....	113
Fig. 27 - Sala Maurício Sirotsky Sobrinho .....	114
Fig. 28 - Anúncio recrutando entregadores de jornais em 1988 .....	211
Fig. 29 - Anúncio recrutando entregadores em 1987..	212
Fig. 30 - Anúncio recrutando Jornalheiros .....	212

Fig. 31 - A viúva passando às mãos do atual Presidente, por ocasião da posse, o crachá de Maurício .....	281
Fig. 32 - O Presidente da RBS, o Prefeito de Porto Alegre e um dos Diretores-Superintendentes da RBS, todos usando crachá .....	281
Fig. 33 - A Central de Atendimento aos Funcionários - Setor Jornaleiros .....	291
Fig. 34 - O jornaleiro na sua faina diária .....	291
Fig. 35 - Parte de um convite da festa do Dia do Jornaleiro .....	298
Fig. 36 - Um dos Diretores-Superintendentes da RBS, a Presidente Executiva da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, o Presidente da RBS e o jornaleiro que recebeu o troféu pela equipe vencedora do torneio de futebol .....	304
Fig. 37 - O jornaleiro e a alegria pela conquista do troféu .....	305
Fig. 38 - A Chegada do Papai Noel .....	337

L I S T A   D E   T A B E L A S

	PÁG.
1 - A Distribuição dos Anunciantes .....	45
2 - Os Veículos e o Faturamento .....	46
3 - A Presença no Mercado .....	46

L I S T A   D E   A B R E V I A T U R A S

1. RBS - Rede Brasil Sul de Comunicações S/A
2. ZH - Zero Hora
3. GEREX - Gerência Executiva
4. RH - Recursos Humanos

## R E S U M O

Este trabalho objetiva, à luz do referencial teórico da Antropologia, descrever os rituais da Administração de Recursos Humanos levados a efeito na Rede Brasil Sul de Comunicações S/A (RBS), enfatizando-se os ritos de passagem e as celebrações.

Por rito de passagem da Administração de Recursos Humanos entende-se o processo de admissão de um funcionário. O recrutamento e a seleção correspondem à fase de separação do rito de passagem; o período de experiência do funcionário que açambarca o treinamento de integração caracteriza a fase de margem; e a efetivação do funcionário configura a agregação.

As festas de final de ano, os jubilados, os 25 anos da empresa, a festa do Dia dos Jornaleiros, dentre outros eventos comemorativos, enquadram-se na categoria das celebrações. Essas celebrações são realizadas, pela empresa, visando a união do seu quadro funcional em torno dos objetivos organizacionais.

O mito do fundador é narrado, dado que, em todos os rituais executados na empresa, implícita ou explícitamente, ele se faz presente.

Os símbolos por fazerem parte dos rituais, também foram referenciados ao longo da dissertação.

Esta pesquisa pode ser classificada como um estudo exploratório, subtipo exploratório-descritivo combinados.

A análise e a interpretação dos rituais da RBS extrapolaram para o contexto mais amplo, na medida em que o caso estudado representa uma manifestação particular de um fenômeno geral.

No ritual o cotidiano é visto com outra roupagem, é onde determinados sentimentos de satisfação e de desagrado, apresentam-se manifestos, ao mesmo tempo em que outros aspectos, como a hierarquia e alguns preconceitos, são mascarados ou acentuados, tornando-se socialmente aceitos. Todavia, o ritual representa ainda, o locus capaz de permitir a externalização da forma de ser e de pensar da classe trabalhadora, não como um foco revolucionário, mas sim, como um espaço fragmentado, onde a rebelião e a manutenção do "status quo" coexistem.

Ao conhecer-se em detalhes os rituais engendrados pela empresa é possível fazer-se a leitura da sociedade na qual se vive e assim, compreender as representações dos indivíduos enquanto atores dessa construção social.

## A B S T R A C T

Taking into consideration the Anthropological theory, this thesis aims at describing the rituals of Administration of Human Resources carried out by the Rede Brasil Sul de Comunicações S.A. (RBS), giving special emphasis to the rites of passage and celebrations.

By passage of Administration of Human Resources we mean the process of hiring a funcionario. The recruiting and selection correspond to the separation phase of the rite of passage; the experience period of the funcionario which embodies an integration training characterizes the phase of margin; and the effectivity of the functionary denotes the aggregation.

The end-of-the-year celebrations, the jubilees, the 25<sup>th</sup> anniversary of the company, the celebration of Newsboys's Day, among other festivities are classified in to the category of celebrations. These celebrations are performed by the company in order to get their workers united around the organizational goals.

In all rituals performed by the company the myth of the founder is narrated and he is constantly present, whether implied or stated.

The symbols, being parts of the rituals, were also mentioned in the essay.

This research can be classified as an exploratory study, a sub-type combined into an exploratory-descriptive one.

Since each case represents a particular manifestation of a general phenomenon, the analysis and interpretation of the RBS rituals have extrapolated into a wider context.

In the ritual, the day-by-day is seen in a different way where certain feelings of satisfaction and discontent appear to be clear. At the same time, some other aspects like hierarchy and prejudice are masqueraded, becoming socially accepted. However, the ritual still represents the "locus" able to allow the work force to express their way of being and thinking, not as a revolutionary focus, but as a fragmented space where rebellion and the maintenance of the "status quo" live together.

Knowing in details the rituals generated by the enterprise, it is now possible to look into the society in which we live and therefore understand the performances of the individuals acting out in this social construction.

## I N T R O D U Ç Ã O

Este trabalho constitui-se em uma tentativa de se ver certas práticas administrativas sob a ótica da Antropologia Social. Não se trata de uma mera transposição de conceitos, incorrendo-se em uma Antropologia aplicada à Administração. Longe de se pretender a transformação da Antropologia em ciência aplicada, buscou-se mantê-la na forma substantiva, ou seja, como ciência básica. Só deste modo entende-se ser possível a leitura do espaço organizacional sob a perspectiva teórica de uma disciplina que prima pela relativização, evitando-se o que postula Guerreiro Ramos (1973), o "uso inadequado de conceitos" pela inadaptabilidade de um modelo originário de outra ciência à Administração.

Em sendo necessária uma caracterização, poder-se-ia identificar este estudo como uma pesquisa antropológica na Administração, mesmo correndo-se o risco de uma dada tendência, na medida em que a pesquisadora possui maior familiaridade com o conhecimento administrativo, mas tal problema encontra resposta exatamente na Antropologia Social, pois segundo Da Matta (1987)

"... para que o familiar possa ser percebido antropologicamente, ele tem que ser de algum modo transformado no exótico."

E acrescenta

"... quando falo em familiaridade, utilizo a noção como um modo de conduzir a reflexão para a dúvida"(p. 162).

Trata-se, portanto, da criação de um saber constituído pela aproximação do homem com o seu objeto de estudo, ao mesmo tempo em que requer um afastamento deste objeto, de forma a garantir uma posição de estranhamento frente à vivência diária do pesquisador.

Para Da Matta (1987) é preciso

"... tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder -- como etnólogo -- estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir ... o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação" (p. 157).

Ainda dentro deste enfoque, privilegiou-se uma tendência da Antropologia moderna de estudar fenômenos da própria sociedade na qual se vive, "produzindo uma nova e intrigante etnografia de nós mesmos" (Durham, 1986, p.17).

Com base nesta linha de reflexão foi escolhido o tema rituais, para servir de base ao desenvolvimento da pesquisa.

Iniciar com um exemplo de ritual talvez seja a maneira mais simples de elucidar o tema, mas não sem antes tecer um breve comentário sobre o alimento objeto da exemplificação.

No contexto culinário brasileiro, a feijoada, considerada alimentação de escravos em um passado recente,

foi apropriada e reelaborada pelas classes dominantes (O-liven, 1985, p. 11-2) transformando-se em um prato nacional, sendo cotidianamente servida em restaurantes dos centros urbanos.

A degustação desta iguaria com colegas em um restaurante próximo ao local de trabalho, pode não ser um procedimento ritual, mas, sem dúvida, ser convidado para uma reunião-almoço, em um hotel cinco estrelas, onde o palestrante é o Ministro da Fazenda, mesmo que o prato servido seja igualmente uma feijoada, este momento constitui-se em um extraordinário, em um rito, exatamente pela moldura especial que é atribuída ao cotidiano. Isto porque, para Da Matta (1983)

"... os rituais não devem ser tomados como momentos essencialmente diferentes (em forma, qualidade e matéria - -prima) daqueles que formam e informam a chamada rotina da vida diária" (p. 60).

No ritual os aspectos da vida diária são deslocados e colocados em destaque, razão pela qual para que um ritual possa ser interpretado é necessário conhecer o cotidiano da sociedade que o engendra, ou seja, entender as regras e valores que servem de pilares mantenedores da aquela construção social.

Cumpre salientar que um evento extraordinário é considerado como um rito, não pela frequência com que acontece, mas sim, pelo clima que envolve a situação. Ao tomar-se como exemplo, a troca de guarda no palácio da Rainha da Inglaterra, tem-se uma situação ritualizada pois, embora a ação ocorra com frequência, existe todo um envolvimento em termos de uma postura de imponência, dignidade

e solenidade.

Os dois exemplos relatados podem ser enquadrados como momentos ritualizados, tendo-se presente a noção de ritual pensada por Teixeira (1981). Para o referido autor, mais do que definir rituais, os antropólogos tendem a caracterizá-los como "situações marcadas pelo formalismo, pela solenidade, pelo cerimonial, pela observância de normas e práticas prescritas" (p. 1574).

É o caso de Turner (1980) que diz

"Entendo por ritual uma conduta formal prescrita em ocasiões não dominadas pela rotina tecnológica e relacionada com a crença em seres ou forças místicas" (p. 21).

A gênese dos rituais encontra-se na sociedade e é para ela que os mesmos são executados, daí porque os ritos "dizem coisas", "revelam coisas", "escondem coisas", "armazenam coisas", "fazem coisas" (Da Matta, 1983, p. 56).

Para Melatti (1978)

"Os ritos não serão considerados como tendo uma existência em si, mas como mensagens cuja transmissão se faz dentro de uma determinada sociedade e que têm implicações com a estrutura social" (p. 17).

O clássico trabalho de Clifford Geertz (1978) sobre as brigas de galos entre os balineses revela a função interpretativa do ritual, na medida em que Geertz consegue mostrar que este rito não visa reforçar a discriminação de status na sociedade balinesa, mas sim, possibilita que ao assistir e participar das brigas de galos, o balinês rece-

ba uma espécie de educação sentimental. Ou seja, para Geertz o ritual representa uma dramatização da vida social permitindo aos membros de uma sociedade falarem de si para si mesmos.

Todo acontecimento humano é passível de ser ritualizado, do nascimento à morte "porque tudo que faz parte do mundo pode ser personificado, colocado em foco e reificado" (Da Matta, 1983, p. 30). Assim, para Da Matta (1978), "nós fazemos ritos quando amamos e fuzilamos ..." (p. 11).

A distinção entre uma situação percebida como extraordinária e a rotina se dá em face da mudança de comportamento apresentada por aqueles que fazem parte da sociedade em questão, pois no ritual as coisas são postas de maneira explícita ou sutil, é através dele que o natural é transformado em social.

Autores consagrados chamaram a atenção para o grande significado dos rituais.

Segundo Wilson (apud Turner, 1974)

"Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo ... os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo no estudo dos ritos a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas"(p.19).

No caso brasileiro, por exemplo, a morte de um indigente é percebida como um fato rotineiro, sendo o seu sepultamento isento de qualquer cerimônia. Ao passo que o falecimento de uma figura eminente no cenário político,

empresarial ou cultural, a nível local ou nacional, é entendido como uma grande perda para os seus concidadãos ou compatriotas exigindo um sepultamento com toda uma gama de procedimentos altamente ritualizados, que inclui o desfile do cortejo fúnebre por ruas e avenidas da cidade e culmina com a presença de centenas de pessoas no enterro, sendo todos os momentos devidamente registrados pelos órgãos da imprensa escrita e falada. Tais situações podem em alguns casos gerar um sentimento de comoção generalizada entre a população de uma cidade, estado e até mesmo de um país.

Douglas (1976) afirma

"Como um animal social, o homem é um animal ritual. Se o ritual é suprimido de uma forma, ele aparece inesperadamente em outras, tão mais forte quanto mais intensa for a interação social. Sem cartas de condolência, telegramas de congratulações ou mesmo cartões-postais ocasionais, a amizade de um amigo que está longe não é uma realidade social. Ela não tem nenhuma existência sem os ritos de amizade" (p. 80).

E continua

"Os rituais sociais criam uma realidade de que não seria nada sem eles. Não é exagero dizer que o ritual é mais para a sociedade do que as palavras são para o pensamento. Pois é bem possível conhecer alguma coisa e então encontrar palavras para ela. Mas é impossível ter relações sociais sem atos simbólicos" (p. 80).

Por intermédio dos rituais os indivíduos são periodicamente adaptados e readaptados às normas e valores que norteiam o contexto social no qual eles estão inseridos. É Da Matta (1978) quem diz com muita propriedade serem os ritos

"... essas ações que tornam a rotina diária senão suportável ou justa, pelo menos revestem-na com um certo toque de mistério, dignidade e elegância"(p. 11).

Através dos rituais determinadas situações adquirem uma aparente impessoalidade, de tal sorte que aqueles envolvidos num processo ritual qualquer, mesmo quando penalizados, tendem a não se sentirem ofendidos e a não protestarem. É o caso do Vestibular onde os candidatos excluídos do ensino superior, por terem sido reprovados no exame, aceitam o fato como resultado da sua incapacidade, sentindo-se pessoalmente responsáveis pelo insucesso, pois a "exaltação dos habilitados, a crítica aos que não passaram e o conformismo destes, tudo isto induzido pelo rito ... produz um efeito imobilizador" (Teixeira, 1981, p. 1579), que mascara situações como a defasagem entre o número de candidatos que se submetem aos testes e o número de vagas disponíveis para cada curso. Devido ao rito, o sistema social proclama e confirma a sua imparcialidade no processo.

O ritual permite que as normas que guiam e controlam os indivíduos assumam um caráter de desejáveis. Resumindo: através do ritual a repressão passa a ser encarada como fator mantenedor dos preceitos morais ditos positivos. Por outro lado, as emoções básicas e grosseiras, via ritual, são buriladas e se enobrecem mediante o contato com os valores sociais.

A partir de trabalhos como o de Arnold Van Gennep (1908) e de Victor Turner (1969), o ritual passou a ser estudado em todas as suas etapas e não se levando em conta somente o seu clímax, isto é, o seu ponto máximo. Para estes autores é importante saber o que antecede o rito e o que lhe é subsequente.

É de Gennep o estudo sobre os ritos de passagem. Gennep, nascido na Alemanha, em 1873, veio a falecer na França, em 1957, tendo escrito, em Paris, a sua obra "Les rites de passage", no ano de 1908. A relevância do estudo de Gennep reside no fato de ele ter sido o primeiro a ver o ritual como um fenômeno independente, ou seja, como uma manifestação relativamente autônoma dos outros aspectos do mundo social, deixando de ser um complemento dos atos considerados mágicos.

Por "ritos de passagem" caracterizam-se as celebrações em que a mudança de um estado para outro (por exemplo, da infância para a adolescência) é posta em relevo; são ritos que acompanham toda a mudança de lugar, estado, de posição social e de idade. O fim de uma etapa da vida, ao marcar o início de outra, é permeada por um "rito de passagem".

Van Gennep identifica três momentos ou fases bem distintos dos ritos de passagem: separação, margem e agregação.

Gennep, ao referir-se à separação, citou as cerimônias funerais e a separação dos noivos de sua casa paterna, quando se casam; a margem está ligada à iniciação de um ou mais indivíduos, que são colocados na liminaridade do grupo social ao qual pertencem com o fito de receberem instruções especiais; a agregação seria, por exemplo, o matrimônio.

No primeiro momento do "rito de passagem", o da separação, ocorre o comportamento simbólico que significa o a-

fastamento de um indivíduo ou mais, de um ponto fixo da estrutura social, ou de um estado ou de ambos. O período liminar, de margem, caracteriza-se pela ambigüidade; os liminares não se situam aqui nem lá, não possuem portanto, status, propriedade, insígnias, ou seja, nada que os possa distinguir. O neófito ou os neófitos são homogeneizados. Na terceira fase, a da agregação, ocorre a reintegração: o indivíduo passa a ter um estado estável que lhe imputa direitos e obrigações (que se espera sejam observadas pelo detentor de tal posição social).

A necessidade de ter-se presente esta categoria de análise, prende-se ao fato de que, no corpo deste estudo, serão analisados os ritos de passagem da Administração de Recursos Humanos. Afora este aspecto, a própria empresa escolhida para a realização da pesquisa, a Rede Brasil Sul de Comunicações S/A (doravante designada RBS), com a morte de um dos seus fundadores, viu-se envolvida em um rito de passagem, com as três fases assim demarcadas: Na ocasião do falecimento houve a separação; o período de indefinição quanto à nova estrutura administrativa e às políticas empresariais caracterizou a margem; e a partir do momento em que os novos dirigentes fazem valer a sua autoridade e os seus pressupostos administrativos, tem-se a agregação.

Turner, baseado nos ritos de passagem de Genep, estudou os ritos de elevação e de reversão de status, que ocorrem na liminaridade. Os ritos de elevação de status, normalmente, açambarcam os ritos de crises-de-vida (nascimento, puberdade, casamento e morte) e os rituais de investidura em cargos; já, os ritos de calendário (relacionados aos modos de uma sociedade dividir em etapas do seu ciclo de atividades) e os rituais de crises grupais, podem ser enquadrados como ritos de reversão de status.

Nos ritos de elevação de status, aquele que aspira a uma posição estrutural mais alta, permanece durante um período na liminaridade, sendo transformado em homem comum e humilhado, como é o caso do "Insulto do Chefe Eleito", um rito que ocorre entre os ndembos (povo do noroeste de Zâmbia), analisado por Turner e que mostra toda uma arenga, onde o chefe é ofendido por aqueles que irão ser seus subalternos (Turner, 1974, p. 120-30).

O rito de reversão de status do Chefe mascara a situação dos fracos na medida em que lhes confere um poder e uma força que na realidade eles não possuem.

O ritual supra referendado apresenta esta dimensão, pois os subalternos são imbuídos do poder de agredir aquele que irá comandá-los.

No entender de Turner, tanto o ritual de elevação de status como o de reversão de status reforçam a estrutura; o primeiro age de forma a não contestar o sistema de posições sociais, enquanto o segundo não tem por objetivo eliminar as distinções estruturais, mas ao contrário, enfatizá-las de maneira caricata.

Por sua vez, Ortiz (1978) ressalta que os ritos de reversão de status tendem a reforçar a estrutura nas sociedades arcaicas, porque nelas é toda a ordem social que é ritualmente colocada em questão. Porém, ao pensar-se em termos de sociedades complexas, a reversão de status pode se tornar perigosa pois somente uma parte da ordem social é colocada em questão; sendo assim, a rebelião pode se transformar em revolução, daí porque o estabelecimento, pelas classes dominantes, de limites para a desordem ritual toda vez que alguma manifestação busque extrapolar as relações de poder existentes.

Os ritos de passagem continuam sendo estudados pelos antropólogos que buscam demonstrar outras facetas destes ritos, é o caso de Teixeira (1981) em seu estudo sobre o Vestibular, onde a dimensão de barreira ritualizada deste evento foi desvendada.

O entendimento do ritual como um fenômeno independente dos aspectos mágico-religiosos tem sido objeto de diversos estudos, os chamados rituais seculares mereceram inclusive um livro com este título, de autoria de Sally Moore e Barbara Myerhoff (1977).

Convém ressaltar, ainda, que nas sociedades capitalistas, onde o individualismo se faz presente de maneira acentuada, o ritual pode atuar no sentido de construir uma totalidade social, como um ponto de convergência social, de integração, de agregação de pessoas; assim como pode vir a reforçar a individualidade.

Os administradores, reconhecendo a importância dos rituais, desenvolveram trabalhos abordando esta temática. É o caso de Trice e Beyer (1984) que elaboraram um estudo objetivando, dentre outros aspectos, classificar os ritos que acontecem nas organizações. Na concepção dos dois pesquisadores, existem seis tipos de ritos: os ritos de passagem, os ritos de degradação, os ritos de engrandecimento, os ritos de renovação, os ritos de redução de conflitos e os ritos de integração.

Como exemplo de um rito de passagem em uma organização, os autores citam a admissão e o treinamento básico recebido por aqueles que ingressam no exército. Um rito de degradação seria a exclusão de um executivo do alto escalão de uma empresa, ao ser humilhado e culpado pelos problemas e fracassos organizacionais. Como ritos de engran-

decimento tem-se os seminários e as convenções. As atividades de desenvolvimento organizacional são vistas como ritos de renovação. O rito de redução de conflito consiste na barganha coletiva (negociação). Finalmente, os ritos de integração correspondem às festas de final de ano nos escritórios.

Além desta classificação, os autores alertam que os ritos e cerimoniais são usados nas organizações modernas para expressarem a ideologia das classes dominantes e, por via de consequência, manterem o "status quo".

Estes eventos abrem espaço para que os detentores do capital possam transmitir a filosofia, os valores básicos e as crenças que norteiam a linha de ação da empresa. É sabido que as empresas bem sucedidas são exatamente aquelas onde as crenças estão devidamente sedimentadas pelos funcionários (Peters & Waterman, Jr., 1983).

A crença de ser a melhor empresa, a crença na importância das pessoas como indivíduos, na qualidade superior dos produtos e serviços prestados, etc. são alguns dos pressupostos, via de regra, inculcados pela Direção da empresa, através dos rituais.

Para manter a coesão em torno destas crenças os empresários se utilizam de atos simbólicos, como por exemplo, a inauguração de uma grande obra, com o fito de mostrarem à comunidade externa (políticos, autoridades civis, militares e eclesiásticas) e ao público interno, em discursos enfáticos, as qualidades da empresa (Chanlat, 1984).

A linguagem, os mitos, os rituais e os palcos compõem o espaço simbólico. Para alguns teóricos da Administração, os mitos são narrados e os rituais executados com a finalidade de que se legitimem as posições de poder

existentes nas organizações, mediante a importância dada ao passado e à tradição (Pettigrew, 1979; Trice & Beyer, 1984). Mas, o mito, pode enfatizar a mudança e a modernização levando, por via de consequência, a uma transformação do sistema (Cohen, apud Hardy, s.d.).

A preocupação com o espaço simbólico nas organizações tem-se verificado em trabalhos como o de Dandridge et alii (1980) e na aplicação do aporte teórico em estudos de caso, como a análise dos mitos, símbolos e rituais de escritórios políticos (Latouche, 1982) e o estudo do ritual da desburocratização que ocorre, ciclicamente, na sociedade brasileira (Labra, 1982).

No que concerne à presente pesquisa, a indagação referente ao tema rituais, objeto da investigação, é a seguinte:

- Quais os ritos de passagem e as celebrações da Administração de Recursos Humanos?

Ao responder a esta pergunta com base nas categorias de análise e na pesquisa de campo realizada, objetivou-se de modo geral, identificar, segundo a noção antropológica de rito, os ritos de passagem e as celebrações presentes na Administração de Recursos Humanos da RBS, de tal sorte que ao fazê-lo fosse possível proceder-se a uma leitura mais inteligível das culturas organizacional e societária.

Em um nível mais específico objetivou-se compreender de que maneira se dá a legitimação dos procedimentos administrativos através dos ritos organizacionais, além de compreender o que subjaz à competência profissional, à normatização, ao formalismo.

Outro objetivo específico seria o de exaltar grupos (minorias dominadas) e fatos considerados menores e sem

importância pelas diversas ciências e que sob a inspiração da Antropologia Social constituem-se em uma fonte de desvendamento da vivência humana em sociedade.

Ao fazer-se a leitura do espaço organizacional, via ritual, determinadas posturas assumidas por administradores e pelos demais trabalhadores da empresa passam a ser compreendidas, isto porque os papéis a serem desempenhados durante o período de ritualização já foram previamente aprendidos pelos participantes do cerimonial que conhecem o jogo ritual.

A relevância do estudo reside na possibilidade de desnudar-se a cultura organizacional, via observação atenta, por parte da pesquisadora, do processo ritual, posto a descoberto a distância existente entre o discurso e as atitudes que procuram dar uma moldura social para a empresa de modo a encobrir a extração da mais-valia dos trabalhadores.

As máscaras sociais que encobrem as relações de poder dentro da organização, reflexo do sistema social como um todo, também foram reveladas por intermédio dos rituais.

A escolha da RBS para a realização da pesquisa de campo teve por base, além de uma certa facilidade no que concerne ao acesso à empresa, principalmente o aparato simbólico desenvolvido por aqueles que dirigem a organização em face da morte de um de seus fundadores, em 1986. A partir desta data, todos os rituais engendrados buscaram preservar a imagem e os ditames daquele que foi o idealizador do Grupo RBS, o que configura o surgimento do "Mito do Fundador".

Patai (1974) em seu texto sobre Che Guevara diz que o aparecimento de um mito só acontece após a morte física do herói. No caso de Che, apesar de politicamente ele ter fracassado, a sua postura engajada na luta por um ideal, aliada às circunstâncias da sua morte que se deu de maneira trágica e prematura, corroboraram para a transfiguração dele em mito. No entender de Patai, uma morte violenta, prematura, em circunstâncias insólitas, e por amor a um ideal, são condições que favorecem, se não asseguram, a criação do mito.

No espaço simbólico, os mitos e os ritos podem ser estudados juntos, na medida em que ambos constituem-se em dramatizações do cotidiano. É através destas manifestações que certos detalhes da realidade social são postos em evidência. Diante do exposto, julgou-se pertinente narrar o mito do fundador da RBS.

No que tange à metodologia, a pesquisa realizada enquadra-se no que se costuma denominar estudo exploratório, subtipo, exploratório-descritivo combinados.

No dizer de Tripodi et alii (1975)

"Estudos exploratórios-descritivos combinados são aqueles estudos exploratórios que procuram descrever completamente um determinado fenômeno. A preocupação pode ser com uma unidade de comportamento, como no estudo de um caso, para a qual análises empíricas e teóricas são feitas" (p. 65).

O estudo de caso levado a efeito, correspondeu ao estudo que

"se faz ... de um determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade com o objetivo de realizar uma indagação em profundidade para examinar o ciclo de sua vida ou algum aspecto particular desta ..." (Rudio, 1985, p. 57).

A pesquisa de campo levada a efeito na RBS, em Porto Alegre, no período compreendido entre agosto e dezembro de 1987 e em março de 1988, visando a descrever os ritos de passagem e as celebrações (ritos de integração, segundo Trice & Beyer) da Administração de Recursos Humanos, teve a coleta de dados voltada para a Gerência Executiva de Desenvolvimento de Recursos Humanos e à Gerência Administrativa de Recursos Humanos, ambas afetas à Diretoria de Recursos Humanos.

No que concerne à vida e à obra de Maurício Sirotsky Sobrinho, fundador do Grupo, grande parte do material coletado foi obtido na Memória RBS (ver de que se trata no capítulo II).

As técnicas de pesquisa utilizadas para a obtenção de informações foram a observação sistemática e participante, além de entrevistas e material documental.

A técnica da observação participante foi utilizada no intuito de suprir as lacunas deixadas pelas demais técnicas, pois como afirmou Malinowsky (1978), essas omitem o essencial, o sangue e a carne, porque muito da riqueza de significados que permeia a vida social não será captada.

A chamada observação participante é uma técnica cujo fundamento reside num certo processo de "aculturação" do pesquisador. Desta forma o observador assimila as categorias inconscientes que ordenam o universo cultural inves

tigado, não eliminando, contudo, o trabalho sistemático da coleta de dados, nem a interpretação e integração da evidência empírica, de modo a recriar a totalidade vivida pelos membros da organização investigada e apreendida pela intuição do pesquisador.

Por não fazer parte do quadro funcional da empresa, a pesquisadora integrou-se ao grupo com a finalidade de obter informações, caracterizando-se assim, uma observação participante "artificial" (Marconi e Lakatos, 1982).

Reproduziu-se no corpo da dissertação, as palavras dos informantes de maneira a dar maior legitimidade ao trabalho e também porque nas pesquisas antropológicas, os pesquisados falam. Mas, é preciso que se diga que a pesquisadora também emite a sua opinião, isto se deve ao fato da Antropologia, ao contrário das demais ciências, reconhecer a presença da subjetividade no trabalho de campo, e é Da Matta (1987) quem afirma

"Seria possível dizer que o elemento que se insinua no trabalho de campo é o sentimento e a emoção. Estes seriam para parafrasear Lévi-Strauss, os hóspedes não convidados da situação etnográfica. E tudo indica que tal intrusão da subjetividade e da carga afetiva que vem com ela, dentro da rotina intelectualizada da pesquisa antropológica é um dado sistemático da situação" (p. 169).

Na realidade, os antropólogos tiram partido destas emoções para poderem realizar uma etnografia de descrição densa, pois "só há dados quando há um processo de empatia correndo lado a lado" (Da Matta, 1987, p. 172) entre antropólogo e informante.

Tanto isto é verdade que a maior parte das pesquisas antropológicas são escritas nas primeiras pessoas do singular e do plural, fugindo à regra que diz ser necessário manter a neutralidade da terceira pessoa quando se tratam de trabalhos científicos.

Procurou-se, aos moldes do que é feito nos trabalhos etnográficos, evitar ao máximo o uso de termos técnicos; em sendo necessário usá-los, tomou-se o cuidado de torná-los inteligíveis ao leitor menos familiarizado com o jargão administrativo.

Sempre que possível foram traçadas analogias com o que acontece em outros recortes da sociedade, pois certos princípios apresentados neste estudo de caso são recorrentes, o que implica "um movimento constante entre o particular e o específico de um lado, o geral e o universal de outro" (Durham, 1986, p. 22). Dito em outras palavras, os ritos estudados podem representar manifestações particulares de fenômenos mais abrangentes.

Quanto à ordenação, o trabalho apresenta-se dividido em quatro capítulos e mais a conclusão.

O primeiro capítulo, intitulado "O Grupo RBS e a sua Posição no Contexto Histórico da Imprensa no Rio Grande do Sul", como o próprio nome diz, procura dar uma visão acerca do Grupo RBS, além de traçar um breve retrospecto histórico sobre a Imprensa no Rio Grande do Sul.

O segundo capítulo, intitulado "O Mito do Fundador", narra a biografia de um dos criadores do Grupo RBS e a sua transfiguração em mito após o seu falecimento, mito este presente, de maneira implícita ou explícita, em todos os rituais levados a efeito na organização.

O terceiro capítulo, intitulado "Os Ritos de Passagem da Administração de Recursos Humanos", procura abordar os procedimentos administrativos de recrutamento, seleção e treinamento de integração, como um rito de passagem.

O quarto capítulo, intitulado "Coquetéis, almoços e Jantas; o Cotidiano cede Lugar às Celebrações", relata as festividades realizadas com o fito de integrar e homenagear o público interno da RBS e mais as homenagens prestadas e recebidas, pela organização, do público externo.

Na Conclusão é reiterada a importância de se estudar os rituais da Administração de Recursos Humanos, além de se tecer algumas recomendações visando a pesquisas futuras sobre esta temática.

Sendo assim, veja-se, a exemplo do que postulou Geertz (1978), que história a RBS conta acerca dela mesma e da sociedade na qual está inserida.

## C A P Í T U L O I

### 1. O GRUPO RBS E A SUA POSIÇÃO NO CONTEXTO HISTÓRICO DA IMPRENSA NO RIO GRANDE DO SUL

#### 1.1 - O Grupo RBS

A Rede Brasil Sul de Comunicações S/A (RBS) consiste em um complexo de empresas localizadas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, que abrange quatorze emissoras de televisão; doze emissoras de rádio FM e seis de rádio AM (serão identificadas no cap. II); dois jornais, a Zero Hora (ZH) e o Diário Catarinense. O Grupo ainda é composto pela RBS Vídeo Promoções, RBS Discos, Serviços Gráficos ZH e uma construtora, a Maiojama.

O prédio sede do Grupo, localiza-se na Avenida Érico Veríssimo nº 400, no bairro Azenha, próximo ao jornal Zero Hora, que se encontra situado na Avenida Ipiranga nº 1075, em Porto Alegre. Vários departamentos administrativos da RBS acham-se espalhados pelos bairros contíguos, da Azenha e do Menino Deus, considerados como bairros de classe média, distantes alguns minutos do centro da capital gaúcha.

Após o falecimento, em março de 1986, de Maurício Sirotsky Sobrinho, um dos fundadores do Grupo, a organização passou a ter a seguinte estrutura: a Direção Geral, com posta pelos membros da família Sirotsky, tem na Presidên -

cia, o irmão mais novo de Maurício; na Vice-Presidência, estão um dos filhos e um amigo de Maurício, que também é um dos fundadores; como Diretores-Superintendentes, ocupam os cargos, dois genros e outro filho de Maurício. No nível hierárquico abaixo da Direção Geral, encontram-se as Diretorias de Divisão, que são ligadas ao produto e as Diretorias Corporativas que respondem pela gestão plena de um serviço. A Diretoria Financeira, a Diretoria de Recursos Humanos, a Diretoria de Sistemas, a Diretoria de Controle, a Diretoria de Engenharia, a Diretoria Jurídica e o Diretor Secretário, são Diretorias Corporativas.

Subordinadas às Diretorias Corporativas e às Diretorias de Divisão encontram-se as Diretorias de Áreas; abaixo destas últimas, estão os Gerentes Executivos e os Assessores, que são hierarquicamente superiores aos Gerentes Departamentais e aos Coordenadores.

A pesquisadora centrou o seu trabalho em áreas afetas à Diretoria de Recursos Humanos que apresenta a seguinte estrutura: ao nível de Gerentes Executivos, encontram-se: a Gerência Executiva de Desenvolvimento de Recursos Humanos, a Gerência Executiva Administrativa de Recursos Humanos e o setor de Engenharia e Medicina do Trabalho. O Departamento de Recrutamento e Seleção e o Departamento de Treinamento estão subordinados ao Gerente Executivo de Desenvolvimento de Recursos Humanos. Sendo que, Pessoal, um embrião de Cargos e Salários, Encargos e Benefícios e a Central de Atendimento ao Funcionário (CAF) são geridos pelo Gerente Executivo Administrativo de Recursos Humanos.

A empresa, preocupada em mostrar dinamismo, costuma, durante a Convenção Anual que reúne todos os executivos da RBS, apresentar a nova estrutura administrativa da organização, o que configura, a presença de um ritual para

## RBS - JORNAIS



Fig. 1 O Atual Presidente da RBS, o prédio de Zero Hora e o Prédio Maurício Sirotsky Sobrinho  
Foto: Zero Hora, 27.09.87, p. 5



Fig. 2 Sede do Diário Catarinense, em Florianópolis

Foto: Prospecto RBS

## RBS - RÁDIOS

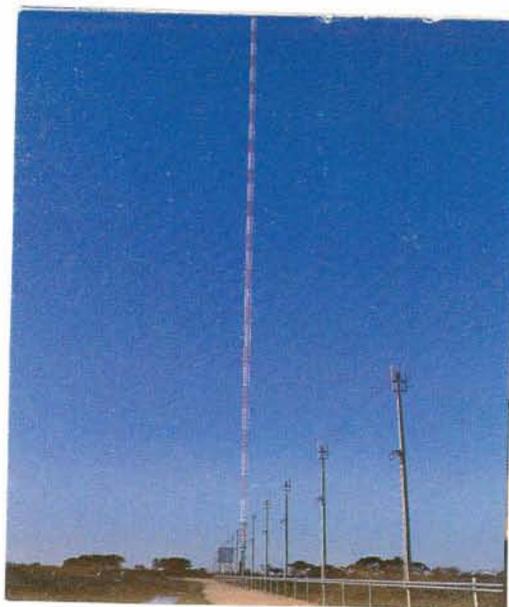


Fig. 3 Nova torre transistorizada, Rádio Gaúcha AM no parque técnico Maurício Sirotsky Sobrinho

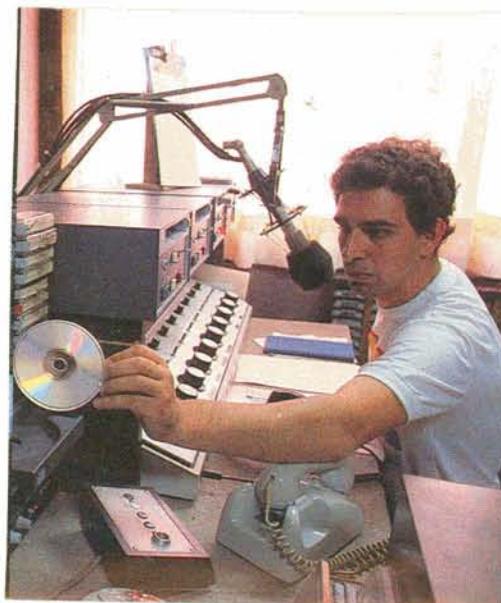


Fig. 4 Vibração e dinamismo em Rádio AM e FM

Fotos: Prospecto RBS

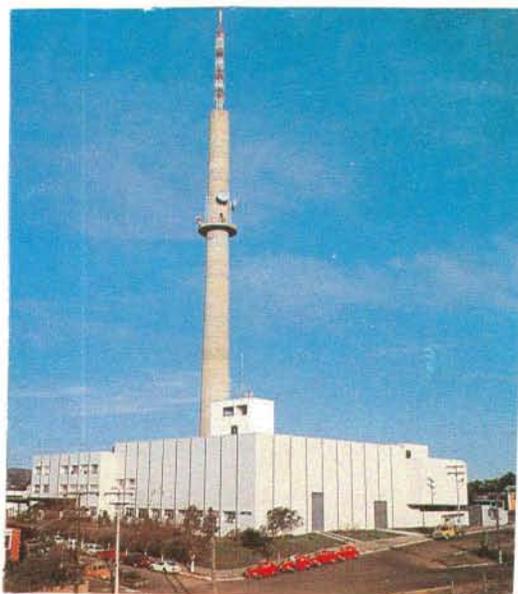


Fig. 5 RBS TV Canal 12, Porto Alegre/RS

RBS - TV

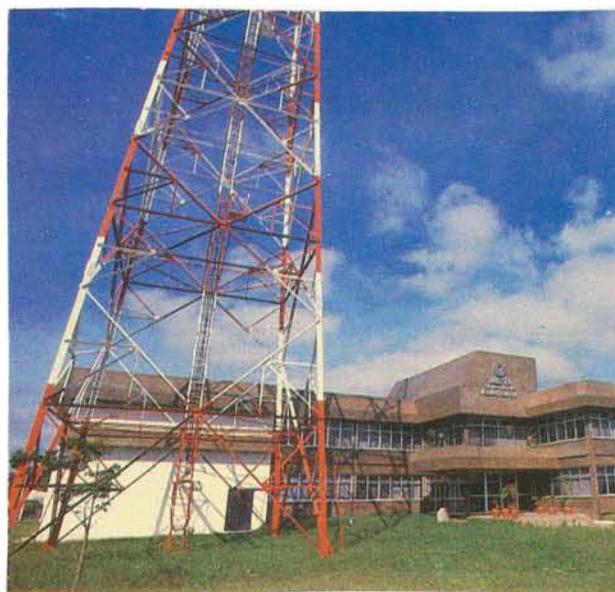


Fig. 6 RBS TV Canal 4, Pelotas/RS

Fotos: Prospecto RBS

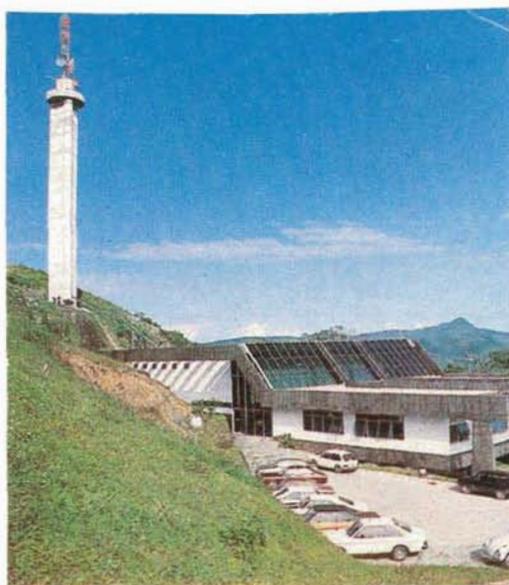


Fig. 7 RBS TV Canal 12, Florianópolis/SC

Foto : Prospecto RBS

marcar as mudanças ocorridas, anualmente, no organograma (símbolo) da RBS. Em face da política de contenção de despesas implantada, a Convenção não se realizou em 1987.

A empresa contava, na época da pesquisa, com 4702 pessoas em seu quadro funcional.

A cobertura dos veículos da RBS atinge uma área de 400.000 km<sup>2</sup>, incluindo os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Segundo a revista Imprensa, "... a RBS comunica-se hoje, com um público não inferior a 14 milhões de pessoas numa região que corresponde a 12% do mercado consumidor nacional" (Out. 1987, p. 56). Isto se deve a dois fatores básicos, a preocupação com a interiorização da comunicação e ao vínculo que existe entre a RBS e a Rede Globo.

O Império RBS é comparável, de acordo com a citada revista, ao de Roberto Marinho e ao de Assis Chateaubriand, nos anos 40 e 50.

As tabelas, a seguir, permitem uma melhor visualização acerca da posição ocupada pela empresa, no mercado.

TABELA 1

A DISTRIBUIÇÃO DOS ANUNCIANTES  
De onde vem o dinheiro que move o Império

		LOCAL	REGIONAL	NACIONAL
TV	RS/PORTO ALEGRE	43,72%	2,6%	53,68%
	RS/INTERIOR	72,15%	21,71%	6,14%
	SC	48,4%	6,8%	44,8%
RÁDIO	RS	77,9%	5,64%	16,46%
	SC	79,6%	2%	18,4%
JORNAL	RS/PUBLICIDADE	79%	1%	20%
	RS/CLASSIFICADOS	93%	1%	6%
	SC/TOTAL	57,8%	34,4%	7,8%

FONTE: RBS (Transcrito da Revista IMPRESA, Out. 1987,p.57)

TABELA 2

## OS VEÍCULOS E O FATURAMENTO

A parte de cada um nos lucros da rede

TV	50,90%
JORNAL	41,47%
RÁDIOS AM	3,24%
RÁDIOS FM	2,24%
VÍDEO	2,15%

FONTE: RBS

(Transcrito da Revista IMPRESA, Out. 1987,p.57)

TABELA 3

## A PRESENÇA NO MERCADO

Quanto a RBS domina as capitais do sul

Veículo Mercado	PORTO ALEGRE		FLORIANÓPOLIS	
	AM	FM	AM	FM
RÁDIO	66%	41%	50,1%	57,5%
TV	70%		71%	
JORNAL	74%		75,2	

FONTE: MARPLAN/IBOPE/RBS

(Transcrito da Revista IMPRESA, Out. 1987, p. 57)

## 1.2 - A Evolução da Imprensa no Rio Grande do Sul

A história dos veículos de Comunicação, no Rio Grande do Sul, apresenta-se fragmentada em artigos, ensaios, compêndios de História do Brasil, História do Rio Grande do Sul, etc ... Um volume que privilegie, de forma sintética, a história da mídia impressa e da mídia eletrônica, no Estado, parece estar muito mais a nível de planos de elaboração, do que se constitui em uma realidade concreta.

A evolução do rádio e da televisão pode ser encontrada em um livro de Augusto Vampré. Todavia, dada a sua extensão e por não ser objeto desta pesquisa aprofundar os conhecimentos atinentes aos registros históricos, optou-se por uma breve retrospectiva acerca da mídia impressa, com base em sínteses elaboradas por Vianna, em trabalhos datados de 1977 e 1985, visando a situar o jornal Zero Hora, no contexto da imprensa gaúcha. Até porque, o rádio só ingressou no Brasil, após 1920, e a televisão foi implantada em 1950. Já a imprensa surgiu, no Brasil, em 1808.

No Rio Grande do Sul, o marco inicial da Imprensa foi no dia 1º de Junho de 1827, com o "Diário de Porto Alegre". A impressão deste jornal composto em duas colunas, reduzia-se a apenas duas páginas. Para explicar melhor, consistia em uma folha de papel de 28 cm. x 17,5 cm. impressa nas duas faces, contendo os atos e comunicados oficiais do Governo provincial. A tiragem era diária, com exceção dos domingos e feriados.

Nessa época, não havia jornalistas profissionais, tal atividade era de competência dos mais letrados da comunidade, isto é, dos "escritores públicos". Os jornais circulavam duas ou três vezes por semana.

Em 1851, surge outro jornal com tiragem diária, o Mercantil.

O conteúdo destes jornais restringia-se aos anúncios de vendas, trocas, fugas ou aluguéis de escravos, negócios imobiliários, oferecimento de serviços especializados e ainda, anúncios de estabelecimentos comerciais (Vianna, 1985, p. 3). Existiam as chamadas "correspondências", isto é, as cartas dos leitores.

As demais notícias eram obtidas através da técnica da "tesoura". Esta técnica consistia em recortar-se as notícias que interessavam dos jornais, provenientes do centro do país e da Europa, trazidos pelos navios que atracavam no porto de Rio Grande. Os jornais eram transportados de Rio Grande para a capital do Estado em embarcações menores, donde conclui-se que a chegada das notícias em Porto Alegre, se dava com uma considerável defasagem de tempo em relação ao centro de origem.

As vendas avulsas iniciaram em 1874, com o Mercantil, pois antes a quantidade de jornais impressos variava de acordo com o número de assinantes, chamados na época de "subscritores".

Em 1884, Porto Alegre possuía cinco diários, o Jornal do Comércio, A Reforma, O Mercantil, A Federação e O Conservador, portanto, um número maior do que o existente, nos dias hodiernos, na capital gaúcha.

Segundo Bahia (apud Vianna, 1985, p. 6) a história da Imprensa Brasileira se divide em três fases: inicial, aventura industrial ou da consolidação e moderna ou industrial. Embora esta delimitação não aconteça de forma tão rigorosa, na medida em que as características de uma fase convivem muitas vezes, lado a lado, com as peculia -

ridades inerentes a outra fase, é possível verificar-se como marco limítrofe da primeira etapa, o ano de 1880.

A segunda fase, a da aventura industrial, caracteriza-se pela preocupação com o caráter empresarial do jornalismo, época em que foram introduzidas as rotativas "Marinoni", os linotipos na composição e a bobina de papel para alimentar as rotativas. É neste período também, que o jornalismo começa a assumir a característica de uma profissão.

Em face das exigências crescentes que se impunham, a dedicação exclusiva a esta atividade tornou-se necessária, o que acabou por afastar do meio, os "escritores públicos", normalmente, profissionais liberais que acumulavam a tarefa de escrever para os jornais. Ao tempo da aventura industrial, na ilustração, a litografia substituiu a clichéria; igualmente foram criadas equipes fotográficas, nomeados correspondentes em outras capitais e criadas as sucursais. Os avanços tecnológicos na área de Comunicações, como o serviço telegráfico e o telefone contribuíram para a veiculação da notícia com maior rapidez, sem contar os meios de transporte (rodovias, ferrovias e o avião) que encurtaram as distâncias, agilizando o processo de integração do país.

O Correio do Povo, fundado por Caldas Junior, em 1º de outubro de 1895, faz parte desta fase do jornalismo gaúcho. Nesse tempo o Correio circulava com quatro páginas de seis colunas. Em julho de 1897, aumentou o formato, passando a ser impresso em uma Marinoni simples.

O grande avanço técnico, por que passou o Correio, deu-se em 1910, quando Caldas Junior adquiriu uma rotativa Marinoni, tornando o jornal pioneiro na impressão

em uma máquina rotativa, no Estado. Ao mesmo tempo, começou a substituir a composição manual pelo processo mecânico da linotipia.

O Diário de Notícias surge em 1º de março de 1925, dirigido por Francisco Leonardo Truda, passando mais tarde, a integrar a cadeia nacional de publicações dos Diários Associados.

A fase da indústria gráfica teria o seu começo demarcado no ano de 1930, segundo Bahia (apud Vianna, 1985, p. 17).

A partir desta época, os jornais passaram a imprimir suplementos em formato tablóide, a cores, tratando dos assuntos mais diversos, tais como: cultura, agropecuária, etc. Estes suplementos vinham encartados junto com as tiragens normais. Os suplementos do Correio do Povo e do Diário de Notícias tiveram destaque na Imprensa gaúcha. A adoção do processo "offset" e da composição fria, através da fotocomposição, primeiro, e mais recentemente do "compo ser", facilitaram e conferiram melhor qualidade aos "cader nos" (suplementos).

O teletipo, a telefoto e a radiofoto também aperfeiçoaram, tecnologicamente, o trabalho realizado pela Imprensa.

Em 1960 é fundada a Última Hora, dirigida por Samuel Wainer, um jornal, em formato tablóide, cuja linha editorial era de cunho sensacionalista. Em 1964, a sucursal de Porto Alegre é fechada devido ao golpe militar.

Ary de Carvalho, diretor da Última Hora desde 1962, se associa a três empresários gaúchos e começa a editar um novo jornal, a Zero Hora.

O jornal não possuía um parque gráfico próprio, sendo impresso nas oficinas do Diário de Notícias, até fins de 1965, quando foi adquirido o equipamento pertencente ao jornal Estado de São Paulo, que estava desativado e desmontado, no interior do Rio de Janeiro.

Já operando com o jornal, em oficinas próprias, Ary de Carvalho, que ficara sozinho na administração, aceita, em 1966, Maurício Sirotsky Sobrinho como sócio. Em 1970, Maurício adquire o controle total do jornal e faz um planejamento objetivando gerir e viabilizar o negócio, pois a Zero Hora herdara do seu antecessor, o jornal Última Hora, problemas concernentes à inexistência de uma infra-estrutura impressora, um conceito editorial de pouca credibilidade (populista para alguns e sensacionalista para muitos) e dificuldades com a comercialização.

As linhas mestras traçadas, e que estão registradas no informativo Top de Marketing 76, onde é contado o "case-history" de Zero Hora, foram as seguintes:

1. Saneamento econômico e financeiro através de investimentos necessários;
2. Prática de novos conceitos de gestão administrativa;
3. Integração do veículo impresso às demais empresas do grupo (televisão e rádios, com a conseqüente racionalização de operação e redução do "over-head" administrativo);
4. Definição de uma linha editorial para, no menor prazo possível, mudar a imagem do jornal;
5. Realizar estudos e pesquisas necessários ao desenvolvimento do projeto de marketing para a nova etapa de Zero Hora (Porto Alegre, 1976, p. 2).

Ainda, na década de 60, o parque gráfico de Zero Hora foi aperfeiçoado, com a compra de equipamentos para a impressão em "offset".

Em 1970, a Zero Hora era um jornal com uma média de 40 páginas, contando com 80 pessoas na redação. Em 1976, constituía-se em um tablóide de aproximadamente 56 páginas, circulando com no mínimo, 64 páginas às segundas-feiras e 92 aos domingos, movimentando 210 pessoas na redação, serviços de agências internacionais (UPI e France Presse) e nacionais (AJB, O Globo, Sport Press), sucursal em Brasília, correspondentes nas principais cidades do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Em 1984, nos vinte anos da sua fundação, o jornal Zero Hora teve a sua capacidade de impressão duplicada, devido à aquisição de mais cinco unidades da rotativa Goss Metro e do equipamento suíço Ferag, de expedição de jornais.

A Companhia Jornalística Caldas Júnior, que possuía os jornais Correio do Povo e Folha da Tarde, esta última lançada em 1936, começou a se sentir ameaçada pela concorrência de Zero Hora, o que, juntamente com outros fatores, contribuiu para a derrocada dos dois veículos mencionados. O Correio do Povo, um dos jornais de maior respeitabilidade no Estado, foi obrigado, em junho de 1984, a fechar as suas portas. A fim de se ter uma idéia da credibilidade do Correio, basta recordar a frase, inúmeras vezes, repetida pelos seus leitores ao tomarem conhecimento de uma notícia que não saíra no referido jornal: "Se não deu no Correio do Povo, não é verdade ..."

Para Breno Caldas, Diretor do jornal durante 49 anos

"O mal do Correio do Povo ... um dos males ... hoje eu posso falar com uma certa segurança, foi o gigantismo. Algumas coisas que não precisavam ser feitas foram feitas, com custos altísimos. A TV Guaíba foi uma delas. A TV desequilibrou a empresa" (Machado, 1987, p. 28).

E ainda

"... na mesma época da implantação da TV, nós fizemos grandes investimentos nos jornais. Construí prédios e substituí todo o equipamento antigo dos jornais. A simultaneidade agravou tudo. Eram investimentos gigantescos na TV e nos jornais: com isso, nós nos descapitalizamos" ... (Machado, 1987, p. 32).

Dois anos depois, portanto em 1986, o Correio do Povo reapareceu totalmente descaracterizado, sob nova direção, como um tablóide de dezesseis páginas distribuído gratuitamente.

Com isso, a capital gaúcha ficou com apenas dois jornais diários de expressividade, a Zero Hora e o Jornal do Comércio. Pois, embora tenham surgido o Estado do Rio Grande e o Diário do Sul, o primeiro só circulou de 1º a 17 de março de 1985. Quanto ao segundo, em 1º de outubro de 1988, numa nota publicada no jornal Zero Hora (p. 7), a Diretoria do Diário do Sul comunicou que decidira suspender, temporariamente, a circulação do seu jornal -- que iniciara no dia 4 de novembro de 1986 -- por não conseguir fazer frente aos crescentes aumentos de custos.

O Jornal do Comércio promoveu alterações gráficas e editoriais como forma de garantir a sua fatia de mercado.

A Zero Hora, por sua vez, em 1987, um tablóide de 36 centímetros de altura, de 7 colunas, passou a ter em média, diariamente, de 72 a 96 páginas (com classificados, atingindo até 130 páginas), teve um aumento da impressão a cores, além de um maior enfoque dado às questões ligadas ao lazer e à cultura.

Em 1988, o jornal Zero Hora está entrando na era da informática. Os repórteres, redatores, editores e diagramadores estão se despedindo das máquinas de escrever e textos em laudas datilografadas, para dar lugar às matérias redigidas em terminais de vídeo do sistema computadorizado. Serão 950 metros quadrados destinados à Redação Eletrônica, cuja implantação teve início no ano de 1984. Tais avanços tecnológicos colocam o jornal Zero Hora, segundo Vianna (1985) em posição de igualdade com os jornais mais modernos do país e do mundo.

No que tange à mídia eletrônica da RBS, as inovações implantadas recaem sobre o modelo de jornalismo "talk and news" adotado pela Rádio Gaúcha que transmite 21 horas e 30 minutos diários de jornalismo, ininterruptamente, ou seja, durante todo o dia, alguém faz jornalismo ao microfone sem nenhuma música, a não ser de madrugada, sendo necessário para tanto, 60 radialistas e jornalistas.

A Televisão Gaúcha surgiu, em 1962, quando já havia a TV Piratini, fundada em 1959 e integrante dos "Diários Associados". Apesar disto, o preenchimento de um nicho de mercado com a Rede Regional e a associação com a Rede Globo garantiram à RBS uma posição destacada no cenário regional e nacional.

## C A P Í T U L O    I I

### 2. O MITO DO FUNDADOR

#### 2.1 - Introdução

Este capítulo tem por objetivo esclarecer como surgiu e como vem sendo narrado, nas empresas que compõem o Grupo RBS, o mito do seu fundador.

A necessidade de se desenvolver este tema embasa-se no que postulou Da Matta (1983)

"... rito e mito -- podem e devem ser estudados juntos, como dramatizações de temas e problemas básicos do cotidiano de uma sociedade. Ambas as formas são extraordinárias e pertencem a um universo situado acima do cotidiano, como modos capazes de permitir a reflexão e a alternativa ao mundo real" (p. 34).

Esta teorização, por não colocar rito e mito como reprodução um do outro, diferencia-se da defendida pelos estudiosos dos sistemas religiosos que em seus trabalhos afirmam:

"... não se pode realizar um ritual, a menos que se conheça a sua origem, isto é, o mito que narra como ele foi efetuado pela primeira vez" (Eliade, 1986, p. 20).

Mas é preciso que se tenha presente, algumas análises levantadas por estes estudiosos das religiões, uma delas seria a distinção existente entre o comportamento do homem arcaico e do homem moderno frente à questão do mito.

Nas sociedades arcaicas, segundo Eliade (1986), o homem se diz resultante de uma série de eventos míticos. Foram os Entes Sobrenaturais que criaram o Cosmos, o homem, as instituições. Sob este aspecto, o mito narra como as coisas vieram à existência, explicando-as, ao mesmo tempo em que responde o porquê e o como desta existência.

Os mitos cosmogônicos narram o surgimento do mundo, enquanto os mitos de origem contam ou justificam uma nova situação que não existia desde o início da Criação. Por intermédio dos mitos de origem, os homens das sociedades arcaicas explicam a gênese do comportamento humano, concernente à alimentação, à cópula, à expressão e aos diversos trabalhos, como sendo fruto da obra dos Deuses ou dos Heróis Civilizadores.

Os rituais possibilitam a repetição do que aconteceu "ab origine", razão pela qual os membros das sociedades tribais são forçados a conhecerem as histórias míticas dos seus povos.

Ao conhecer a origem e a história exemplar das coisas, o homem arcaico torna-se portador de um domínio mágico, capaz de propiciar-lhe encontrar estas coisas ou de fazê-las aparecer no futuro.

O Tempo Mítico, para o homem da sociedade arcaica, é um Tempo Sagrado, onde homens e Deuses são contemporâneos; é um Tempo Circular, pois é recuperável e reversível por meio dos rituais. O homem arcaico é o homem religioso que tenta viver o mais possível no Tempo e nos Espa-

ços Sagrados.

O homem moderno, por sua vez, se vê como resultado da História Universal, não sendo para ele obrigatório conhecê-la em sua totalidade. O tempo para o homem cristão moderno é o tempo linear da História, ou seja, o Mundo foi criado uma única vez e terá um único fim. A Encarnação de Deus feito Homem ocorreu uma única vez no Tempo Histórico e haverá um único Juízo. Ao viver o tempo litúrgico da Paixão de Cristo, o homem cristão moderno não retorna ao princípio da Criação, na origem do tempo, mas sim, ao tempo em que Pôncio Pilatos governava a Judéia. O homem moderno seria o homem profano, que se reconhece unicamente como sujeito agente da História. Recusando o apelo à transcendência, ele dessacraliza-se e dessacraliza o mundo.

Porém, o homem moderno, a-religioso, conserva consigo comportamentos míticos, religiosos, embora muitas vezes não tenha consciência disto.

No dizer de Eliade (s.d.)

"Mas este homem a-religioso descende do homo religiosus e queira-o ou não, é também obra deste, constituiu-se a partir das situações assumidas pelos seus antepassados ... o homem profano, queira-o ou não, conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso, mas esvaziado das significações religiosas" (p. 210-1).

E ainda enfatiza

"... aqueles modernos que se proclamam a-religiosos, a religião e a mitologia estão 'ocultos' nas trevas do seu inconsciente -- o que quer dizer também

que as possibilidades de reintegrar uma experiência religiosa da vida jazem, em tais seres, muito profundamente neles próprios" (p. 219).

A Psicologia de Jung (1987) tende a buscar uma explicação para a presença de reminiscências do comportamento do homem arcaico no homem moderno, através da teoria do inconsciente coletivo. Segundo esta teoria, a mente humana apresenta a sua história própria e a psique retém muitos traços de estágios anteriores de sua evolução, transmitindo a herança psicológica comum da humanidade.

Nas palavras de Jung (1987)

"Assim como o nosso corpo é um verdadeiro museu de órgãos, cada um com a sua longa evolução histórica, devemos esperar encontrar também na mente uma organização análoga. Nossa mente não poderia jamais ser um produto sem história, em situação oposta ao corpo em que existe" (p. 67).

Para elucidar o que entende por evolução histórica da mente, Jung (1987) complementa

"Por 'história' não estou querendo me referir àquela que a mente constrói através de referências conscientes ao passado, por meio da linguagem e de outras tradições culturais, refiro-me ao desenvolvimento biológico, pré-histórico e inconsciente da mente no homem primitivo, cuja psique estava muito próxima à dos animais" (p. 67).

As imagens primordiais denominadas por Jung de "arquétipos", se repetem em qualquer época e lugar do mun-

do, mesmo onde não houve transmissão por descendência direta ou por fecundações cruzadas, fruto da imigração.

Ao tratar dos símbolos eternos, Henderson (1987, p. 108), tece algumas ponderações sobre a questão dos rituais presentes na sociedade moderna, alertando para o fato de que o homem de hoje, apesar de não conhecer a origem de boa parte dos seus símbolos, reage aos mesmos, o que denota a existência de profundas influências psíquicas.

Ao tomar como exemplo a Páscoa, Henderson mostra que os primeiros cristãos, para fugirem do caráter definitivo, imposto pelo tempo linear da História, e inspirados pelos ritos de fertilidade executados por povos mais antigos, agregaram o simbolismo dos ovos e coelhos de Páscoa ao seu ritual, o que lhes permitiu uma maior aproximação com o tempo cíclico, onde a promessa de ressurreição é sempre repetida.

Embora figurem até os dias hodiernos, estes símbolos, dificilmente, aparecem com esta significação na consciência do homem moderno, que no entanto, permanece fiel à tradição, cujas raízes repousam no seu inconsciente.

Partindo-se deste ponto em que o homem moderno bem no fundo do seu ser, traz consigo a presença do Sagrado, e tendo-se presente a sociedade complexa, na qual está inserido o objeto desta pesquisa, pode-se dizer que para melhor compreender o que ocorre nos rituais executados nas empresas que compõem o complexo RBS é necessário conhecer a origem da empresa, do ideário, da filosofia, da linha mestra, que foi e é encarnada pela figura de seu Herói Cultural, do seu Herói Civilizador, Maurício Sirotsky Sobrinho.

A biografia, as representações da figura de Maurício, a partir da notícia da sua morte, as homenagens prestadas pós-morte durante os anos de 1986 e 1987 a Maurício Sirotsky, detalhes atinentes à Memória RBS, serão as assuntos desenvolvidos ao longo deste capítulo visando a mostrar como o mito vem sendo construído e reforçado ao longo do tempo.

## 2.2 - Maurício: Vivo, uma Figura Carismática; Morto, um Mito

### 2.2.1 - A vida e a obra do empresário

Maurício Sirotsky Sobrinho nasceu a 5 de Junho de 1925, em Erebango (naquela época, distrito de Erexim), distante 60 km da cidade de Passo Fundo, no interior do Rio Grande do Sul, e 358 km da capital gaúcha.

No início do século toda aquela área, denominada de Erebangue (campo grande) pelos tupis-guaranis, era praticamente inabitada. Uma estrada de ferro cortava a região, sendo que por volta de 1908-1909 foi construída a Estação Ferroviária, marco inicial da cidade de Erebango. Um pouco mais distante, a colonização judaica começava a se instalar; todavia, por não possuírem vocação agrícola, deslocaram-se para a vila onde abriram casas de comércio e serrarias.

José Sirotsky foi um destes judeus que se fixou em Erebango, juntamente com a sua esposa Rita Sirotsky. Tiveram cinco filhos, sendo que Maurício foi o terceiro deles.

O pai de Maurício ambicionava vê-lo formado em Direito, Engenharia ou Economia. Para que o sonho de ver os filhos com escolaridade se tornasse realidade, José re-

solheu partir para Passo Fundo. Lá, Maurício estudou no Instituto de Educação, colégio onde costumava animar as festinhas simulando programas de auditório, tendo como microfone uma pequena lata e um cabo de vassoura.

Aos 14 anos, Maurício começou a trabalhar como locutor do Serviço de Alto-Falantes Guarani, em Passo Fundo, a Voz do Poste, como era chamada, e que reproduzia partidas de futebol, avisos e dedicatórias. Aos Sábados e Domingos, havia uma espécie de consultório sentimental: os namorados que desejassem conselhos, escreviam e tinham as suas cartas respondidas por Maurício.

Em 1944, Maurício foi locutor, empregado da Rádio Gaúcha (integrante das Emissoras Reunidas), em Porto Alegre, tendo ali permanecido até 1945.

Em 1945, ele retorna para Passo Fundo e em 19 de agosto de 1947, com, então, 22 anos, torna-se o primeiro funcionário e o primeiro gerente, tendo inclusive redigido a ata de inauguração, da Rádio Passo Fundo, a ZYF-5, integrante das Emissoras Reunidas, localizada nos altos do Edifício Eleonora.

Em 1947, Maurício se forma em Contabilidade, na Escola Técnica de Comércio Nossa Senhora da Conceição.

Em 17 de maio de 1949, casa-se com Ione, filha de Pedro e Judith Pacheco, com quem veio a ter quatro filhos: Suzana, Sônia, Nelson e José Pedro. Permaneceram juntos por 37 anos, até a morte de Maurício, em 1986.

Em 31 de maio de 1950, Maurício deixa a Rádio Passo Fundo, encaminhando uma carta a Emissoras Reunidas, com o seguinte teor:

"Passei nesta data a gerência da Rádio Passo Fundo ao Sr. Paulo Amaro Salgado, muito digno inspetor de Emissoras Reunidas, a quem transmiti o cargo, numerários e demais pertences da referida emissora, em perfeita ordem, saindo pago e satisfeito com todas as minhas obrigações, que por força da lei me eram devidas.

Outrossim, declaro que me responsabilizarei por qualquer irregularidade, verificada, posteriormente a minha saída e referente ao período de minha gestão nos serviços da Rádio Passo Fundo" (Vídeo, Maurício, 24.03.87).

No período compreendido entre 1950 e 1952, Maurício foi locutor, rádio-ator, apresentador e corretor de anúncios das Rádios Farrroupilha e Difusora (das Emissoras Associadas), em Porto Alegre, tendo sido ainda, o encarregado do departamento de Rádio da Grant Advertising, filial Rio Grande do Sul.

De 1952 a 1953 gerenciou o setor de publicidade das Emissoras Reunidas (escritório de Porto Alegre).

Em 1953, Maurício fundou a Rádio Publicidade Ltda., em Porto Alegre, um escritório de representação de emissoras e jornais do interior do Rio Grande do Sul.

De 1953 a 1955 gerenciou a Rádio Publicidade Ltda.

O período compreendido entre 1940 e 1960 correspondeu à "época de ouro" do rádio, tempo em que teve lugar a massificação da informação.

As "Rainhas do Rádio", como Emilinha Borba e Marlene (cantoras do centro do país) possuíam os seus fãs-clubes. E é nesse interregno, mais precisamente, no

ano de 1956, que Maurício Sirotsky recebe uma placa de prata fazendo alusão ao seu talento como animador de rádio.

O programa de auditório que o colocou no ápice da sua carreira, no rádio, na década de 50, foi o programa Maurício Sobrinho, cujo prefixo musical de abertura era:

A Gaúcha apresenta  
 O programa que arrebenta,  
 Pelos risos e emoções,  
 Humorismo e sensações,  
 Comandado pelo Big Nariz  
 Para fazer você feliz.  
 Novamente é Domingo  
 E o elenco inteirinho  
 É pra você  
 E seu vizinho  
 O programa,  
 O programa,  
 Maurício Sobrinho.

Foi neste programa que Elis Regina começou a dar os primeiros passos na sua carreira de cantora. Nas palavras do próprio Maurício, aquela época:

"Foi a coisa mais gloriosa que poderia ter acontecido na minha vida em termos de satisfação pessoal, mas era tão bom, tão bom, que eu não admitia descansar nem sequer aos Domingos. Eu gostava inclusive de trabalhar todos os dias, tanto eu amava, tanto eu me deliciava, eu me compensava, eu me gratificava com a minha atividade de radialista e claro, o momento maior foi com o programa Maurício Sobrinho, que foi em realidade,

a base de tudo que a gente conseguiu atingir em termos de realização pessoal" (Depoimento a Rochelle Hudson em 1983, Vídeo, Maurício, 24.03.87).

Entre 1956 e 1957, Maurício, juntamente com outros dois sócios fundou a Mercur Publicidade S.A., agência de propaganda, em Porto Alegre.

No ano de 1957, Maurício adquiriu a Rádio Sociedade Gaúcha, assumindo a sua direção.

Em 29 de dezembro de 1962, Maurício fundou a Televisão Gaúcha, Canal 12, em Porto Alegre, inaugurada por João Goulart, Presidente da República, na época. Passou então, a ser o Diretor-Presidente e principal acionista da Rádio e Televisão Gaúcha S.A.

Em 1966, Maurício se associa ao Jornal Zero Hora, sucessor da Última Hora. E, em 21 de abril de 1970, Maurício, o irmão mais novo dele e um amigo adquirem a totalidade das ações do Jornal Zero Hora. Surge então, o complexo de comunicações, a Rede Brasil Sul de Comunicações S.A., com estações geradoras de televisão instaladas no interior do Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Esta iniciativa pioneira, que possibilitou a geração de imagens e notícias em cidades pólos do Rio Grande do Sul, foi maturada, segundo depoimento do próprio Maurício, da seguinte maneira:

"Partimos para um plano de repetição de sinal e naturalmente, atendendo em parte aquilo que os nossos co-estudantes tanto desejavam. Percebemos então, que se fazia necessária uma segunda etapa, já que as nossas populações estavam sendo marginalizadas, no sentido da informação. O nosso conterrâneo de Uruguaiana sabia o que acontecia no mundo, sabia o que acontecia

no país, sabia o que acontecia em algumas partes do estado, mas não sabia o que acontecia na sua rua, na sua cidade. Então, a RBS se lançou a completar este importante estágio e implantamos, e estimulamos algumas emissoras geradoras de televisão, no interior, que realmente cumpriram um papel extraordinário" (Vídeo, Maurício, 24.03.87).

Mesmo tendo se associado à Rede Globo em 1967, a programação local produzida pela RBS chega a 20%, sendo que o mínimo exigido, pelo Departamento Nacional de Telecomunicações, é de 5%.

No interior do Rio Grande do Sul, Maurício fundou e foi Diretor-Presidente das seguintes emissoras:

RBS TV, canal 8, TV Caxias, em Caxias do Sul;  
 RBS TV, canal 12, TV Imembuí, em Santa Maria;  
 RBS TV, canal 4, TV Tuiuti, em Pelotas;  
 RBS TV, canal 2, TV Alto Uruguai, em Erexim;  
 RBS TV, canal 13, TV Uruguaiana, em Uruguaiana;  
 RBS TV, canal 9, TV Rio Grande, em Rio Grande;  
 RBS TV, canal 6, TV Bagé, em Bagé;  
 RBS TV, canal 3, TV Cruz Alta, em Cruz Alta;  
 RBS TV, canal 7, TV Umbu, em Passo Fundo.

No período compreendido entre a aquisição do Jornal Zero Hora, em 1970, e a criação da Rede Regional, Maurício enfrentou alguns percalços inerentes à sua carreira de empresário. O primeiro deles, foi um declínio substancial nas vendas do Jornal Zero Hora, a partir do momento em que houve uma mudança na sua linha editorial, quando deixou de ser um jornal sensacionalista para se transformar em um veículo de maior credibilidade. A mudan

ça foi acompanhada por pesados investimentos tecnológicos sem uma correspondência inicial, em termos de aceitação por parte do público leitor, o que em linguagem econômico-administrativa é chamado de tempo de maturação do investimento. Mas este período foi superado, garantindo um lugar de destaque para a ZH, no contexto local e nacional. Entretanto, outras negatividades iriam se abater sobre o grupo RBS, desta feita um incêndio, que destrói a TV Gaúcha, em 1972. No ano seguinte, em março, é a vez do Jornal Zero Hora incendiar, para logo após, sofrer uma enchente de graves proporções o que veio a completar este quadro de tragédias. Maurício respondeu ao desafio imposto por estas fatalidades com as seguintes palavras: "Não é tão difícil recomeçar quando se tem amigos com talento" (Zero Hora, 26.03.86, p. 38).

E ele prosseguiu a sua carreira.

Em 1979, a empresa expandiu-se para Santa Catarina, formando a segunda Rede Regional, onde Maurício foi o principal sócio e Diretor-Presidente das emissoras abaixo arroladas:

RBS TV, canal 12, TV Catarinense, em Florianópolis;

RBS TV, canal 5, TV Santa Catarina, em Joinville;

RBS TV, canal 12, TV Chapecó, em Chapecó;

RBS TV, canal 3, TV Coligadas, em Blumenau.

A partir de 1976, engajou-se na formação de uma rede de emissoras de rádio em frequência modulada, tendo sido Diretor-Presidente das seguintes emissoras:

Atlântida FM, em Porto Alegre;

Atlântida FM, Zona Sul, em Pelotas;

Atlântida FM, Zona Centro, em Santa Maria;  
Atlântida FM, em Passo Fundo;  
Atlântida FM, em Florianópolis;  
Atlântida FM, em Blumenau;  
Atlântida FM, em Chapecó;  
Atlântida FM, em Brasília.

No ano de 1983, agrega ao complexo, a Rádio Itapema FM, em Porto Alegre e a Rádio Itapema FM, em Florianópolis, emissoras das quais foi Diretor-Presidente. Em 1985, é a vez da Rádio Itapema FM, em Rio Grande.

A rede de emissoras AM, formada por Maurício, tendo à frente a Rádio Gaúcha, em Porto Alegre, agregou ainda, a Rádio Farroupilha de Porto Alegre, a Rádio Educadora, de Porto Alegre, a Rádio Diário da Manhã, de Florianópolis e a Rádio Alvorada, de Brasília.

Na época que antecedeu a sua morte, encontrava -se envolvido com os preparativos para o lançamento do jornal, Diário Catarinense, em Santa Catarina, o primeiro jornal totalmente computadorizado do país.

Além de dirigir todo este complexo empresarial, Maurício envolveu-se com as causas sociais, sendo membro do Conselho da Legião Brasileira de Assistência. Doou um teatro para um velho artista, creches, escolas, preocupando-se com a questão do menor, através do projeto Geração 21 (adiante explicitar-se-á no que consiste este projeto).

No que tange a órgãos de classe, Maurício Sirotsky foi Diretor da Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (AGERT), de 1966 a 1968; Diretor da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), de 1968 a 1972; Presidente do Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Rio Grande do Sul, de 1975

a 1979; Presidente do Conselho Superior de Ética da ABERT, eleito em março de 1984 e fundador e primeiro Vice-Presidente da Associação Nacional de Jornais, tendo sido eleito Presidente em outubro de 1984.

Por estar à frente de um complexo de empresas que tornou a si e ao seu trabalho conhecidos pelos diversos segmentos da sociedade, Maurício foi agraciado com uma série de homenagens em vida, dentre elas, diversas cidadanias:

- Em 1970, a cidadania de Porto Alegre foi concedida a Ione e Maurício Sirotsky (único casal que recebeu conjuntamente, este título da Câmara Municipal de Porto Alegre).

- Em 1976, recebeu o título de "Cidadão Honorário de Uruguaiana".

- Em 1977, recebeu o título de "Cidadão Honorário de Bagé".

- Em 1980, recebeu o título de "Cidadão Honorário de Passo Fundo".

- Em 1983, recebeu o título de "Cidadão Honorário de Rio Grande".

- Em 1984, recebeu o título de "Cidadão Honorário de Cruz Alta".

No que concerne a medalhas e prêmios, destacam-se:

- Medalha Osvaldo Vergara, maior distinção da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção Rio Grande do Sul, concedida por Justino Vasconcellos, Presidente da OAB, em 1974.

- Medalha do "Mérito da Rádiodifusão", outorgada, em 1976, pela Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à radiodifusão brasileira e à liberdade de expressão.

- Prêmio "ABAP de Comunicação 1977", concedido pela Associação Brasileira de Agências de Propaganda do Rio Grande do Sul, em 1977.

- Medalha "Negrinho do Pastoreio". Esta medalha, que leva o nome de uma lenda gaúcha, foi concedida pelo Governador do Rio Grande do Sul, Sinval Guazzelli, no ano de 1979, a Maurício Sirotsky Sobrinho, pelos relevantes serviços prestados ao Estado e em favor da pessoa humana.

- Título de "Publicitário Pioneiro", conferido pela Associação Brasileira de Agências de Propaganda do Rio Grande do Sul (ABAP-RS) e Sindicato das Agências de Propaganda do Rio Grande do Sul, em 1981.

- Medalha por "Distintos Serviços", da Brigada Militar do Rio Grande do Sul (polícia militar do Estado), concedida pelo Governador José Amaral de Souza, em 1981, por proposta da Brigada Militar.

- Medalha do "Mérito Santos Dumont", do Ministério da Aeronáutica, em 1982.

- Medalha Mauá, medalha nacional do Ministério dos Transportes destinada a laurear os que contribuem para o progresso dos transportes no país. Leva o nome de Visconde do Mauá, Irineu Evangelista de Souza, gaúcho, construtor da primeira ferrovia no Brasil. Maurício recebeu esta condecoração em 30.09.82.

- "Personalidade do Ano 82", título outorgado pela ABAP. Maurício foi o primeiro riograndense a receber esta condecoração.

- Medalha "Cidade de Santa Maria" em novembro de 1983.

- Prêmio Tendência 1983, instituído pela Editora Bloch, uma das maiores distinções do país na área da Comunicação Social.

- Placa "Honra ao Mérito", concedida pelo Sindicato das Agências de Propaganda do Rio Grande do Sul, pelos relevantes serviços prestados à propaganda e à entidade, em 1983.

- "Medalha do Pacificador", concedida pelo Exército Brasileiro a personalidades civis e militares. A medalha foi instituída como homenagem ao Duque de Caxias, Luiz Alves de Lima e Silva, pacificador do país.

- Insígnias da Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho, concedida pelo Tribunal Superior do Trabalho, em Brasília, como personalidade que se distinguiu por suas atividades (Grau de Grande Oficial).

Distinguindo-se de todas estas homenagens oficiais advindas de órgãos de classe, do governo Federal, dos governos locais, Maurício, em 1984, recebia uma homenagem, autenticamente popular.

A Sociedade Beneficente Recreativa Imperadores, mais conhecida por Imperadores do Samba, uma das sociedades carnavalescas de Porto Alegre, ao completar vinte e cinco anos de existência, decidiu que uma das suas alas homenagearia a imprensa. Numa deferência especial, escolheram a pessoa de Maurício Sirotsky para simbolizar os meios de comunicação. Um carro alegórico transportava um imenso poster com o rosto de Maurício desenhado, tendo como moldura um Castelo, alusão ao início da carreira de

Sirotsky, quando animava programas de auditório no Cine Castelo.

Segundo depoimentos fornecidos à pesquisadora, por informantes da própria escola de samba, a escolha recaiu sobre o nome de Maurício, devido ao incentivo que ele sempre deu ao samba, em Porto Alegre.

Os membros da escola recordaram que, por ocasião do desfile, ao passarem frente ao palanque onde se encontrava o homenageado, foram surpreendidos pela atitude de Maurício, que desceu e foi sambar na avenida com a escola, vestindo uma roupa em tons vermelho e branco, cores da Imperadores.

Ao ler-se a relação de todas as homenagens prestadas a Maurício, pode-se sugerir o seguinte questionamento:

- Como explicar tantas homenagens provenientes de fontes tão variadas?

A resposta repousa em três pontos básicos. O primeiro deles, seria o atrelamento da figura de Maurício aos seus veículos de comunicação. Explicitando-se melhor, o jornal, a televisão e o rádio apresentam a peculiaridade de divulgarem informações atinentes aos mais diversos setores da sociedade, o que pode ser decodificado pelas pessoas, como uma manifestação de apoio, por parte do dirigente destes veículos, a quase todas as categorias sociais.

O segundo ponto repousaria no fato de que a RBS costumava e costuma, homenagear, sistematicamente, aquelas pessoas que se destacam nos mais diferentes ramos de atividade, o que as leva a retribuir, seja homenageando a pró-

## HOMENAGENS RECEBIDAS EM VIDA POR MAURÍCIO



Fig. 8 O Prêmio Comunicação, em 82, conferido pela ABAP a Maurício

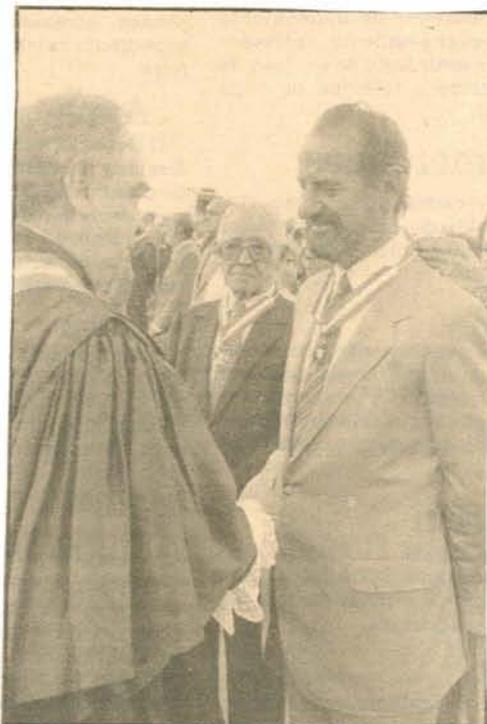


Fig. 9 A medalha do Mérito Judiciário do Trabalho

Fotos: ZERO HORA, 26.03.86, p. 37.2º cad.



Fig. 10 No Carnaval a homenagem dos Imperadores do Samba

Foto: ZERO HORA, 26.03.86, p. 37.2º cad.

pria RBS, enquanto organização, seja homenageando a pessoa do seu proprietário.

Além destes dois aspectos, o terceiro, de caráter mais abrangente, seria decorrente do hábito que as pessoas, representantes dos mais diversos segmentos da sociedade, possuem de ofertarem honrarias aos homens de Imprensa, como forma de granjearem simpatia, apreço e aliados na luta por determinados favores a serem obtidos junto às esferas governamentais, etc.

A viúva de Maurício, em uma entrevista concedida à pesquisadora relatou que o marido brincava dizendo que as pessoas estavam pensando que ele iria morrer em decorrência do câncer que lhe fora detectado, por isso estavam homenageando-o em vida, concluía, rindo.

Na realidade, Maurício recebeu uma gama enorme de distinções post-mortem, assunto que será tratado mais adiante.

A diferença entre as homenagens prestadas em vida e aquelas concedidas post-mortem é que as primeiras ratificam o carisma, qualidade que mais sobressaía na personalidade do empresário, enquanto as últimas fortalecem a construção do mito.

#### 2.2.2 - Reflexões sobre a biografia

As biografias das pessoas, em geral, ao serem analisadas com maior acuidade, permitem que se conclua tratem-se de textos míticos, onde a vida dos homens se aproximam em muito da vida dos Deuses, Santos e demais Entes Sobrenaturais. Isto porque, ao relatar a vida de um indivíduo, só as grandes obras e os aspectos positivos de sua personalidade são privilegiados e os erros cometidos,

por menores que tenham sido, são escamoteados, ou então minuciosamente justificados. Via de regra, terceiros acabam sendo indicados como os responsáveis diretos ou indiretos (segundo quem elaborou a biografia) pelas faltas ocorridas. Caso alguma negatividade chegue a ser narrada, haverá todo o cuidado em mostrar como foi superada por uma ação positiva.

É conveniente ressaltar que a maior parte das biografias são redigidas após a morte física da pessoa, o que sem dúvida, põe em maior evidência a questão do mito. Todavia, mesmo as auto-biografias tendem a reproduzir este fenômeno, ou seja, de acentuar tão somente as positividades. Um exemplo recente, que teve repercussão no meio empresarial do mundo inteiro, é o da auto-biografia de Lee Iacocca.

A biografia reproduzida pela pesquisadora amparou-se em trabalhos previamente redigidos por outras pessoas (após a morte de Maurício), trazendo no seu bojo o mesmo viés.

Todos os textos elaborados, narrando a vida e a obra de Maurício, costumam enfatizar a preocupação que ele tinha com os mais carentes, especialmente para com os menores. No entanto, omitem o fato de que existia uma quantidade considerável de pessoas carentes, incluindo menores que trabalhavam como jornaleiros, para uma das empresas do Grupo, a Zero Hora, sem contarem com nenhum apoio específico e mais efetivo, por parte da Direção da empresa (situação que, atualmente, começa a se reverter).

Esta lacuna, se trazida à luz pelos biógrafos, descaracterizaria a condição de deus, santo ou ente sobre natural, desmitificaria a figura de Maurício, e é exata -

mente isto que se quis evitar, pois o homem precisa de arquetipos com os quais possa se identificar. Mais do que o público em geral, os herdeiros, que estão dando continuidade à obra iniciada por Maurício, precisam manter sempre presente a imagem arquetípica do herói, como forma de garantir a coesão em torno dos objetivos das empresas do Grupo RBS, por parte daqueles que nelas trabalham.

### 2.2.3 - O ritual de sepultamento do empresário

Ao tomar-se por parâmetro o sepultamento de um indigente, dir-se-á que a morte, nas sociedades complexas, não está envolta por nenhum ritual. Contudo, em se tratando de uma personalidade, a ritualização da morte, vai ser cuidadosamente observada, permitindo inclusive, que se faça a leitura de determinados componentes do relacionamento social.

A morte de Maurício foi circundada por uma série de simbolismos de tal maneira, que a imprensa a nível nacional divulgou:

"... na terça-feira, em Porto Alegre, Sirotsky foi enterrado como herói ..." (Veja, 02.04.86).

Em realidade, Maurício, ao morrer, no dia 24.03.86, recebeu as últimas homenagens como se fora um Chefe de Estado.

As pompas fúnebres tiveram lugar no Salão Nobre do Palácio Piratini (sede do governo do Estado). Todos os oficiais da Casa Militar do Palácio ajudaram na organização do velório. O caixão encontrava-se fechado, coberto pela bandeira daquela que, em vida, Maurício dizia representar a sua família, a RBS.

Ao velório compareceram inúmeras autoridades, intelectuais, empresários, publicitários, militares, religiosos e populares. Cerca de quase três mil pessoas assinaram o livro de registro de presenças no velório, embora se acredite ter comparecido um número bem mais elevado, que não quis deixar a sua assinatura gravada.

O Presidente da República fez-se representar pela presença do Ministro da Justiça, não obstante já houvesse manifestado o seu pesar em um telegrama endereçado à viúva, com o seguinte teor:

"Marly e eu nos associamos ao grande pesar pelo falecimento do seu esposo e nosso grande amigo Maurício Sirotsky, a quem o Rio Grande do Sul muito deve pelo seu trabalho em favor da Comunicação e dos altos interesses do Estado. A LBA que teve a honra de tê-lo em seu Conselho rende à sua memória gratidão e homenagem. Saudações - Marly e José Sarney" (Zero Hora, 26.03.86, p. 18).

É importante que se atente para o tom pessoal deste telegrama de condolências enviado pelo Chefe da Nação, pois o mesmo permite que se verifique a emotividade das pessoas diante da morte.

O Governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, esteve representado pelo Prefeito de Porto Alegre.

O Presidente da maior Rede de Comunicações do país, da qual a RBS é associada, compareceu ao velório, acompanhado de seus Vice-Presidentes e Diretores. Ainda, o Governador de Santa Catarina e o Ministro da Educação foram algumas das personalidades que se fizeram presentes ao velório.

Representantes do mundo político mostraram-se bastante pesarosos, pois estavam tentando entabular uma candidatura suprapartidária ao governo do Estado, que seria encabeçada por Maurício. A sua morte frustrou o projeto.

Políticos vinculados ao PMDB, PFL, PDT e PDS reuniram-se por ocasião do funeral de Maurício. Todas as lideranças dos partidos distribuíram notas manifestando pesar e salientando as virtudes de Maurício. Tal situação vem reforçar uma característica inerente ao homem de imprensa que procura se mostrar neutro frente aos partidos que representam os interesses e congregam os mais diferentes segmentos da sociedade. Esta necessidade de manter uma aparente neutralidade é que fez o irmão mais novo de Maurício, dizer, em um depoimento prestado à imprensa, não acreditar na possibilidade da proposta de candidatura feita a Maurício, ter sido por ele aceita, caso estivesse vivo, pois Maurício sempre defendeu uma posição apartidária para a RBS.

As atitudes apartidárias, que os meios de comunicação fazem questão de manter, repousam no jogo de interesses, do qual um empresário de comunicações não tem como se eximir de participar. A concessão de canais de televisão, ou de rádio, passa pela aprovação dos órgãos públicos na esfera da Administração Federal, daí que o partido, que hoje está excluído do poder, amanhã, poderá ocupar a linha de frente. Indispor-se com qualquer sigla pressupõe riscos futuros, portanto o caminho seguido é o da "aparente" neutralidade.

A neutralidade se diz ser aparente, porque extra-oficialmente, é sabido que proprietários de diversas emissoras de rádio, televisão e de jornais costumam apadrinhar

candidatos, repassando-lhes recursos financeiros, de forma a patrocinar as campanhas dos mesmos.

No âmbito religioso, a imparcialidade da família Sirotsky pode ser consubstanciada, aproximadamente, duas horas antes de Maurício ser levado à sepultura, no cemitério da União Israelita Brasileira, quando foi realizado um culto ecumênico celebrado por um grão-rabino e um arcebispo.

Após a cerimônia religiosa, o ritual de sepultamento prosseguiu com o esquife de Maurício sendo conduzido, por parentes e amigos, até o carro fúnebre (um Ford gala - xie), postado frente ao Palácio Piratini, de onde partiu em cortejo pela cidade, precedido por batedores da Brigada Militar.

Tendo percorrido as ruas do perímetro central da cidade, o cortejo dirigiu-se para a rua Érico Veríssimo e em seguida para a avenida Ipiranga. Em frente ao nº 1075 dessa avenida, uma multidão de funcionários e populares acenavam, em despedida, com papéis e lenços brancos. Alguns funcionários, emocionados, choravam, enquanto outros, que permaneceram nos andares superiores do prédio de Zero Hora, jogavam uma chuva de papel branco picado ao som da Marcha Fúnebre de Mendelssohn executada pela Banda da Brigada Militar.

Concluída a homenagem, o cortejo retomou o seu caminho para o cemitério.

Na capela do cemitério, foi realizada a cerimônia de purificação que faz parte do ritual judaico.

Com as presenças do grão-rabino e tão somente dos auxiliares deste, simbolicamente, o corpo do jornalista foi purificado. As vestes com as quais encontrava-se

trabalhando no dia 24.03.86, quando sentiu-se mal, e que cobriam o corpo inerte do jornalista no dia 25, foram trocadas por uma mortalha simples sem bolsos, simbolizando o desprendimento das coisas terrenas, pois da vida nada se leva.

A seguir, o corpo foi devolvido para os familiares e amigos, mais algumas orações foram proferidas e todos encaminharam-se para o local da sepultura.

O caixão foi baixado à sepultura tendo as correntes seguras pelos filhos, genros e irmão de Maurício. O grão-rabino colocou a primeira pá de terra sobre o ataúde, gesto que foi imitado pelos demais parentes. Rezas e cantos em hebraico permearam toda a cerimônia, bem como manifestações de emoção, uma delas foi a de um jornalista da RBS, que falou em nome de todos os presentes. Ao proferir as palavras "Maurício, meu patrão, meu pai, meu irmão" rompeu em choro convulsivo e incontrolável.

O grão-rabino faz a última reza, encerrando a cerimônia com as palavras "Paz em seu leito" (Zero Hora, 26.03.86, p. 6).

#### 2.2.4 - Reflexões sobre o ritual de sepultamento

Através da narrativa do ritual de sepultamento de Maurício, pode-se desnudar a presença de uma forte concentração de poder, nas mãos da Imprensa. Se é verdade que um empresário, do ramo das Comunicações, deve apresentar-se como neutro (não basta ser honesto é preciso parecer honesto), como forma de garantir os seus interesses, também se constitui em uma realidade o atrelamento dos políticos aos meios de Comunicação. Um político só terá as suas idéias e atos difundidos entre o povo, na medida em que as rádios, os jor

O RITUAL DE SEPULTAMENTO  
DO EMPRESÁRIO

"Tudo que tenho de mais forte dentro de mim dedico à empresa, porque penso nela daqui a 100 anos. Ela é um patrimônio para a comunidade. Nosso compromisso vai muito além de nossa atividade empresarial".  
(MS)



Fig. 11 Funcionários e o povo choraram no adeus a Maurício quando o cortejo passou em frente ao prédio de Zero Hora

Foto: ZERO HORA, 26.03.86, p. 14



Fig. 12 A última passagem frente à Zero Hora

Foto: ZERO HORA, 26.03.86, p. 14

nais e as televisões se mostrarem dispostos a manterem as suas portas abertas para tais manifestações. Não só os políticos, mas todos os demais segmentos sociais pactuam desta situação.

Existe, inclusive, um certo temor com relação à Imprensa, isto porque, ao mesmo tempo em que elogia, ela é capaz de tecer críticas severas, a um determinado setor ou homem público. Mais ainda, ela é capaz de criar imagens positivas ou negativas, conforme seus interesses.

Os intelectuais, políticos, religiosos, empresários, etc. que estiveram presentes, ao velório e ao sepultamento de Maurício, além de levarem os seus pêsames à família, também buscaram a garantia de que os herdeiros não falhariam, no sentido, de darem continuidade às relações de poder, articuladas por aquele que fora o fundador do Grupo RBS, principalmente, levando-se em conta, a situação peculiar que confere uma posição de destaque na Imprensa escrita, do Rio Grande do Sul, ao jornal Zero Hora.

Com base no contexto social mais amplo, pode-se induzir a existência de uma diferenciação de classes, que irá determinar o maior ou menor grau de ritualização da morte, nas sociedades complexas. Quanto maior for o status da pessoa que morreu, mais ritualizado será o seu funeral. O seu poderio econômico, a sua projeção, enquanto profissional deste ou daquele setor, são algumas das variáveis, a serem consideradas, neste processo.

Por outro lado, ao se analisar as homenagens prestadas pelos funcionários da RBS ao seu fundador, por ocasião de seu passamento, é possível inferir-se a existência de um simbolismo, que decorreu do paternalismo com que Maurício tratava os seus funcionários, pois ele sempre fez

questão de trazer à luz a idéia da RBS como uma extensão da sua família.

O sentimento que reinava entre os funcionários era o correspondente à perda de um pai e não à de um chefe. O jornalista que falou na cerimônia de sepultamento, sintetizou bem esta manifestação emocional, corroborada pelo depoimento de outro jornalista que utilizou-se da Zero Hora para externar: "Maurício não era o patrão. Era o pai de uma grande família" (26.03.86 p. 6, 2º cad.).

A revista Isto É, deu à matéria que fazia menção ao falecimento de Maurício, o título "Um império órfão" (02.04.86, p. 24).

Mais adiante, verificar-se-á como a morte da figura paterna, representada por Maurício irá influir no modo como os empregados do Grupo RBS, fazem a leitura, dos procedimentos administrativos, adotados pela diretoria que o sucedeu.

#### 2.2.5 - As homenagens post-mortem prestadas ao fundador da RBS

Se, ao longo dos seus 60 anos de vida, Maurício recebeu uma série de homenagens, com a sua morte, a necessidade de lembrar o seu nome e os seus feitos fez com que, mensalmente, durante os anos de 1986 e 1987, até a época desta pesquisa, início de 1988, símbolos tais como placas, bustos, fotografias, etc. fossem descerrados com a finalidade de deixar gravada, na História, a figura deste empresário riograndense. Ao lado das distinções oficiais, manifestações populares também se fizeram constantes.

Cumprе salientar que esta forma de reverenciar a memória do empresário, opõe-se ao adágio popular que

diz "brasileiro não possui memória". Parece que, com Maurício, isto não aconteceu. Embora se possa dizer que os veículos por ele fundados tenham colaborado muito para que tal fenômeno ocorresse, não se deve omitir a existência de uma mudança a nível comportamental, que vem se verificando, na sociedade como um todo, nos últimos anos. A preocupação com a defesa de tudo que possa contribuir, para o desvendamento, por parte das gerações futuras, das culturas que as precederam, passou a ser evidenciada, inclusive com a aparição de movimentos organizados de defesa do patrimônio cultural.

Contudo, ao se arrolarem as homenagens post-mortem, prestadas a Maurício, tem-se por objetivo ir além do mero registro histórico, extrapolando para a questão do mito.

Maurício fez com que uma empresa prestadora de serviços, em cujo ideário repousava e repousa a defesa do sistema capitalista e que, portanto, traz no seu bojo, a questão do lucro, se legitimasse frente à comunidade, atrelando a imagem desta empresa, ao social. Ao privilegiar toda a população, com eventos que vão do erudito ao popular; ao premiar as elites e colaborar no sentido de atender às necessidades primárias dos mais carentes, Maurício granjeou a distinção de um "ser de exceção", ao qual a comunidade, através dos seus representantes, entende ser necessário reverenciar.

Em 01.04.86, a Câmara dos Vereadores de Bagé autorizou que uma via pública do município recebesse o nome de Maurício Sirotsky Sobrinho.

No dia 08 de abril de 1986, a Câmara dos Deputados homenageou Maurício com uma Sessão Solene.

No dia 15 de abril de 1986, foi a vez da Assembleia Legislativa realizar a sua "Sessão Solene em Homenagem Póstuma a Maurício Sirotsky".

Em 21 de abril de 1986, a FEDERASUL, Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, e a Associação Comercial de Porto Alegre, prestaram a sua homenagem, dando o nome de Maurício Sirotsky Sobrinho, à Sala de Imprensa das duas entidades, ocasião em que foi descerrada uma placa alusiva.

Em 24 de abril de 1986, a Câmara dos Vereadores de Porto Alegre reverenciou a memória de Maurício com uma Sessão Solene realizada no Centro Municipal de Cultura.

Em 25 de abril de 1986, o Conselho de Entidades Assistenciais presta homenagem no Salão Nobre da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS), em Porto Alegre.

Em 29 de abril de 1986, a Cia. Teatral Perry Salles rende a sua homenagem, no Teatro São Pedro, em Porto Alegre.

Em 03 de maio de 1986, na Semana das Comunicações, foi prestada homenagem a Maurício Sirotsky Sobrinho, tendo sido entregue um pergaminho e rezado um culto ecumênico, no Parque Farroupilha (extensa área verde localizada no perímetro central de Porto Alegre).

Em 04 de maio de 1986, por ocasião do encerramento do I Campeonato Brasileiro de Corridas sobre Patins e do II Campeonato Brasileiro Interclubes de Patinação Artística Pré-Mirim e Mirim, no Colégio Dom Bosco, em Porto Alegre, o nome de Maurício foi lembrado.

Em 06 de maio de 1986, foi inaugurado o Parque

Gráfico Maurício Sirotsky Sobrinho, do Diário Catarinense, em Florianópolis, Santa Catarina.

Em 09 de maio de 1986, ao fazer a sua primeira apresentação, o Coral da RBS homenageou o fundador do grupo empresarial.

Em 10 de maio de 1986, foi inaugurada uma placa, em Santa Maria, no Rio Grande do sul, durante as festividades da Semana de Santa Maria.

Em 19 de maio de 1986, a Escola Estadual de 1º Grau William Richard Shisler, em Porto Alegre, mandou rezar um culto ecumênico, in memoriam.

Em 22 de maio de 1986 é inaugurado o parque técnico "Maurício Sirotsky Sobrinho", da própria RBS.

Em 23 de maio de 1986, o Movimento Gaúcho pelo Menor presta a sua homenagem, no CTG 35 (Centro de Tradições Gaúchas).

Em 05 de junho de 1986, é inaugurada na AGERT (Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão), a sala Maurício Sirotsky Sobrinho.

Em julho de 1986, a FENAC (Feira Nacional de Calçados) institui o Troféu Pé de Moleque, prestando homenagem a Maurício.

Em 18 de julho de 1986, tem-se o Troféu Maurício Sirotsky Sobrinho concedido ao vencedor do campeonato Maurício Sirotsky Sobrinho (campeonato de futebol, o Gaúcho).

Em 12 de agosto de 1986, uma banca de jornais e revistas, localizada na Av. Getúlio Vargas, próxima à Avenida Ganzo, no bairro Menino Deus, em Porto Alegre, passou a ter o nome do fundador da RBS. Uma placa de bronze

foi descerrada pela viúva de Maurício e seus filhos. No dizer de um dos proprietários, foi "uma homenagem de uma microempresa a uma grande empresa que também nasceu pequena" (Zero Hora, 13.08.86).

Ao completar 40 anos, no dia 22 de agosto de 1986, a Rádio Passo Fundo, ZYF-5 prestou a sua homenagem à memória de Maurício Sirotsky Sobrinho, entregando o primeiro Microfone da Rádio à família Sirotsky. A viúva, ao agradecer a lembrança, disse:

"... De todas as homenagens prestadas a Maurício, esta tem um significado muito especial. Mostra que durante estes anos ele sempre foi fiel às suas origens e que aqui nesta terra os afetos que semeou floriram através de gerações, conservando carinhosamente o vínculo que o ligou para toda a vida a Passo Fundo ..." (Zero Hora, 25.08.86, p. 5).

Em 13 de setembro de 1986, foi inaugurada a fotografia de Maurício Sirotsky Sobrinho, na sede da Associação Riograndense de Imprensa - ARI, em Porto Alegre.

Em 15 de setembro de 1986, foi concedida a Medalha do Mérito da Radiodifusão pela ABERT-BRASÍLIA, durante o 15º Congresso Brasileiro de Radiodifusão, a Maurício Sirotsky Sobrinho.

Em 19 de setembro de 1986, foi inaugurada a Biblioteca Maurício Sirotsky Sobrinho, na Escola Eva Carniatti, em Porto Alegre.

Em 1º de outubro de 1986, foi prestada uma homenagem a Maurício Sirotsky Sobrinho, durante o Seminário de Avaliação do Ensino Superior, em Brasília.

Em 1º de outubro de 1986, foi inaugurada a Biblioteca Maurício Sirotsky Sobrinho, da Escola Estadual de 1º Grau, William Richard Shisler, com culto in memoriam.

No dia 8 de outubro de 1986, realizou-se a Convenção da RBS, cujo lema era "Gente: Coração da RBS", sob a inspiração do seu fundador, inclusive com a inscrição, nos blocos para anotações distribuídos aos convencionais, das seguintes palavras:

"Este patrimônio, soma de intelectos e vocações, talentos especializados e esforço físico, é o coração da RBS".

Logo abaixo vinha impressa a assinatura de Maurício.

A Convenção, que teve como palco Itapema, em Santa Catarina, oportunizou a inauguração do retrato de Maurício, na RBS TV, ocasião em que o Governador do Estado de Santa Catarina, também prestou a sua homenagem ao fundador da RBS (Jornal da Convenção, out. 1986, p. 12).

No dia 17 de outubro de 1986, a Fundação Érico Veríssimo, em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, prestou a sua homenagem a Maurício Sirotsky Sobrinho.

Em 12 de novembro de 1986, a Associação Nacional de Jornalistas, em Brasília, homenageia Maurício Sirotsky Sobrinho, com uma placa.

Em 18 de novembro de 1986, durante as comemorações da Semana da Brigada Militar, o Prêmio Jornalismo da Brigada Militar 1986 - Maurício Sirotsky Sobrinho, representou a homenagem, da Brigada, a Maurício.

Em 1º de dezembro de 1986, o Sindicato das Agências de Propaganda do Estado do Rio Grande do sul, mandou rezar uma missa in memoriam.

No dia 04 de novembro de 1986, a Associação Rio grandense de Propaganda, por ocasião do encerramento, da Semana da Propaganda, homenageou Maurício Sirotsky Sobrinho, através da inauguração da galeria dos ex-presidentes da ARP, com a foto do fundador da RBS.

No dia 04 de dezembro de 1986, em Passo Fundo, durante o II Rodeio Nacional de Integração Gaúcha, foi inaugurado o Tablado Central Maurício Sirotsky Sobrinho, havendo ainda, o descerramento de uma placa e a criação do Troféu Maurício Sirotsky Sobrinho.

Em 10 de dezembro de 1986, a Associação Riograndense de Imprensa concedeu a Maurício Sirotsky Sobrinho, o título de Sócio Benemérito.

Em 12 de dezembro de 1986, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul prestou a sua homenagem a Maurício, concedendo-lhe a comenda Ordem do Ponche Verde.

Em 22 de dezembro de 1986, os formandos da 8ª série da Escola Estadual de 1º Grau, William Richard Shisler, homenagearam Maurício.

No dia 05 de janeiro de 1987, foi dado o nome de Maurício Sirotsky Sobrinho a uma rua do Bairro Hidráulica, em Rio Grande, no Rio Grande do Sul.

No dia 24 de março de 1987, um ano após a morte do fundador da RBS, dentre as homenagens prestadas, ocorreu o descerramento de um busto de Maurício, no edifício-sede da RBS, localizado na Avenida Érico Veríssimo em Porto Alegre. A cerimônia contou com a celebração de um

culto ecumênico.

Neste mesmo dia foram prestadas ainda, as seguintes homenagens:

A Fundação RBS foi transformada em Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho (adiante será explicitado).

Vários deputados, durante a sessão da Assembléia Legislativa, lembraram o aniversário de falecimento de Maurício, enaltecendo as contribuições prestadas ao Estado, pelo fundador da RBS.

Os veículos da RBS marcaram a data através de um programa especial, levado ao ar, pela RBS TV, com o nome de Maurício. O jornal Zero Hora destacou aspectos atinentes à vida e à obra do seu fundador, bem como publicou o ideário de Maurício, de forma a lembrar a todos os princípios que nortearam a criação da RBS. Tal postura correspondeu à recitação do mito de origem, onde o Herói Cultural ensina ao homem arcaico, a origem e a história exemplar de uma coisa.

Em 26 de março de 1987, o Parque da Harmonia, em Porto Alegre, passa a se chamar Parque Maurício Sirotsky Sobrinho. Este parque abrange uma grande área, lugar de lazer dos habitantes da capital gaúcha. A importância do parque é tamanha, que um dos candidatos, ao pleito de 15 de novembro de 1988, pela Prefeitura de Porto Alegre, com o fito de granjear votos, costumava propagar, insistentemente, na sua campanha, que aquela área foi transformada no que é hoje, num local de passeio e prática de esportes, sob a sua administração (ele é ex-Prefeito).

No que concerne ainda, ao nome de Maurício em logradouros de Porto Alegre, alguns meses após o falecimento, o Prefeito enviou um projeto de lei à Câmara Municipal



Enquanto o Governador do Estado do Rio Grande do Sul conversa com o Presidente da República na terra, Maurício conversa com Tancredo Neves no céu

Fig. 13 Charge publicada no jornal Zero Hora, por ocasião do primeiro ano de falecimento de Maurício, em 24.03.87, p. 2.

sugerindo a mudança do nome da Avenida Ipiranga, onde se situa o prédio do jornal Zero Hora, para Maurício Sirotsky Sobrinho (Zero Hora, 13.05.86, p. 15).

Na sociedade gaúcha e brasileira como um todo, constitui-se em fator recorrente ruas e alamedas recebem o nome de pessoas ilustres. O poeta gaúcho Mário Quintana atento a esse detalhe escreveu com certa ironia:

"Era um grande nome -- ora que dúvida! Uma verdadeira glória. Um dia adoeceu, morreu, virou rua ... E continuaram a pisar em cima dele".

Em Porto Alegre, a rua onde se situa o prédio do jornal Correio do Povo, chama-se Caldas Júnior em homenagem ao fundador do jornal.

No caso da Avenida Ipiranga, o projeto não passou pela Câmara. A família Sirotsky tratou de encerrar logo a polêmica surgida em torno do assunto, cedendo às pressões contrárias à mudança.

No dia 10 de junho de 1987, foi inaugurado um monumento a Maurício Sirotsky Sobrinho, na Praça da Comunicação Latino Americana, em Gramado, no Rio Grande do Sul, quando do Congresso Latino Americano de Publicidade.

A placa, em mármore rosa, assinada pela Associação Latino-Americana de Agências de Propaganda, Sindicato das Agências de Propaganda do Rio Grande do Sul e Prefeitura de Gramado, tem a seguinte inscrição:

"Maurício Sirotsky, primeiro patrono do Seminário de Propaganda de Gramado. Homenagem da publicidade latino-americana e da comunidade gramadense".

Nesta ocasião, o Vice-Presidente da Associação Latino-Americana de Agências de Propaganda, que é uruguaio, entregou um busto do herói nacional uruguaio, General Artigas, à família Sirotsky, em agradecimento às realizações de Maurício, dizendo:

"Maurício Sirotsky foi pioneiro das comunicações em todas as formas. O Uruguai sempre encontrou em Maurício Sirotsky um amigo prestativo e desinteressado" (Zero Hora, 11.06.87, p. 32).

No dia 1º de julho de 1987, durante o VI Encontro Nacional de Professores de Eletrônica e Telecomunicações, em Pelotas, foi descerrada, no hall de entrada da Escola Técnica Federal, uma placa em homenagem ao fundador da RBS, com a seguinte inscrição:

"A Maurício Sirotsky Sobrinho, que integrou o Rio Grande do Sul através do rádio e da televisão, a homenagem da direção da Escola Técnica Federal de Pelotas" (Zero Hora, 02.07.87, p. 5).

Em 10 de julho de 1987, foi outorgada pelo Presidente da República do Brasil, em Brasília, a comenda da Ordem do Mérito das Comunicações, no grau de grande oficial, a Maurício Sirotsky Sobrinho. No dizer do Ministro das Comunicações, que fez a entrega da comenda:

"Esta homenagem congrega a todos, independentemente de partidos, de ideologias, porque esta é uma homenagem que sensibiliza profundamente o povo brasileiro, particularmente aquele

povo onde a RBS tem atuação mais marcante".

A viúva agradeceu a homenagem em nome dos descendentes diretos e da grande família RBS (Zero Hora, 12.07.87, p. 5).

No dia 25 de agosto de 1987, foi aberta ao público, a "Memória RBS", cujo objetivo é a preservação da imagem do fundador do grupo, Maurício Sirotsky Sobrinho, e a informação sobre a história, a evolução e a atualidade dos diferentes veículos de comunicação da rede.

No dia 30 de outubro de 1987, foi inaugurada a Escola Estadual de 1º Grau Incompleto, Maurício Sirotsky Sobrinho, em Porto Alegre, tendo sido descerrada, pela viúva, a foto de Maurício, colocada na sala da direção da escola.

A diretora da Escola enfatizou que a homenagem a Maurício Sirotsky Sobrinho é um reconhecimento da sociedade por todo o seu trabalho na área das comunicações e junto aos gaúchos de todas as classes sociais. Nas suas palavras:

"A escola recebe o nome não apenas de um comunicador e empresário, mas de alguém que pensava longe, que não ficava somente nas palavras. Um homem de espírito social, que lutou durante toda a sua vida por uma sociedade mais justa e humana" (Zero Hora, 31.10.87, p. 28).

Em dezembro de 1987, o fundador da RBS, Maurício Sirotsky Sobrinho foi homenageado, in memoriam, pelo Congresso Nacional, com a Comenda da Ordem do Congresso Nacional, no grau de Oficial. Esta condecoração é ofereci

## A ESCOLA MAURÍCIO SIROTSKY SOBRINHO



Fig. 14 A cerimônia de inauguração da Escola



Fig. 15 A viúva descerrou a foto de Maurício que se encontra na sala da direção da Escola

da às pessoas que contribuíram para o desenvolvimento e a democratização do país (Zero Hora, 18.12.87, p. 13).

No dia 16 de março de 1988, Maurício Sirotsky Sobrinho foi homenageado post-mortem, com uma placa, em reconhecimento pelos serviços prestados à propaganda brasileira (Zero Hora, 24.03.88, p. 5).

Em 24.03.88, na data do seu segundo aniversário de falecimento, Maurício Sirotsky Sobrinho recebeu da cidade de Porto Alegre, mais uma homenagem. Foi descerrado um busto do jornalista, em frente ao Galpão Crioulo (réplica do galpão da fazenda, que ao ser trazido para a capital, é estilizado e recebe a denominação de crioulo), no parque que leva o seu nome.

Neste mesmo dia, a Câmara Municipal de Porto Alegre criou o Prêmio Jornalístico Maurício Sirotsky Sobrinho, a ser concedido, anualmente, às pessoas que atuam no setor de comunicações sociais, principalmente, jornalistas que se destaquem por matérias que digam respeito à cidade de Porto Alegre.

Segundo o pronunciamento de um vereador, nesta ocasião: "Maurício Sirotsky Sobrinho sempre foi um operário trabalhador a serviço da comunidade" (Zero Hora, 25.03.88, p. 16).

Todas essas homenagens constituem-se em uma via de mão dupla, porque se por um lado, as instituições colocam em destaque o nome de Maurício Sirotsky Sobrinho, preservando a sua memória, por outro, recebem da parte do jornal, da televisão e do rádio, a divulgação do seu ato, o que lhes confere prestígio, na medida em que os nomes destas instituições são tornados conhecidos para o grande público. Sem esquecer, como no caso das escolas, a possi-

## NO SEGUNDO ANO DE FALECIMENTO



Os filhos e a mãe de Maurício Sirotsky  
descerraram o busto

Fig. 16 Busto no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho

Foto: Zero Hora, 25.03.88, p. 16

## HOMENAGEM DA CIDADE A MAURÍCIO



Fig. 17 Um dos filhos, que é Vice-Presidente da RBS, falou em nome da família, na homenagem da cidade a Maurício



Fig. 18 O Presidente da RBS lembrou o compromisso permanente com a comunidade, durante a homenagem da cidade a Maurício

bilidade de conseguirem um apoio material, concreto, proveniente de doações concedidas pela RBS, em retribuição e agradecimento à homenagem prestada.

Cumprе salientar que, após o encerramento da pesquisa de campo, em março de 1988, as homenagens realizadas, com o fito de reverenciar e endeusar a figura de Maurício, prosseguiram, tanto que, em maio uma das alamedas do Shopping Center Iguatemi, recebeu o nome do fundador da RBS. A placa alusiva foi descerrada pela viúva de Maurício, ocasião em que um dos empreendedores do shopping, em seu discurso de saudação disse:

"... por mais comum que seja emoldurar de virtudes o retrato de um ausente de definitivo, este não é um caso comum. Por que não se trata de virtudes comuns. E, principalmente, porque se trata de um homem fora do comum. Sob qualquer perspectiva, Maurício Sirotsky Sobrinho tinha uma dimensão de grandeza. Sob qualquer ângulo, a estatura do sucesso. Sob qualquer avaliação tinha o signo da vitória" (Zero Hora, 11.05.88, p. 35).

Diante do que vem acontecendo, é possível prever-se que mais homenagens ainda serão prestadas, ao longo do tempo, visando reificar a memória de Maurício Sirotsky Sobrinho.

Dentre todas as homenagens que, sem dúvida, colaboraram e colaboram para a consolidação da figura mítica de Maurício Sirotsky Sobrinho, duas merecem uma análise mais detalhada. São elas: a Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, e a Memória RBS (que corresponde a um dos projetos da Fundação).

O NOME DE MAURÍCIO SIROTSKY SOBRINHO  
GRAVADO EM UMA DAS ALAMEDAS DO SHOPPING.



Fig. 19



Fig. 20

### 2.2.5.1 - A Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho

Em 30 de setembro de 1982, foi criada a Fundação RBS, com o objetivo de contribuir para minimizar os problemas sociais existentes, entre as populações carentes, especialmente, com relação aos menores.

Em 24 de março de 1987, para homenagear aquele que fundou a RBS, e preservar a sua memória e os seus ideais, a Fundação RBS passou a denominar-se Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho. Nesta ocasião, assume a Presidência Executiva da entidade, a viúva de Maurício que assim se expressou, em seu discurso de posse:

"... Entendo que fiquei com a missão de preservar a memória do Maurício e que esse é um desafio concreto, que me conduzirá a agir e fazer como ele agiria e faria.

É neste contexto que entendo a função na qual hoje estou sendo investida, de presidir a nossa Fundação.

É meu desejo pôr em prática toda uma essência de vida, de modo a fazer com que a Fundação RBS, a partir de hoje Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, seja o braço social da Rede Brasil Sul, na medida em que devemos enfrentar e resolver o fundamental desafio entre o capital e o social ..." (Zero Hora, 24.03.87, p. 17).

É necessário que se faça a leitura do espaço simbólico ocupado pela Fundação.

Em primeiro lugar, ao exaltar a figura de Maurício, a Fundação está exaltando a própria RBS, pois na medida em que declara ter sido uma constante na vida de Maurício a preocupação com o social, por ser ele, o fundador da

RBS, implicitamente, está sendo dito que este complexo empresarial apresenta a propensão de privilegiar mais o social do que o lucro. Ou seja, se o chefe foi bom, a empresa também é boa.

Embora haja uma distinção entre as empresas que compõem o núcleo comercial da RBS e a Fundação, que é uma sociedade civil, privada, sem fins lucrativos (declarada de utilidade pública em 01 de março de 1988), esta diferença não fica clara para o grande público, que entende ser a RBS um grupo de empresas que se volta, de maneira significativa, para o social.

Esta imagem, criada junto ao público externo, gera frustrações, quando estes vêm a se constituir em público interno, especialmente, em face dos baixos salários. Neste momento, começa a desmitificação da existência de uma relação de neutralidade entre capital e trabalho, elaborada por aqueles que se encontram fora do processo de produção das empresas do Grupo.

Cumprе salientar que a Fundação está desenvolvendo três projetos básicos: Geração 21, Projeto Memória RBS e Projeto Colibri.

- O projeto Geração 21 tem como objetivo alertar e conscientizar a sociedade para o problema do menor carente, até o ano 2001.

- O projeto Memória RBS tem como objetivo a preservação da imagem do fundador do Grupo, Maurício Sirotsky Sobrinho e a informação sobre a história e a evolução dos veículos da Rede Brasil Sul.

- O projeto Colibri tem por finalidade, apoiar os jornaleiros, funcionários da RBS, atendendo-os nas suas necessidades básicas no campo social, cultural, educacional,

médico-assistencial, recreativo e de formação profissional.

A Fundação, ao apoiar os jornaleiros da Zero Hora, reforça ainda mais o atrelamento da sua imagem ao complexo comercial da RBS, além de configurar a existência de uma maior proteção a uma categoria de trabalhadores, em detrimento dos demais. Esta decodificação, elaborada pelo público interno, pode gerar um ponto de atrito e por via de consequência, um menor desempenho. Se o nível de satisfação de toda a população, que trabalha na RBS, fosse alto, no que tange ao aspecto salarial, tal iniciativa seria bem aceita, mas frente ao generalizado descontentamento, verificam-se algumas manifestações contrárias ao projeto.

A questão do simbolismo, enfocada por esta pesquisa, também requer um estudo acerca da marca utilizada pela Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho. Segundo a descrição da empresa de publicidade que a criou:

"A marca representativa da FMSS tem por base uma foto em meio perfil, olhando à direita, do rosto do Maurício Sirotsky Sobrinho; é expressa por um desenho em alto contraste, mostrando de uma forma retangular e vertical, parte da cabeça e do rosto onde foram valorizadas suas características mais marcantes. À direita de sua imagem projetam-se três segmentos de círculo da mesma altura da cabeça, com três espessuras de traço e intercaladas por espaços em branco. Essas formas representam a visão do futuro e a propagação das idéias de Maurício Sirotsky Sobrinho".

A partir desta descrição, pode-se realizar algumas ponderações, pois tem-se, aqui, uma curiosidade. Quando uma pessoa encontra-se viva, e ainda não granjeou uma

projeção social, que exija respeitabilidade, é comum verificar-se uma ênfase nos aspectos menos positivos de sua anatomia. Isto corresponde, conforme Teixeira (1985) "às acusações de desvio no varejo, que em nada ou muito pouco se ligam à moral e à dignidade" (p. 9).

Para o referido autor, as acusações de desvio no varejo são formuladas contra indivíduos concretos, particulares e definidos. Como exemplos dessas acusações, tem-se supostos "defeitos" de anatomia, tais como: a calvície, a gordura e o estrabismo, dentre tantos outros. Além desses, a etiqueta social, os hábitos alimentares, os sotaques, a visão de mundo, os tiques pessoais e o domínio gramatical correspondem, igualmente, a elementos passíveis de serem enquadrados como desviantes.

Maurício, no início da sua carreira, era chamado de "Big Nariz", apelido que aparecia, inclusive, no prefixo musical do Programa Maurício Sobrinho, fazendo referência à anatomia avantajada do seu nariz. Na medida em que Maurício foi ganhando espaço como empresário, tal apelido deixou de ser lembrado, tanto é que a pesquisadora encontrou apenas um artigo, escrito após a sua morte, que registrou o fato.

Com a morte, as pessoas tendem a ter os seus aspectos fisicamente positivos ressaltados; para isto, as fotografias são retocadas, os bustos, as marcas, enfim, todas as formas de reprodução da imagem da pessoa falecida recebem um tratamento cuidadoso, no sentido de torná-la bonita ou digna. No caso de Maurício, a descrição elaborada pela agência de publicidade, vem corroborar o que foi exposto, na medida em que o nariz não aparece de maneira tão proeminente, ao contrário da barba que confere um ar de virilidade à figura do morto, e que foi valorizada.

MARCA DA FUNDAÇÃO  
MAURÍCIO SIROTSKY SOBRINHO



Fig. 21

Uma das possíveis razões que levam a sociedade a apresentar este tipo de comportamento, seria a necessidade de impor reverência à figura do morto. Contudo, em Teixeira (1985) pode-se deslindar um outro aspecto. No seu entender:

"... as figuras símbolos projetadas pelas classes dominantes são belas de caráter e de físico. Herói não pode ser feio ... As galerias de fotografias de grandes nomes, bem como suas efígies no papel moeda são bons lugares para se averiguar esta situação"(p.19).

A marca da Fundação enaltece os aspectos mais marcantes do físico de Maurício. Mas, cabe à Fundação, igualmente, divulgar, enaltecer e preservar a beleza de caráter daquele que lhe cedeu o nome. Já ficou clara a existência de uma relação simbiótica entre a Fundação e a figura do fundador da RBS. Portanto, quando é prestada uma homenagem à Fundação ou para a sua Presidente Executiva, na verdade, quem está sendo homenageado é o Maurício.

A viúva, ao ser agraciada com a Medalha Negrinho do Pastoreio, pelo Governador do Estado, ratificou este simbolismo, ao dizer:

"... a cada nova etapa de trabalho, mais nítidas se tornam as lições que ao longo de minha vida, recebi de meu inesquecível companheiro Maurício, ontem e hoje mentor do que sou e do que faço"(Zero Hora, 14.01.88, p. 12).

Este vínculo entre a Fundação e a figura de Maurício, quando não é verbalizado, pode ser detectado, através de atitudes.

No mês de dezembro de 1987, o Ministro do Planejamento e o Secretário Especial de Ação Comunitária assinaram convênios beneficiando quatro obras sociais que atendem aos menores. O ato teve lugar, no salão nobre da RBS, uma vez que a Fundação agiu como intermediária no processo. Observando-se a foto que ilustra a matéria divulgada no jornal Zero Hora, do dia 22.12.87, p. 44, vê-se a viúva postada junto à foto oficial de Maurício, num gesto simbólico que remete o leitor à associação da figura de Maurício com o objeto da ação de cunho social, que estava sendo desencadeada.

Em um relatório elaborado, pelo coordenador de uma área afeta à Gerência Executiva de Recursos Humanos, em 20.11.87, lê-se:

"Todos nós, de certa forma, a partir de 24 de março de 86 ficamos órfãos e mais pobres espiritualmente, por isto acredito muito que a Fundação possa ocupar um espaço imprescindível junto aos corações e mentes dos profissionais RBS e suas famílias, promovendo o lazer, a cultura, o esporte e outras atividades sociais que resgate e mantenha o sentimento de 'gente, coração da RBS'."

Por outro lado será certamente uma forma de diminuir o espaço para a ação de sindicatos e outros interessados em criar discórdia em nossa grande família".

Estas palavras parecem sintetizar a idéia da Fundação como mantenedora dos princípios defendidos por Maurício Sirotsky Sobrinho, cabendo-lhe substituir, a nível de ações, a presença do líder falecido, inclusive, confundindo-se com a sua figura.



Fig. 22 A viúva situada próxima à foto de Maurício, enquanto eram assinados acordos beneficiando quatro obras sociais que atendem o menor

Foto: Zero Hora, 22.12.87, p. 44

#### 2.2.5.2 - A Memória RBS

À direita do saguão do prédio administrativo da Rede Brasil Sul, localizado na Avenida Érico Veríssimo, encontra-se a Memória RBS.

O espaço ocupado pela Memória apresenta dois ambientes, a Sala RBS, que retrata o presente e o futuro, e a Sala Maurício Sirotsky Sobrinho, que espelha o passado, cabendo à primeira uma área física, proporcionalmente menor do que a destinada à segunda. Todavia, a delimitação do local se dá mais a nível de objetos que configuram o tempo histórico e o tempo atual do que concretamente, pois não existe nenhuma divisória separando os dois ambientes, somente uma placa em acrílico com os dizeres: MAURÍCIO, sua vida, sua obra.

A Sala RBS está dividida em cinco segmentos: leitora de microfilmes, leitora de microfichas, VT em U-MATIC, terminal de computador e casseteira com o perfil das rádios da RBS. Esta aparelhagem destina-se a servir de apoio para a realização de pesquisas, permitindo acesso a matérias antigas publicadas pelos jornais, a fatos e informações sobre personalidades nacionais e internacionais, matérias específicas, além de matérias do telejornalismo, constantes nos arquivos da RBS TV.

Por sua vez, a Sala Maurício Sirotsky Sobrinho, que visa a contar a vida e a obra do fundador da RBS, encontra-se constituída de treze módulos, a saber:

- Módulo 1 - Primeiros Anos;
- Módulo 2 - Juventude em Passo Fundo;
- Módulo 3 - Casamento e Família;
- Módulo 4 - Rádio Gaúcha e Mercur (1957);

- Módulo 5 - Televisão Gaúcha (1962);
- Módulo 6 - Zero Hora (1964);
- Módulo 7 - Rede Regional de Televisão;
- Módulo 8 - RBS em Santa Catarina;
- Módulo 9 - Participação na Comunidade;
- Módulo 10 - Condecorações;
- Módulo 11 - Atividades Profissionais;
- Módulo 12 - Valores Pessoais;
- Módulo 13 - Homenagens Póstumas.

Com a colaboração de arquitetos foi possível transformar a sala, onde eram confeccionados os cestos de Natal entregues aos funcionários, em um local de reverência à memória do fundador da RBS.

O teto baixo, as paredes e o chão, recobertos com um carpete cinza e luzes indiretas, conferem ao lugar um aspecto solene, algo sacral.

Objetos de uso pessoal de Maurício confundem-se com os de uso profissional, mas dentre tudo o que está exposto nas vitrines, o destaque maior cabe à fotografia oficial, ampliada, de Maurício (última antes do seu falecimento), colocada bem próxima à entrada.

A importância desta foto consiste na sua característica sobrenatural. Trata-se de uma hierofania, isto é, da manifestação do sagrado em um objeto, pois já não é uma simples foto, mas pela aura que circunda este símbolo, ele passa a ser o próprio Maurício redivivo. Tanto isto é verdade, que os funcionários, principalmente os mais humildes, choraram ao visitarem, pela primeira vez, a Memória, além de retornarem ao local, como forma de cultuar a imagem do seu líder. A situação narrada enquadra-se naquilo que postulou Eliade (s.d.)

## PLANTA BAIXA DA MEMÓRIA RBS

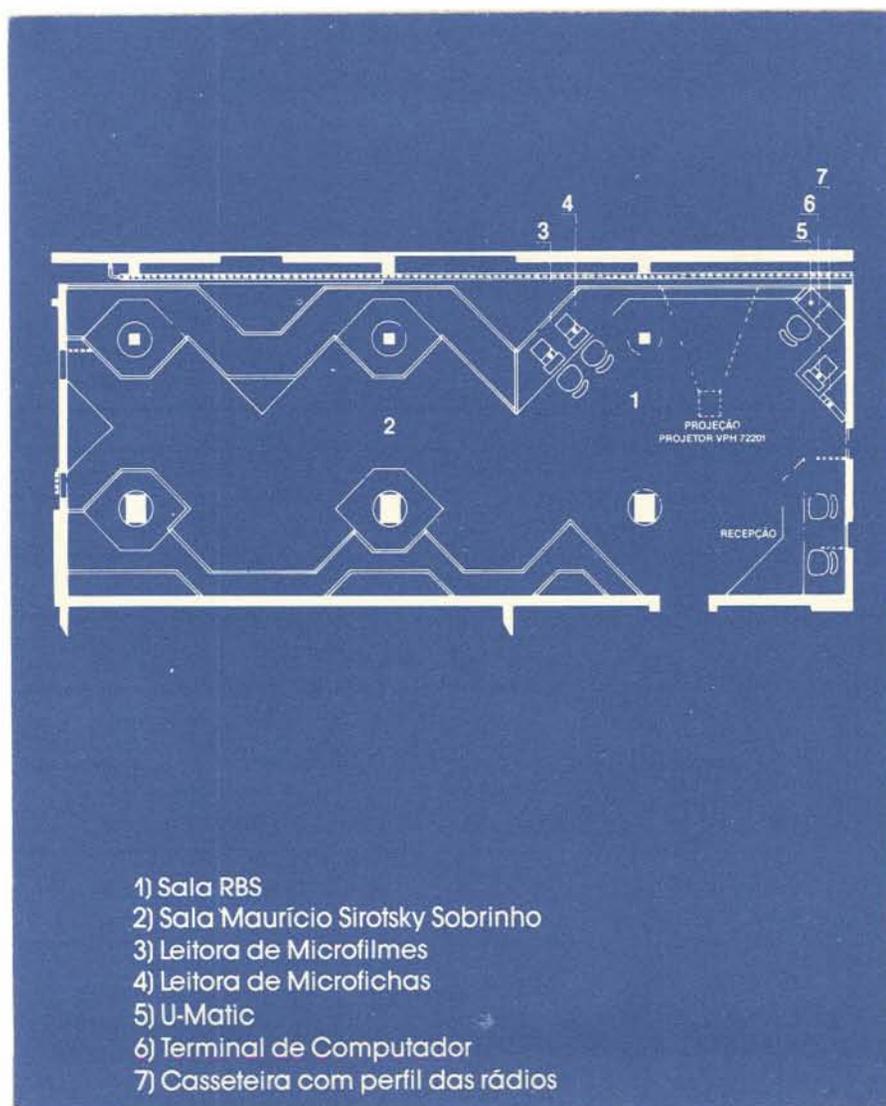


Fig. 23



Fig. 24

Sala MAURÍCIO SIROTSKY  
SOBRINHO

MEMÓRIA  
**RBS**

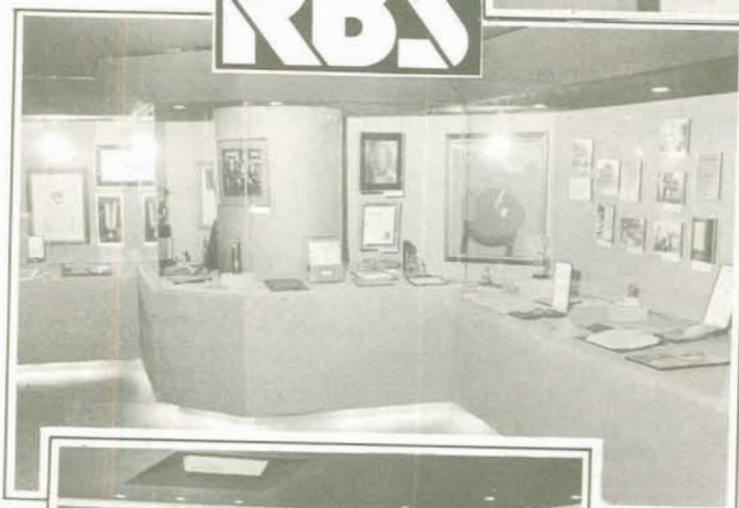


Fig. 25



Fig. 26

Sala RBS



Fig. 27 Sala MAURÍCIO SIROTSKY SOBRINHO

Foto: Boletim Informativo da FMSS

"Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra; aparentemente (com maior exatidão: de um ponto de vista profano) nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, a sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural" (p. 26).

Segundo a declaração de uma informante, que é funcionária da empresa:

"A Memória é algo que emociona, especialmente, a quem é da empresa e conheceu o Sr. Maurício, com a sua simplicidade, o seu dinamismo ...

O microfone emociona, pois mostra como uma pessoa que iniciou do nada pode chegar a um complexo como é a RBS, hoje".

O microfone, ao qual se refere a informante, é o da Rádio Passo Fundo, a ZYF - 5, doado à família Sirotsky e que se encontra exposto na Memória.

A visitação à Memória, por parte do pessoal da casa, antes mesmo dela ter sido aberta ao público externo, se deu através de pequenos grupos, tendo sido o da Direção Geral, o primeiro, seguido pelos demais escalões, até os níveis inferiores.

O público externo, que tem visitado a Memória, manifesta-se criticamente, questionando o porquê da ênfase maior dada à vida de Maurício Sirotsky Sobrinho, em detrimento da evolução, no presente e no futuro, dos veículos de comunicação do Grupo RBS.

A resposta fornecida, pelos funcionários da Memória ao público, é de que em um primeiro momento, a vida

do fundador da RBS se confunde com a própria história da empresa. Já está prevista uma segunda fase, em que haverá uma expansão da Memória, incluindo inúmeros materiais à Sala RBS.

Subjacente à resposta dada pelas funcionárias, mais do que qualquer outro fator, existe a necessidade de homenagear e cultuar a imagem arquetípica do Herói da Empresa. É preciso divulgar a sua vida e obra, para que os demais membros da sociedade possuam parâmetros pelos quais possam pautar suas próprias vidas. Deve-se mostrar como, através do trabalho e do esforço pessoal, pode-se conquistar um Império, garantindo assim, a manutenção do "status quo".

No dizer de Arantes (1987)

"... são muitos e variados os valores e concepções de mundo vigentes numa sociedade complexa e diferenciada ... sobre essas diferenças, alguns valores e concepções são implementados socialmente, através de complexos mecanismos de produção e divulgação de idéias, como se fossem ou deveriam se tornar, os modos de agir e de pensar de todos" (p. 10-2).

Daí que, conclui Arantes

"É essa na verdade uma das funções mais importantes (embora não a única) das escolas, das igrejas, dos museus e dos meios de comunicação de massa" (p. 12).

A Memória possui este viés, ao tentar inculcar algumas idéias do fundador da RBS, naqueles que compare-

cem ao local.

Logo abaixo da fotografia ampliada, frases ditas por Maurício Sirotsky Sobrinho, retratam a filosofia que norteava a sua linha de ação junto às empresas que compõem o Grupo RBS, servindo desta forma, de exemplo a ser seguido, pelos mais jovens, que visitam a Memória. São estas as sentenças:

"Nos momentos mais importantes de minha vida, sempre fui socorrido pela intuição que tinha dentro de mim. E sempre percebi o quanto é importante o homem em tudo aquilo que ele faz".

"Se tivéssemos que recomeçar, nós começariamos tudo de novo. Valeu a pena".

"Crescemos em uma época difícil, em um tempo nada favorável ao desenvolvimento de uma imprensa sem amarras".

"Liberdade é a condição essencial, imprescindível para a existência de uma imprensa comprometida com a verdade".

"Cabe à imprensa a grandeza de se orientar sob a égide do pluralismo democrático, que entende a controvérsia como o legítimo exercício de busca da verdade".

As idéias divulgadas, pelo material exposto, são complementadas com a entrega, ao visitante da Memória, de um prospecto mostrando o perfil das empresas. Neste impresso, tem-se as mensagens do fundador do Grupo, Maurício e do atual Presidente.

A defesa da livre iniciativa, da democracia política, pluralista e representativa, a ênfase na valorização do homem, na integração comunitária, a busca de novas tecnologias, o desenvolvimento de uma administração democrática e participativa, são postulados, claramente defendidos, sendo que na sua mensagem, o atual Presidente, reproduz toda a filosofia difundida pelo criador da RBS. No final dessa mensagem tem-se:

"Crescer com trabalho, fé no futuro e consciência nítida de suas obrigações sociais, é, em resumo a norma orientadora da RBS".

Os eventos realizados ou o comparecimento de personalidades para visitar a Direção Geral, no prédio sede da Rede Brasil Sul, passam impreterivelmente, pela presença na Memória, que assume assim o seu papel de propaladora de um exemplo a ser seguido, conforme pode ser constatado, no depoimento do presidente da Associação Riograndense de Propaganda, por ocasião de sua visita, "é sempre bom termos a imagem e o exemplo de um grande líder para que possamos vencer os obstáculos que a vida nos apresenta. No meu caso esse líder foi Maurício Sirotsky Sobrinho" (Zero Hora, 07.12.87).

Dáí concluir-se ser, a Memória, um local, onde o mito de origem da RBS é contado ao público interno e externo, repetidas vezes, situação em que Maurício é reverenciado como um ente sobrenatural, um deus, e a sua obra é tida como uma obra divina que deve ser admirada e preservada.

### 2.3 - A Morte de Maurício e as Representações do Mito do Herói

Henderson, discípulo de Jung, diz ser o mito do herói o mais comum e o mais conhecido em todo o mundo. Ele remonta aos tempos da mitologia clássica da Grécia e de Roma chegando até os dias hodiernos. Estes mitos podem apresentar variações quanto a detalhes, conservando todavia uma estrutura semelhante, guardando portanto, uma forma universal mesmo quando desenvolvidos por grupos ou indivíduos sem qualquer contato cultural entre si.

Nas palavras de Henderson (1987)

"Ouvimos repetidamente a mesma história do herói de nascimento humilde mas milagroso, provas de sua força sobre-humana precoce, sua ascensão rápida ao poder e à notoriedade, sua luta triunfante contra as forças do mal, sua falibilidade ante a tentação do orgulho (hybris) e seu declínio, por motivo de traição ou por um ato de sacrifício 'heróico', onde sempre morre" (p. 110).

A necessidade do homem de possuir símbolos heróicos, segundo Henderson, surge quando o ego precisa fortalecer-se, ou seja, quando o consciente solicita ajuda para algum trabalho que não pode realizar só, ou sem uma aproximação com as fontes de energia do inconsciente (Henderson, 1987, p. 123).

Em se tratando de Maurício, a construção e o atrelamento de sua imagem ao arquétipo do "Herói Cultural" é uma realidade presente. A maneira como isto vem se dando, desde a divulgação da notícia da sua morte até hoje, pode ser reconstituída a partir da farta documentação disponível, que inclui jornais e revistas, e ainda, obtidas atra-

vés de entrevistas, formais e informais, levadas a efeito pela pesquisadora.

As pessoas criam as suas representações baseando-se em inúmeros elementos conscientes e inconscientes, o que neste caso, bem como em muitos outros, foi, substancialmente, reforçado pelos veículos de comunicação, vindo ao encontro dos interesses dos proprietários da RBS que precisam manter vivo o mito Maurício.

O contexto cultural brasileiro privilegia, habitualmente, nos noticiários dos meios de comunicação do país, aquelas pessoas que, por seus feitos se destacam, nas suas respectivas áreas de atuação, ocupando o ápice da pirâmide social. Personalidades, economicamente bem sucedidas, do mundo artístico, intelectual, político e econômico, recebem por parte da imprensa escrita e falada, um acompanhamento quase que diário, tornando a vida profissional, destas pessoas, de domínio público.

As atitudes e o desempenho destes profissionais são enaltecidos fazendo com que milhares de ouvintes e leitores, de todo o país, fiquem cientes da grandeza de seus compatriotas. Isto se dá, porque ser trabalhador, é tido como um valor positivo a compor o caráter das pessoas, a tal ponto, que os aposentados costumam se sentir marginalizados, por estarem alijados do mercado de trabalho. Iniciar uma carreira com poucos recursos financeiros, ou seja, vindo de um berço humilde, permanecer no anonimato por algum tempo e, através do esforço pessoal, galgar uma posição de destaque, merece todo o respeito e a consideração dos demais homens. Tanto assim, que exarceba-se a humildade, o sair do nada, a ponto de isso se constituir em estratégia para ocultar o sucesso obtido através de procedimentos que

se divulgados seriam considerados ilegítimos. Todavia, cum pre destacar que esse "sucesso do nada" é muito difícil de ser alcançado, sendo o caminho de alianças impuras o preferido para a consecução de objetivos que visem a fama e a riqueza.

No âmbito da vida privada contudo, as pessoas com posses e poder, via de regra, são poupadas de manchetes sensacionalistas em torno de seus nomes, problemas com amantes, filhos naturais, alcoolismo e drogas, são "abafados", como se diz em linguagem popular. Estes dados só virão à tona quando outra pessoa, igualmente, poderosa tiver interesse em torná-los públicos, o que configurará um escândalo. Portanto, é possível concluir-se serem estas informações manipuladas de acordo com o poder em jogo.

Na atual conjuntura, a transparência nos campos profissional e privado, tem sido propagada com frequência. As práticas de corrupção, a obtenção de bens pessoais ilícitamente, hábitos domésticos de ostentação, vem sendo propalados e severamente criticados, isto reflete o momento brasileiro, no qual diversas forças disputam um espaço no cenário nacional, que se não puder ser alcançado pelos próprios méritos, poderá vir a ser por intermédio de críticas e do desmascaramento de outrem. Embora aqui também valia o princípio de que só será divulgado aquilo que houver interesse em que se veicule.

Como não poderia deixar de ser, a morte de uma figura eminente do cenário local, nacional e internacional, recebe, por parte da imprensa do país, um amplo espaço.

As circunstâncias da morte, a carreira, depoimentos daqueles que conheceram e conviveram com a referida

celebridade são os tópicos normalmente explorados, acrescidos de necrológicos e de fotos da personalidade.

Em se tratando do fundador da RBS, tal postura foi reforçada pois, além de ser uma pessoa influente no meio empresarial, Maurício Sirotsky Sobrinho era o Presidente de um grupo ligado ao ramo da Comunicação Social.

A solidariedade prestada à família e a divulgação por parte das empresas co-irmãs, do Rio Grande do Sul e espalhadas pelo resto do país, e mesmo do exterior, totalizaram um número elevado de manifestações de pesar.

Afora o Jornal Zero Hora, que noticiou a morte do seu fundador e Diretor-Presidente, nas edições dos dias 25 e 26 de março de 1986, outros jornais de projeção nacional, tais como: A Gazeta Mercantil; O Estado de São Paulo; O Globo; Jornal da Tarde; Folha de São Paulo; Jornal do Brasil e Correio Braziliense, noticiaram no dia 26 de março de 1986, o falecimento de Maurício Sirotsky.

O Jornal do Comércio, co-irmão local, também fez referências à morte do fundador da RBS em suas diversas colunas e, inclusive, no editorial.

As revistas, Isto É; Veja; Fatos; Revista Afinal e o Boletim Semanal (órgão oficial da Associação Comercial de Porto Alegre e Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul), também fizeram menção, em suas páginas, à morte do empresário. A revista Isto É publicou a foto de Maurício na capa, e abaixo dela, a seguinte legenda:

#### IMPrensa

"A morte de um lutador" (Isto É, 02.04.86)

A imprensa do exterior, igualmente, deu destaque à notícia. Em Montevidéu, no Uruguai, o jornal El País re-

gistrou o fato com a seguinte manchete: "Murió el director de la Red Brasil Sur de Comunicación", a matéria teve como ilustração uma foto de Maurício com o Presidente da República do Brasil. O jornal Últimas Noticias apresentou o seguinte título: "Murió Sirotsky, el creador de Zero Hora". Os jornais El Día e El Diario também renderam a sua homenagem a Maurício. Com a manchete, "Murió Maurício Sirotsky, puntal de comunicaciones" e a reprodução, em fac-simile, da capa de Zero Hora que registrou a morte do seu fundador, o jornal La Mañana, comunicou o ocorrido ao povo uruguaio (Zero Hora, 1º.04.86, p. 3).

A Televisão e a Rádio Gaúcha fizeram a cobertura completa da morte de seu fundador.

Na verdade, a leitura que pode ser feita a partir da divulgação dada à morte do empresário, é a de que houve uma auto-manifestação de pesar por parte de todos os meios de comunicação. Ou seja, ao veicular a notícia da morte de Maurício, a Imprensa estava solicitando a consolação dos demais ramos de atividade profissional, frente à perda por ela sofrida, já que Maurício foi um membro que obteve projeção dentro da categoria. Dois títulos de matérias refletiram bem este sentimento, "Luto nas comunicações" e "Comunicação perde Sirotsky no Sul", divulgados, respectivamente, por um jornal e por uma revista.

Este material oferece, ainda, um substrato importante para a análise das representações elaboradas pelas pessoas, bem como elucida as circunstâncias da morte, fato que colaborou para consubstanciar a figura mítica do herói.

### 2.3.1 - As circunstâncias da morte

O jornal Zero Hora informou aos seus leitores,

sobre a morte do seu fundador, através do seguinte texto:

"O jornalista e radialista Maurício Sirotsky Sobrinho, diretor-presidente da Rede Brasil Sul de Comunicações, faleceu, ontem, pouco antes da meia-noite (23h 50 min), no Instituto de Cardiologia, onde fora internado, às 18 h, após sentir-se mal em seu gabinete, no prédio central da RBS. De acordo com a informação dos médicos, foi vítima de aneurisma disseccante agudo.

Maurício Sirotsky Sobrinho, com 60 anos, estava trabalhando normalmente, no edifício de Zero Hora, quando sentiu algumas dores. Eram 18 horas. Examinado por seu médico, foi levado para o Instituto de Cardiologia, onde chegou em companhia dos filhos Nelson e Pedro. Cerca de meia-noite, teve uma parada cardíaca.

Nelson Pacheco Sirotsky falou com o pai, poucos minutos antes da sua morte e perguntou: 'Pai, vamos vencer esta?' Maurício respondeu: 'Está duro de vencer esta!'. E revelou que estava sentindo muita dor.

Os médicos comunicaram que fariam uma operação cirúrgica e ele responde: 'Olha, vamos devagar, heim!' E quando começaram a raspar os cabelos do peito, preparando-o para a cirurgia, comentou: 'Não corta a barba!' E faleceu.

Seu corpo será velado, hoje, no Salão Nobre do Palácio Piratini. Posteriormente será sepultado no Cemitério da União Israelita" (Zero Hora, 25.03.86, p. 3).

Por intermédio desta matéria, torna-se possível saber as circunstâncias da morte de Maurício. Tal conhecimento, assume importância, na medida em que, conforme Pa-

tai (1974), a morte física de uma pessoa tida como uma celebridade ou como um herói é um pré-requisito para o desenvolvimento do seu mito, bem como, a forma em que esta morte se deu. Uma morte inesperada, violenta ou trágica apresenta componentes favoráveis ao surgimento do mito. Acresça-se ao que já foi dito, os feitos realizados pela pessoa, em vida.

Conforme pôde ser verificado através da reprodução da notícia da morte, o fundador da RBS permaneceu no seu posto de trabalho, até o último instante da sua vida, ou seja, ele só o abandonou para ir morrer no Instituto de Cardiologia. Quando começou a sentir-se mal, Maurício estava no meio de uma reunião, não quis interrompê-la, preferindo verificar, ao término da mesma, a origem da sua indisposição.

Às 18h do dia 24 de março de 1986, Maurício entregou o seu crachá de identificação, como fazia diariamente, a um dos funcionários da portaria. O funcionário disse-lhe: "Até amanhã, seu Maurício", ao que ele respondeu: "Até amanhã" (Zero Hora, 26.03.86, p. 6).

Era de conhecimento geral que o fundador do complexo RBS, há cerca de três anos antes da sua morte, vinha fazendo tratamento médico, na tentativa de curar um câncer, que lhe fora detectado, na parótida. No mês de janeiro de 1986, Maurício realizou uma viagem para os Estados Unidos, ocasião em que se submeteu a exames, voltando com um diagnóstico que lhe assegurava estar curado. Durante todo o tempo em que lutou contra a doença, Maurício não deixou de trabalhar, o que sem dúvida, aliado a outros componentes do seu caráter, serviu para, após a sua morte, fortalecer a sua transformação em mito.

Se, ao ter-se configurado este quadro clínico, Maurício houvesse interrompido as suas atividades profissionais, recolhendo-se para a sua residência, ou se o mal tivesse atingido um estágio, que lhe obrigasse a ficar hospitalizado por um longo período, certamente, o impacto causado pelo seu desaparecimento, não teria se dado de maneira tão violenta. Por outro lado, nestas circunstâncias, a empresa correria o risco de ver-se envolvida, simbolicamente, pela doença do seu proprietário. A agonia de uma morte lenta, poderia transmitir a idéia de uma quebra de ritmo da própria organização, que possui como imanente, o dinamismo, as mudanças rápidas, fruto da velocidade com que o mundo, e por via de consequência, os meios de comunicação, se move. As alterações no quadro administrativo se processariam de maneira vagarosa, em face da expectativa de vida ou morte do Presidente.

Corroborando com as idéias expressas, anteriormente, um trecho de uma reportagem sobre o funeral de Maurício enfatiza:

"Apesar de estar com câncer, doença que o obrigou a passar por um período de tratamento e uma cirurgia nos Estados Unidos, Sirotsky continuava no mesmo ritmo de trabalho, aos 60 anos, trabalhando como no início de sua carreira. Mas, dominado o câncer, tinha boa disposição ultimamente. Por isso sua morte de um mal do coração foi surpreendente" (O Globo, 26.03.86).

Realmente, o inesperado se fez presente, no caso de Maurício, tanto que milhares de telespectadores, ao assistirem a Festa do Oscar, tiveram a programação interrompida e, no vídeo, o repórter da Rede Globo anunciou, para todo o Brasil, a notícia do falecimento do Diretor-

-Presidente da RBS.

### 2.3.2 - Maurício vive!

Ao teorizar sobre o surgimento da figura mítica de um herói, Patai (1974), conclui dizendo:

"... não existe nenhuma verdadeira figura mítica que esteja viva. Uma pessoa viva pode alcançar toda a sorte de distinções: torna-se herói, potentado, grande mestre, guru, capitão de indústria, objeto de adulação ou até de adoração e muito mais até, mas não se torna mito" (p. 109-10).

Uma das razões levantadas por Patai, para explicar esta sua tese, repousa no fato de que parte do mito tem a sua base sedimentada na negação da morte do herói, e na declaração de que ele está vivo.

A exaltação de que Maurício permanece vivo aparece em inúmeras fontes, onde os amigos referem-se à perpetuação de sua figura, através dos exemplos e da obra por ele deixada. Veja-se alguns destes depoimentos.

Segundo um jornalista que havia trabalhado sob o comando de Maurício e que na época do falecimento encontrava-se atuando em um jornal co-irmão:

"A obra deixada por Maurício vai pros seguir como se ele não tivesse se ausentado nunca. Os grandes homens não passam e foi ele um dos maiores que já cruzaram minha vida" (Jornal do Comércio, 27.03.86).

Um jornalista da RBS, que atua nos seus três veículos: rádio, jornal e televisão, finalizou a sua colu

na diária de Zero Hora, com as seguintes palavras: "Sempre te soube vivo. Assim te saberei sempre. Emocionado e emocionante ..." (Zero Hora, 26.03.86, p. 38).

Outra colaboradora do Jornal Zero Hora escreveu:

"As sementes por ele plantadas germinaram. O sonho continua. Perdeu-se o charme do líder; fica entre nós sua presença por toda casa. A vontade de acertar. Comunicar a verdade" (Zero Hora, 26.03.86, p. 3, 2ª cad.).

Um anunciante dedicou a seguinte mensagem: "Em vida, o Maurício era mortal. Agora ele é eterno" (Zero Hora, 26.03.86, p. 9).

O Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre, na época do falecimento, declarou o seguinte a respeito de Maurício:

"Nós esperamos que ele continue presente no Rio Grande, dando continuidade à sua obra, que certamente deverá ser levada adiante pelos seus filhos ..." (Zero Hora, 26.03.86, p. 19).

Na justificativa do projeto de lei encaminhado à Câmara, pelo Chefe do Executivo Municipal, sugerindo a troca do nome da Av. Ipiranga para Maurício Sirotsky Sobrinho (que não foi aprovado) tem-se:

"... homens como Maurício Sirotsky nunca morrem, permanecem para sempre na memória dos povos, como amplas veredas apontando para o futuro da humanidade" (Zero Hora, 13.05.86, p. 15).

Ao receber uma homenagem prestada à memória de Maurício Sirotsky Sobrinho pela ZYF-5, em Passo Fundo, a viúva de Maurício externou o seguinte pensamento: "Maurício viveu e vive no coração daqueles que o amam" (Zero Hora, 25.08.86, p. 5).

Por ocasião do primeiro ano de falecimento do fundador da RBS, o Governador do Estado do Rio Grande do Sul fez a seguinte declaração: "Maurício Sirotsky Sobrinho continua vivo entre os gaúchos, através de suas obras e de seus exemplos" (Zero Hora, 25.03.87, p. 15).

Na Zero Hora do dia 25.03.87, p. 39, tem-se:

"Maurício foi grande demais para que possamos dizer que já não está mais entre nós. Um verdadeiro HOMEM não morre enquanto seu trabalho perdurar.

Quem aprendeu a respeitá-lo e admirá-lo vê nele a imagem sempre VIVA de um líder. De um homem que amava profundamente o seu trabalho. Se ontem o exemplo a seguir era Maurício, hoje são os frutos do seu trabalho. A lembrança de suas idéias, de sua busca intransigente da verdade e da justiça social ..."

Ao sancionar a lei que trocou o nome de Parque da Harmonia para Parque Maurício Sirotsky Sobrinho, o Prefeito de Porto Alegre fez o seguinte pronunciamento:

"... como homem bom, devotado e amigo, ele sobrepujou até as virtudes de empresário bem-sucedido. E quando um homem é bom ele não morre, mas fica gravado no coração e na memória de sua comunidade" (Zero Hora, 27.03.87,p.7).

No programa realizado com o fito de homenagear o Presidente da RBS, um ano após o seu falecimento, levado ao ar pela RBS TV, a apresentação continha a idéia de que Maurício não morrera:

"Maurício não morreu, ficou encantado na obra que idealizou com firmeza, coragem e inteligência; no calor que transmitia; na liderança que exercia com naturalidade; no jeito de ser, se dar e trabalhar, vencer ..."

Este mesmo programa apresentou a trilha sonora de Alexandre e Z., Vá em frente Vá, que depois recebeu o nome de Ele, composta com a finalidade de recordar Maurício. A composição tornou-se um verdadeiro hino, em todas as solenidades, cujo objetivo seja o de cultuar o nome do fundador da RBS, a sua execução se faz presente.

A letra, de conteúdo mítico, reitera a idéia de que Maurício não morreu, conforme pode ser observado, na transcrição abaixo:

ELE

Alexandre e Z.

O mundo ganhou  
De Passo Fundo, um passo firme  
Ele chegou  
Modéstia à parte, muita arte  
Ele mostrou, no megafone a voz  
Na alma, a comunicação  
No auditório, as palmas  
E o carinho do povão  
Ainda na memória, somos fãs  
Um vício ver Maurício, nas manhãs

E ele jogou  
 A vida nesta construção  
 E ele gerou, para gerações futuras  
 O direito de acesso ao pão  
 São rádios, são jornais,  
 Mil brilhos na televisão  
 A rede foi tecida  
 Com firmeza e coração  
 Maurício um vício eterno que dá pé  
 O jeito é ter no peito essa fé  
 Vá em frente vá  
 Ainda escuto ele a dizer  
 Que a terra é fértil dá  
 E ele está tão certo  
 Ainda está bem perto  
 Sempre vibrando, ensinando,  
 Empurrando a gente  
 Vá em frente vá, vá em frente vá ...

Ao ser descerrado o busto de Maurício Sirotsky Sobrinho, no parque que agora leva o seu nome, dois anos após o passamento do criador da RBS, em 24.03.88, o seu filho, Vice-Presidente da RBS, proferiu um discurso assumindo a postura de quem conversava com o monumento, numa demonstração de que o busto assumira um aspecto sagrado. Ao simbolizar a figura de seu pai, o busto era o próprio Maurício, a quem ele dizia: "... tu estás cada vez mais vivo, na vida de cada um de nós".

Mas é, no depoimento da viúva de Maurício, que a teorização de Patai pode ser verificada de maneira explícita.

A entrevista realizada com a viúva, no dia 07

de março de 1988, portanto, dois anos após o falecimento de Maurício, permitiu que a pesquisadora obtivesse algumas informações sobre o comportamento de Maurício como pai e como marido. Outra questão, levantada pela pesquisadora, incluía a necessidade de saber como o fundador da RBS conseguia harmonizar a sua atividade empresarial com a vida familiar.

D. Ione externou o que segue:

"O Maurício para mim, foi o meu companheiro, o único que tive em toda a vida, conseqüentemente eu não posso fazer parâmetros. Quando nós casamos, em 1949, havia uma forma diferente de convivência familiar, do que a de hoje. Eram divididas as tarefas, a mulher ficava em casa cuidando dos filhos, cuidando da casa e o homem ia para a rua, em busca do sustento. Realmente, o Maurício foi um homem fora de série.

Antes de tu começares esta gravação, comentastes como ele conseguia conciliar o Império com a vida familiar.

Não era fácil para ele, porque eu sempre fui uma mulher muito ciumenta, muito ciumenta, e deixava transparecer este ponto, de forma que eu o incomodava bastante, eu o incomodava bastante. Mas, aquela pedra fundamental e angular no relacionamento, que era amor e respeito, fez com que conseguíssemos superar as fases difíceis da vida de um casal.

Eu não o enxergava como um mito, eu o enxergava como o homem que eu queria ver e ele me enxergava como a companheira que estava ao lado dele sempre.

Muitas e muitas vezes, trocávamos idéias, ele me fazia perguntas, sugestões.

Eu e meus filhos, na medida em que foram crescendo, nós admirávamos muito o trabalho do Maurício, do pai, de maneira que, sob este ângulo, para ele não foi difícil.

E, coisa engraçada, né, foi preciso que ele faltasse, para a gente ver o quanto ele era mito, que para nós nunca foi. Nós sabíamos que ele era um homem bastante conhecido, que tinha, como característica principal da sua personalidade, o seu carisma. Não entretanto, como nós convivíamos dia a dia, hora a hora, aquilo para nós era o comum, era o natural. Quando deixou de existir, foi que nós sentimos o quanto ele era uma pessoa fora de série.

Ele conseguiu algumas coisas que eu diria, hoje, impossíveis, como o fato de ter criado, de ter sido um dos elementos que criou a RBS, vivermos muito bem, em termos materiais, e nunca nos apercebíamos que isto ia acontecendo, pela simplicidade dele, pela forma dele ser, ele nos ia transmitindo, ele ia fazendo as construções de casa, ele ia fazendo a casa melhor, e ele ia comprando uma peça melhor e nós, não nos apercebíamos. Uma das características maravilhosas dele, ele sempre foi uma criatura muito humilde".

A narrativa da viúva de Maurício, reforça a idéia de que só com a morte física do herói, se configura o surgimento do mito.

Mas além deste aspecto, é possível extrair-se outras variáveis míticas, do discurso. Dentre elas, a idolatria ao Maurício, consubstanciada pelo fato da viúva reconhecer-se como ciumenta, e atestar que este elemento, componente da sua personalidade, fez com que ela "incomodasse" bastante o marido. Em nenhum momento, foi por ela

levantada a possibilidade dele ter sido o responsável por estas manifestações de ciúmes. Conquanto seja de domínio público ser a infidelidade conjugal um fator recorrente no meio empresarial. Inclusive a sociedade utiliza como símbolos, para representar a imagem do empresário bem sucedido, o assédio de jovens e belas mulheres, a posse de iates, carros de luxo, cavalos de corrida, etc. O acesso a estes "prazeres da vida", fica restrito aos homens que conquistaram uma sólida posição econômico-financeira, como forma de premiá-los pelo esforço despendido ao longo do tempo.

A viúva ao salientar, por duas vezes, ter sido o Maurício, um homem "fora de série" e, mais adiante, nessa mesma entrevista, acrescentar-lhe a qualificação de um homem "predestinado", estava fazendo uma narração de fé.

Como definiu Ribeiro (1987)

"Mito é uma narração com conteúdo de fé, um enredo que se crê com poder e valor de atualidade. No mito, há uma narração com emoção, onde o narrador procura preservar as qualidades do mundo".

O depoimento da viúva, que ocorreu em um clima de profunda emoção, levando-a às lágrimas, serviu para exaltar as qualidades de Maurício, numa tentativa de preservá-las.

Outro aspecto que não se pode deixar de abordar, diz respeito ao papel desempenhado pela esposa, após o falecimento de Maurício, quando ela começa a ganhar seu espaço na sociedade, embora sempre vinculada à imagem do marido.

Nesta pesquisa, sempre que se faz referência à esposa de Maurício, o tratamento utilizado é o de "viúva de Maurício", porque é a partir desta condição que ela começa a se destacar.

A viúva informou, na entrevista, que ao casar-se com Maurício, as suas atividades restringiam-se aos cuidados com o lar e com a família, sendo que a sua participação nas tarefas sociais das empresas só aconteciam quando o marido a convidava para colaborar em determinados eventos.

Esta postura, além de refletir o comportamento de uma época, onde o casamento era, praticamente, a única opção de vida de uma mulher, inexistindo ambições profissionais, guarda no seu bojo, até hoje, a idéia de que ao estar casada com um empresário, um diretor de banco, enfim com um executivo de alto nível, a mulher não deve trabalhar fora do lar, pois isto denotaria a mesquinhez do marido, ou ainda, o fato das suas empresas não irem bem, o que obrigaria o seu proprietário a escassear os recursos destinados à sua sobrevivência e à dos seus familiares. Mas tal leitura só é feita, quando a mulher ocupa uma posição inferior à do marido no mercado de trabalho. O mesmo não ocorre quando ela possui um lugar privilegiado profissionalmente.

Existe ainda, a opção de dedicar-se às causas sociais. A esposa de um homem bem sucedido, que se interessa pelos assuntos filantrópicos, encontra o apreço do meio social em que vive. Um exemplo típico é o das Primeiras Damas do País, dos Estados e dos Municípios a quem cabe toda a coordenação das atividades sociais relativas às respectivas esferas públicas.

Voltando-se ao caso da viúva de Maurício, somente com a morte do marido é que ela começa a trabalhar fora do lar, devotando-se às tarefas sociais.

A viúva assumiu a Presidência Executiva da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, como forma, segundo ela, de voltar a viver, pois em face do perfil de mulher que possui, a única maneira encontrada de suprir a lacuna deixada pelo seu marido, foi através do trabalho. As suas ações lhe garantem, assim, a sobrevivência (no sentido de um objetivo de vida), além de assegurarem a preservação da imagem de Maurício frente à comunidade.

Ao finalizar o depoimento, a viúva disse que a simplicidade de Maurício fazia com que passasse despercebido, pelos seus familiares, o fato de possuírem uma posição economicamente favorável.

Este último item é indicador seguro do comprometimento emocional e afetivo, embora compreensível, da viúva com a figura do marido (isso é axiomático), na medida em que teria sido praticamente impossível os familiares não haverem se dado conta da privilegiada situação econômica que desfrutavam e que como herdeiros, ainda hoje desfrutam.

### 2.3.3 - A exaltação das positivities

As matérias dedicadas a Maurício, por ocasião da sua morte, no ano de 1986, apresentam inúmeras referências em comum. A maior parte delas ocupa-se em enaltecer alguns componentes do caráter de Maurício, como a sua honestidade, o seu espírito empreendedor, a sua capacidade, a sua inteligência, a sua dignidade, a sua sensibilidade frente aos problemas sociais, o seu companheirismo, na me

dida em que, definiram-no como "amigo dos amigos", a sua exemplaridade como profissional.

A alusão ao amor de Maurício, pelo Rio Grande do Sul, além da sua preocupação com as causas mais abrangentes da sociedade, como a instalação do terceiro Pólo Petroquímico do país, no Estado e o bem-estar do menor constituíram-se em lembranças de destaque. Vale ressaltar que Maurício engajou-se na luta pela construção do Pólo, sabedor que era da importância que este teria para o Estado, em termos de desenvolvimento econômico tanto a nível da geração de empregos como de riquezas.

Quanto às manifestações de apreço à figura de Maurício, elas partiram de políticos, empresários, dirigentes partidários, amigos e funcionários.

No âmago de cada depoimento encontram-se palavras elogiosas como as anteriormente mencionadas. Tal ocorrência, longe de estabelecer uma exceção, corresponde a um fenômeno geral, pois as pessoas de conhecimento do grande público sempre recebem, por parte dos jornais, espaços onde é divulgado o necrológio das mesmas.

Cumprir ainda assinalar o caráter mítico que possui a presença constante, em todos os discursos, do local de origem de Maurício, alguns fazendo menção ao município onde ele nasceu, ou ao Estado, outros ao local onde iniciou a sua carreira ou mesmo ao município sede, onde ergueu o Império RBS.

Eliade (1986) teorizou

"No século XVIII e, sobretudo, no século XIX, multiplicaram-se as pesquisas concernentes não só à origem do Universo, da vida, das espécies ou do homem,

mas também à origem da sociedade, da linguagem, da religião e de todas as instituições humanas".

E complementa

"Há um esforço para conhecer a origem e a história de tudo o que nos cerca: tanto a origem do sistema solar quanto a de uma instituição como o matrimônio ou de um jogo infantil como a amarelinha" (p. 72-3).

Pode-se afirmar que o homem do século XX também sente esta necessidade de buscar a origem das coisas. Ao mencionar o lugar de origem de uma determinada personalidade, o homem moderno incide em um comportamento reminiscendente das sociedades arcaicas, pois corresponde à valorização da "origem", ligada à idéia de perfeição.

A própria família Sirotsky, objetivando desvendar as raízes de Maurício, esteve interessada em que fosse feita a sua "Árvore Genealógica".

Os homens sempre procuram enfatizar a origem das pessoas, cujos feitos tenham tido importância, no sentido positivo, para a coletividade. Portanto, as pessoas boas, os modelos perfeitos, ideais, merecem ser reverenciados, nominando-se a sua cidade de origem, o que significa dizer que, naquele lugar, nascem pessoas honestas, trabalhadoras e dignas.

Existe uma relação muito forte do homem com a sua Terra Natal. Este sentimento tem as suas raízes na hierofania cósmica da Terra-Mater, encontrada nas sociedades primitivas, onde a Terra é reconhecida como a Mãe

Universal. Todas as crianças vêm do fundo da Terra, das cavernas, das grutas, das fendas (Eliade, s.d., p. 149).

Mesmo nos dias hodiernos esta relação afetiva entre homem e Terra Natal se faz presente. Tanto isto é verdade que os poetas costumam cantar, em versos, as belezas da sua terra de origem.

A Terra Natal de Maurício, Erebango, inexpressiva política e economicamente, ganha as páginas do noticiário, em 1986, com a morte do seu "filho"ilustre.

E, volta a ser notícia, em 1988, por ocasião do plebiscito pela emancipação do local, até então distrito de Getúlio Vargas. Uma vez emancipado, o município comemorou o fato, no dia 5 de junho, prestando uma homenagem ao fundador da RBS, que se estivesse vivo estaria completando, nesta data, 63 anos (Zero Hora, 05.06.88, p. 3).

No que concerne ao Rio Grande do Sul, unidade da Federação onde Maurício nasceu e atuou profissionalmente, o atual Vice-Governador do Estado que se encontrava em Brasília, na época do falecimento do criador da RBS, teceu colocações, passíveis de serem analisadas.

Veja-se o seu pronunciamento:

"Perde o Rio Grande a sua maior figura no campo das comunicações. Ele soube criar, dia a dia, com grande coragem, talento e dedicação, uma empresa que é, hoje, um verdadeiro patrimônio de todos os riograndenses. Chocados com a notícia do seu súbito desaparecimento, resta-nos o conforto de seu grande legado".

E continuou:

"Legado este, que, seguramente, haverá de prosseguir, dirigido por seus sucessores, porque ele soube formar, ao seu lado, uma equipe à altura da empresa que criou com a sua luta, sobretudo os seus próprios familiares, que aprenderam com ele o sentido de um trabalho voltado permanentemente para a defesa dos interesses maiores da comunidade rio-grandense ..." (Zero Hora, 25.03.86, p.5).

Ao elogiar Maurício e a sua obra, não só o atual Vice-Governador do Estado, mas os demais gaúchos que teceram comentários semelhantes, estavam elogiando a si mesmos e a todos os seus conterrâneos. É como se nas entrelinhas, estivesse escrito: "Estamos elogiando o Maurício e a nós mesmos pela sua obra, pois se ele não tivesse nascido no Rio Grande do Sul, talvez não houvesse chegado aonde chegou. Os homens que lutaram pela terra gaúcha, nos primórdios, no passado histórico, legaram qualidades, como o pioneirismo, que podem ser verificadas no homem hodierno.

Corroborando o depoimento do hoje, Vice-Governador, o atual Governador (que naquela ocasião era Senador), externou:

"O Estado está com uma série de problemas, e Maurício foi uma das glórias deste país, porque enquanto tudo é dificuldade, ele foi um empresário bem sucedido e nos sentimos orgulhosos da RBS" (Zero Hora, 26.03.86, p. 18, grifo nosso).

Os discursos anteriormente citados, aliados a outras atitudes simbólicas, remetem à questão da identificação do povo gaúcho com a figura e a obra de Maurício. Dentre estas manifestações, destaca-se a do Tribunal de Con -

tas da União, que enviou mensagem de pêsames ao Governador do Estado. O Prefeito de Porto Alegre também determinou a suspensão de todos os eventos festivos alusivos à Semana de Porto Alegre, ordenando o hasteamento da Bandeira a meio-pau, diante do Paço Municipal, após a decretação de luto oficial, por três dias, em face da morte do Presidente da RBS. O Governador do Estado, igualmente, decretou luto oficial. A leitura destes posicionamentos simbólicos permite que se conclua, que a perda não foi só da família Sirotsky, mas de toda população riograndense.

Por outro lado, a valorização da conquista, por uma pessoa de origem humilde, de um espaço na sociedade, através do trabalho árduo, já referenciada, anteriormente, no início do item, pode ser encontrada diversas vezes, no material disponível para análise. Reproduzir-se-á algumas delas.

Segundo um Senador, Maurício

"foi um homem que cresceu por seus próprios méritos, acreditando no trabalho renovado a cada dia" (Zero Hora, 26.03.86, p. 19).

Já o Secretário da Indústria e Comércio do Rio Grande do Sul proferiu:

"Maurício Sirotsky encarna um período muito especial do nosso jornalismo, iniciado da forma mais humilde até chegar ao império que hoje representa a Rede Brasil Sul ... (Zero Hora, 26.03.86, p. 19).

A revista Isto É, de 02.04.86, traz ao longo da extensa matéria que dedicou a Sirotsky:

"Como Antônio Ermírio, Maurício Sirotsky construiu uma biografia e um patrimônio calcados no trabalho -- com a diferença de não ter iniciado a vida de empresário por herança, mas por empenho" (p. 24.5).

As classes dominantes tendem a se utilizar de exemplos de homens bem sucedidos, que começaram as suas carreiras humildemente, como forma de preservarem a manutenção do "status quo".

A base do discurso mítico, por elas narrado, é a seguinte: Se personalidade "X" começou do zero e chegou ao ápice da sua carreira como profissional, tornando-se empresário, qualquer cidadão, com trabalho e boa vontade, pode atingir este patamar, e isto só é possível, face ao sistema capitalista, onde a livre iniciativa, ocupa um lugar privilegiado .

Todavia, este discurso omite que milhares e milhares de cidadãos, por mais que se esforcem, não conseguem atingir posições de destaque, daí ser passível concluir-se serem os exemplos exceções e não regra geral. Isto pode ser confirmado, ao ter-se presente a relação existente entre o número de empresários e o número de empregados. Os últimos formam um contingente, substancialmente, maior.

Desta forma, igualmente, o enriquecimento através de meios ilícitos, como a sonegação tributária, os favores governamentais, comissões indevidas, acabam por serem ocultados, conforme foi visto em páginas precedentes.

O postulado encontrado por Barthes (1985), para explicar a razão deste discurso, é o seguinte:

"... o objetivo preciso dos mitos é imobilizar o mundo: é necessário que os mitos sugiram e imitem uma economia universal, que fixou de uma vez por todas a hierarquia das posses" (p. 175).

Barthes (1985) atribui o uso da metalinguagem como um privilégio da burguesia e da pequena-burguesia, isto porque

"O oprimido faz o mundo, possui apenas uma linguagem ativa, transitiva (política). O opressor conserva o mundo, a sua fala é plenária, intransitiva, gestual, teatral: é o Mito; a linguagem do oprimido tem como objetivo a transformação, a linguagem do opressor, a eternização" (p. 169).

#### 2.3.4 - Os funcionários da RBS e a narrativa do Mito do Fundador.

Ao entrevistar-se alguns funcionários da RBS, e cruzar-se os dados coletados, fica evidente a configuração do Mito do Fundador, a partir da morte de Maurício Sirotsky Sobrinho.

Diversos informantes disseram à pesquisadora, que as pessoas, com mais tempo de trabalho, na organização, comentam ter ocorrido uma mudança muito grande nas empresas, após a morte de Maurício. Alegam que quando ele estava vivo, havia algo diferente no ar, tudo o que ele dizia era acatado pelo corpo funcional, ele convencia a todos.

Para este pessoal, as demissões ocorridas, entre 1986 e 1987, não teriam acontecido, caso o Maurício estivesse vivo. Ele poderia optar por restringir todo o

tipo de gasto, menos com pessoal. Quando ele estava vivo, o verso do papel era reaproveitado, como forma de economizar material de expediente, mas o quadro funcional mantinha-se intacto.

No dizer dos informantes, o que acabou de ser transcrito, não caracterizaria nenhuma crítica à atual Diretoria mas, simplesmente uma constatação que merece ser referenciada.

Esta postura do fundador da RBS sempre foi explorada, a tal ponto, que no próprio "Manual de Integração", que era distribuído aos novos funcionários, ao tempo em que Maurício encontrava-se vivo, era possível ler-se na apresentação do mesmo:

"Para você, que está entrando na casa, portanto já faz parte da família RBS, algumas palavras do nosso Diretor-Presidente, Sr. Maurício Sirotsky Sobrinho:

'A minha maior satisfação, como empresário, é poder dizer que a RBS, enfrentando todos os naturais obstáculos da situação econômica nacional, atravessou os piores momentos da crise econômica sem que tivesse sido necessário dispensar qualquer funcionário por medidas de contenção de despesas'."

Aqui, cabe uma reflexão. É comum, os empresários, em seus discursos, justificarem a sua decisão de demitir pessoal como um reflexo da política econômica adotada pelo governo. Neste sentido, o empresário tenta evidenciar que a medida tomada lhe foi imposta pela conjuntura, logo ele não teve opção; a decisão não foi dele. Todavia, se o empresário decide por manter o quadro de pessoal, em um momento de crise, aí, a resolução foi dele e merece

ser enaltecida.

No caso de Maurício, contrapondo-se às percepções delineadas pelos funcionários, um membro da cúpula diretiva forneceu uma outra versão à pesquisadora, ao dizer:

"A RBS tem uma marca muito grande, um momento muito forte, quando o Maurício ficou doente. A doença do Maurício, que não foi a causa morte, digase de passagem, mas quando o Maurício teve câncer, que foi para os Estados Unidos, abalou muito mais a RBS, do que a morte dele, porque naquele momento, o processo decisório não estava em elaboração. Aquilo foi um baque, eu me lembro até hoje, quando veio a comunicação, isto faz anos, que o Maurício estava indo para os Estados Unidos e que tinha um câncer.

A Direção fez uma reunião com executivos -- naquela época, não tinham tantos diretores -- e o Jayme explicou, detalhadamente, qual era a doença do Maurício. Aquilo ali, abalou a casa, abalou. Nós ficamos muito mais preocupados com o que podia acontecer, porque o câncer tinha a expectativa, morre ou não morre, tu não sabes, tanto podia morrer como não, e ainda era, naquele momento, uma casa centrada nele.

Quando ele ficou doente e fez um tratamento e se curou, se desencadeou todo um processo de sucessão, estruturado, planejado e daí, foi a formação do Néilson. O processo de sucessão foi dirigido para formar o Néilson, o mais rápido possível.

O Néilson foi formado, e veio para Porto Alegre, assumiu como Diretor-Superintendente. Aí sim, a casa mudou, mais forte do que com a morte de Maurício, porque entrou um valor novo na

jogada, que é o jovem. A casa começou a esfriar, começaram a ser substituídos os valores do Jayme, do Maurício e do Fernando.

Porque a casa era o seguinte:

O Maurício definia a idéia, o Fernando jogava no céu, e o Jayme botava na terra. Este era o segredo da RBS, o iluminismo do Maurício, o arrojo do Fernando e o bom senso do Jayme.

Quando entrou o Néelson, entrou um valor novo no processo.

Não se esperava que o Maurício morresse, mas se sabia que ele iria morrer, poderia ser de câncer ou não, ele era um homem condenado, e se sabia que estava acontecendo um processo sucessório.

O Néelson não tinha o carisma do Maurício, e aí, houve uma mudança, começou a haver um afastamento progressivo da Direção, começou a se preservar mais a imagem institucional do Maurício. Ele começou a ser muito mais empresário só para fora, enquanto o Néelson foi internamente, assumindo mais o operacional.

Quando o Maurício morreu, o problema não era a morte, mas a solução da morte que já vinha sendo pensada há algum tempo."

Diante do exposto, é possível concluir-se que as mudanças já vinham ocorrendo há mais tempo. Os funcionários, porém, só se deram conta disto a partir da morte física do seu Herói, o que mostra a presença forte do mito, dentro da organização, pois talvez, se o Maurício estivesse vivo, teria optado pelas mesmas medidas adotadas pelos seus sucessores.

É exatamente a falta desta figura carismática,

que faz com que as relações trabalhistas se tornem mais difíceis, para aqueles que sucederam Maurício Sirotsky, na administração das empresas do Grupo. Tal sentimento foi percebido, com propriedade, por um gerente executivo que, em um relatório, datado de agosto de 1987, externou:

"A perda do líder carismático, seguida de um afastamento planejado da DG, da Diretoria Executiva, assumida por Diretores profissionais, provoca nos funcionários uma sensação de carência, que é agravada pelo difícil período por que atravessamos. Verifica-se então, o processo de 'desvestir a camiseta', que se manifesta, entre outros, sob a forma de pedidos de demissão dos mais antigos".

Apesar de terem optado por uma maior profissionalização das relações trabalhistas, inclusive, com a criação de uma Diretoria de Recursos Humanos, a questão salarial representa o problema mais crítico da RBS. Embora os benefícios, que fazem parte da remuneração total, possam ser satisfatórios, a polêmica gira em torno de melhores salários, tanto que os sindicalistas protestaram, pichando os muros da cidade, com os dizeres: "RBS - Rede de Baixos Salários" e, através de movimentos reivindicatórios como o "Finquei Pé".

Em uma reportagem da revista Exame, nº 385, de 16.09.87, p. 52, este confronto, entre a opinião da cúpula diretiva e a dos sindicalistas, aparece de maneira flagrante.

Nesta mesma matéria, o Diretor de Recursos Humanos alertava para a necessidade de cada gerente administrar os conflitos e falar em nome do seu pessoal. Um fun-

cionário, ao ler tal pronunciamento, disse ser esta a "piada do ano". Tal reação, reflete, de certa maneira, a baixa credibilidade do pessoal frente às mudanças que a empresa está tentando implantar, a nível administrativo.

O Diretor de Recursos Humanos encontrava-se bastante preocupado, na época em que estava para sair esta reportagem, com a repercussão que a mesma teria junto à Direção Geral, uma vez que ele fora o responsável pelas declarações dadas, em nome da empresa, o que serviu para demonstrar a existência de controles exercidos, sobre a cúpula diretiva, pela Direção Geral (composta pela família Sirotsky).

O paternalismo, o carisma e a magia vigentes, durante o tempo em que Maurício estava vivo, podem ser detectados, através de uma entrevista informal entre a pesquisadora e uma funcionária lotada na Central de Atendimento ao Funcionário (CAF).

A informante é servente, tem 59 anos, mora na Vila Restinga (área periférica da cidade), trabalha há 24 anos na empresa.

Segundo a sua narrativa, no começo, ela varava a noite, limpando 14 salas. Só na sala do Maurício, ela gastava duas horas, isto porque ele possuía muitos objetos, livros, etc.

Naquela época, eram só duas serventes para executarem todo o trabalho. Inexistiam firmas especializadas em faxinas, com um número significativo de empregadas, como as de hoje.

A informante diz ter trabalhado muito na empresa, principalmente, no início das suas atividades, período da sua vida, em que quase não dormia, pois trabalhava

durante toda a noite, e de dia, por haver muita gente na sua casa, especialmente crianças, o barulho a impedia de descansar.

Disse que não pode ouvir falar na morte de Maurício, porque foi uma perda muito grande. Ele sempre a cumprimentava, apertava a sua mão, perguntava como ia a sua família.

Hoje, são os filhos do Maurício, que a beijam e cumprimentam, e a imagem deles, faz com que ela, na sua representação, veja o pai deles, pois assegura que o jeito é o mesmo.

A informante diz gostar muito da família Sirotsky, "porque eles iniciaram pobres e hoje têm tudo isso".

No seu relato, ela conta ter trabalhado algum tempo sem carteira assinada, e que quando o Maurício soube, mandou assiná-la, imediatamente.

Atualmente, ela se sente mais tranqüila, pois trabalha das 12 horas às 18 horas, e um dos Diretores Superintendentes lhe disse para não se preocupar, porque a parte que lhe cabia, em termos de trabalho, já foi cumprida. Agora, eles só a mantêm na empresa, de maneira a tornar viável a sua aposentadoria, razão pela qual as tarefas que lhe são atribuídas se limitam a serviços leves, como por exemplo, servir cafezinho.

Ao analisar-se estas colocações é possível detectar, na simplicidade das palavras da informante, alguns componentes míticos.

Por exemplo, ao dizer que o Maurício, assim que soube do fato dela não possuir carteira assinada, providenciou, rapidamente, a regularização da mesma, a infor-

mante dava a entender, que tal atitude fora tomada como um ato de bondade, quando, na realidade, correspondeu a uma imposição legal.

Determinadas atitudes, quando partem de superiores hierárquicos, tendem a criar nos subordinados, especialmente, nos mais humildes, um sentimento de envaidecimento e são decodificados, como sendo fruto da bondade do chefe, como carinho para com os menos aquinhoados, etc. Esta era e é a percepção da informante quando, no passado, o Maurício, e no presente, os seus sucessores, beijam-na, cumprimentam-na, perguntando pela sua família.

Sob o enfoque antropológico, esta situação pode ser interpretada como uma reversão de status, onde o superior, ao descer ao nível do subordinado, mostrando-se ameno, sociável, humilde, confere ao inferior temporariamente, uma posição de destaque, de superioridade, o que serve para reafirmar o princípio hierárquico, pois reitera a força do poderoso frente ao fraco (Turner, 1974).

O superior não se contamina ao descer ao nível do inferior, embora não caiba ao subordinado o mesmo tipo de atitude, como por exemplo, tomar a iniciativa de abraçar o chefe, toda vez que o encontra, pois isto refletiria um nível de intimidade, não condizente com a diferenciação hierárquica. Tais atos simbólicos só são permitidos quando partem do escalão mais elevado, porque reiteram a sua superioridade.

No jornal Rabisco, veículo de circulação interna na RBS, cujo objetivo é a integração entre as diversas empresas do grupo, bem como dos vários departamentos de cada empresa, tem-se:

"Muitas e muitas vezes, os funcionários encontravam pelos corredores, na própria rua, a figura carinhosa e carismática, do 'seu Maurício', que sempre tinha uma palavra para cada um de nós, sempre surpreendia com um aperto de mão inesperado, um braço sobre o ombro, chegando a constranger no momento em que a atitude ultrapassava a barreira do formal, desmistificando a relação patrão-empregado" (abr. 1986, p. 2).

Na realidade, a atitude gestual do Maurício causava constrangimento, exatamente pelo fato dele não perder a sua posição de superioridade. Tal postura, ao contrário, era decodificada pelos subordinados como um procedimento nobre, de camaradagem, entre patrão e empregado.

Voltando-se às reflexões atinentes, ao depoimento feito pela informante, que exerce a função de servente, tem-se que a representação por ela elaborada, no que tange à origem humilde da família Sirotsky e à atual situação de riqueza deles, retrata a sua incapacidade de auto-inserir-se, no processo de geração de lucro. Dada a pouca instrução da informante, ela não consegue perceber que por mais simples que tenha sido o seu trabalho, ela colaborou igualmente, para a construção do Império RBS.

Ao mantê-la como funcionária, até a sua aposentadoria, a empresa não está tendo uma atitude filantrópica (até porque não é esta a diretriz de qualquer empresa), mas sim, encontra-se devolvendo um pouco daquilo que lhe foi extraído, em termos de mais-valia, e compensando o tempo em que a informante trabalhou sem carteira assinada, isto sem esquecer que a informante não se encontra totalmente ociosa uma vez que continua executando o seu trabalho, só que em um ritmo e em uma tarefa menos extenuantes.

A idéia divulgada, reiteradas vezes, da RBS como uma família, encontra-se sedimentada em procedimentos paternalistas, levados a efeito por Maurício, dentre eles, doações de casas a alguns funcionários. Um deles, ao externar a sua preocupação com o aluguel elevado, pois o seu salário era canalizado, quase que na sua totalidade, para esta despesa, recebeu de presente de Natal, do Maurício, uma casa de alvenaria com três quartos.

Tais pessoas são extremamente agradecidas à empresa, e possuem um papel importante ao divulgarem os feitos do Maurício para os demais membros da empresa. O discurso delas assume um efeito multiplicador, que acaba por chegar até os funcionários novos que entram para a organização, emocionando-os e fazendo-os crer no mito.

Em outubro de 1986, ano do falecimento do fundador da RBS, foi lançado o Rabisquinho, um jornal destinado aos filhos dos funcionários da RBS, editado no mês das crianças como maneira de homenageá-las.

No número 1, vê-se a representação da RBS como uma família, sendo disseminada entre os filhos dos funcionários, fazendo menção inclusive à figura de Maurício. Na página 2, tem-se:

"No mês de outubro, o Rabisquinho é a nossa homenagem em forma de jornal a todos vocês que são o bem maior da nossa empresa, de nossa grande família RBS".

E na mensagem do Diretor-Superintendente, para as crianças:

"Queremos que a RBS não seja apenas o local em que seus pais trabalham, mas que ela também seja lembrada como um segundo lar para todos nós que passamos tantas horas em suas dependências.

Nós temos nos lembrado constantemente de vocês. Queremos que vocês possam se desenvolver com saúde e boa educação. Vocês, aliás eram uma das grandes preocupações do tio Maurício, que tão cedo nos deixou".

Dois anos após o passamento do criador da RBS, ao ser prestada a homenagem pela Prefeitura, com o descerramento de um busto, no Parque, que leva o nome de Maurício Sirotsky Sobrinho, o atual Presidente da RBS, em seu discurso fez a seguinte referência:

"Queridos familiares:

Aqui começa a confusão, familiares também são todos os nossos companheiros da RBS ..." (Transmissão pela Rádio Gaúcha, em 24.03.88).

Segundo um Diretor da empresa, esta estratégia da Direção Geral, faz com que o corpo funcional se insira, no âmbito familiar, a tal ponto, que a pessoa acaba por se sentir membro da família Sirotsky, tornando-se susceptível às emoções deles, rindo com eles, chorando com eles. Na verdade, sob este aspecto, todos acabam sendo filhos do Maurício. Para exemplificar, o Diretor contou que os seus filhos eram, carinhosamente, chamados de "meus netinhos biônicos", pelo Maurício.

É este espírito que fez com que, na missa de sétimo dia, os funcionários lessem uma mensagem, compreendendo-se em seguir adiante, colaborando com o seu traba -

lho para o contínuo crescimento da empresa, assumindo a posição de herdeiros do legado:

"É triste dizer adeus, seu Maurício.

É triste saber que não lhe veremos mais. Que a sua presença querida, carismática, marcante, amiga, se vai. Fica a sua história. A qual todos nós seus funcionários, pertencemos. Uma história, sua vida, feita de feitos. Não é preciso enumerá-los. Todos sabem o que o senhor fez. É triste sentir que o senhor se foi. Resta a certeza de saber que a sua passagem aqui não foi em vão. Resta saber que hoje o mundo ficou um pouco melhor pelo senhor ter existido. Vamos continuar a sua história. No que depender de nós, ela continuará sendo grandiosa, pois é feita hoje com mais de 4.000 corações, 4.000 pessoas dispostas a fazer da RBS o que o senhor imaginou: uma empresa feita por gente para que a vida das pessoas seja mais humana, mais alegre, mais vida.

Obrigado, pelo senhor ter existido.

Obrigado, por termos tido a chance de lhe conhecer.

Obrigado, Presidente" (Zero Hora, 1º. 04.86, p.5).

Alguns funcionários viam o "seu Maurício" como um companheiro de trabalho e não como um patrão, em face da sua maneira de contatar com os seus subordinados.

É curioso que todos os funcionários, desde os mais graduados, inclusive a nível de direção, até os mais humildes, tendem a se utilizar do tratamento "seu Maurício", quando chamados a falarem sobre o fundador da RBS.

Na época em que o Maurício morreu, aguardava-se a possibilidade de visualizar o cometa Halley, daí porque, muitos funcionários criarem a representação de que o "seu

Maurício" passou a ser mais um cometa no céu.

Para finalizar, um trecho de uma reportagem elaborada por um jornalista da casa, publicada na Zero Hora, do dia 26.03.86, p. 10, traduz toda a aura mítica que, com a morte de Maurício, envolveu os empregados da RBS:

"O Maurício era essencialmente bom, uma criatura excepcional, que conquistava as pessoas e fazia amigos com uma espantosa facilidade. Não conheci nenhum inimigo seu, nem entre os seus empregados. Jamais o vi impor sua vontade pela autoridade. Ele convencia os outros que estava com a razão. Devotava um profundo respeito pelas pessoas com quem trabalhava e um carinho especial com aqueles de funções mais modestas. Mas a grandeza maior deste homem era a sua capacidade de esquecer as pequenas traições de pessoas em quem confiou e que não souberam retribuir. Ele costumava deixar o passado para trás e estender a mão pela segunda vez".

O conteúdo mítico deflue, basicamente, da afirmação, na narrativa, da inexistência de inimigos de Maurício, o que lhe confere uma capacidade mágica, acima do Deus Cristão, na medida em que o Filho de Deus possuía inimigos. Todo homem, por melhor que seja, sempre acaba por granjear inimizades, mesmo contra a sua vontade. Isto faz parte da existência humana e não há como se evitar. Dizer o contrário, é mitificar.

#### 2.4 - Considerações sobre este Capítulo

Julgou-se importante explorar a visão mítica do fundador, como forma de tornar inteligíveis os rituais que ocorrem na organização, pois estes trazem, no seu bojo,

explícita ou implicitamente, o mito Maurício Sirotsky Sobrinho.

Cumprе salientar que a RBS reproduz um procedimento comum nas grandes empresas que costumam, em seus rituais, narrar a origem da organização, reportando-se ao seu fundador como o pioneiro que, com muito trabalho, dedicação e esforço, galgou os patamares do sucesso, sedimentando as bases que garantiram a posição hoje ocupada pela empresa.

É possível observar-se uma mudança na forma, porém o conteúdo da narrativa mítica, apresenta o mesmo fundamento. Ao tomar-se como parâmetro empresários do mesmo ramo de atividade ver-se-á que as semelhanças tendem a se aproximar ainda mais.

No que tange às empresas do ramo da Comunicação Social é possível verificar-se uma certa homogeneidade, em se tratando de linhas sucessórias. Via de regra, a empresa passa de pai para filho, ou para outros parentes próximos, assegurando a concentração de poder nas mãos de uma única família, que se utiliza do mito do fundador para a manutenção do "status quo". Reportando-se, a nível de Brasil, tem-se, além da família Sirotsky, as famílias Mesquita e Marinho, (do centro do país), dentre outras, que corroboram com o que foi dito. O fato da maioria acionária e da administração ficar nas mãos da família do fundador, confere credibilidade ao jornal, pois a família avaliza aquilo que é veiculado.

Ao proceder-se à leitura da biografia de Maurício, tem-se que ele iniciou as suas atividades como locutor da Voz do Poste, alcançou sucesso como animador de programas de auditório, no rádio, e começou a criar o seu

Império, a partir da aquisição da Rádio Gaúcha, agregando mais tarde, a Televisão Gaúcha, a Rede Regional, a Zero Hora e o Diário Catarinense, que estava em fase de implantação, quando ele morreu.

Analogicamente, é possível ver-se despontar, na atualidade, personalidades cuja trajetória apresenta similitudes com a desenvolvida por Maurício Sirotsky. Uma delas seria a figura carismática do empresário paulista, Sílvio Santos. O seu mito não existe porque ele se encontra vivo, mas mesmo assim, a sua história de vida acena com todos os elementos para que a sua imagem venha a se configurar em um mito. Senão veja-se.

Sílvio Santos iniciou a sua carreira como camelô. Com trabalho ergueu um grupo de empresas, despontou como animador de programas de auditório, na televisão, vindo a se tornar o dono do Sistema Brasileiro de Televisão.

Outra similitude é que Maurício após alcançar o ápice da sua carreira de empresário, contraiu câncer. Sílvio Santos, ocupando atualmente uma situação invejável, encontra-se com problemas clínicos, na medida em que suas cordas vocais apresentam-se deficientes.

Na época em que Maurício faleceu, estava sendo entabulada a sua candidatura ao governo do Estado do Rio Grande do Sul. Sílvio Santos pensou em se candidatar à prefeitura de São Paulo.

No caso de Maurício, trabalhando-se, no terreno do hipotético, é bem possível que caso a sua candidatura houvesse se confirmado e ele tivesse ganho as eleições, a sua gestão não alcançasse a mesma expressividade, que a administração das suas empresas, em face da complicada situação financeira do Estado do Rio Grande do Sul. Isto,

sem dúvida, comprometeria a sua imagem mítica de um administrador de sucesso.

Embora os seus veículos de comunicação pudessem lhe ser úteis, no sentido de preservar a sua imagem, mesmo assim, pode-se dizer que a sua morte ocorreu em um momento de expectativa, de esperança na sua pessoa, dando margem à evolução crescente do mito.

A analogia desenvolvida, tomando-se por base a trajetória de vida de Sílvio Santos e de Maurício Sirotsky, deixou transparecer que, os pontos fortes das narrativas, concernentes aos fundadores, são os mesmos. A confirmação da sua passagem a mito irá se dar com a morte física, e será mais ou menos marcante, em função das circunstâncias do falecimento.

Os próximos capítulos mostrarão como os rituais praticados na empresa asseguram de modo institucional a reprodução do mito Maurício.